

O Ancião

Romance

Luiz Carlos Marques Cardoso

O Anciã

Romance

Luiz Carlos Marques Cardoso

É preciso dizer

Publicar um livro no Brasil é para poucos. Como sabemos da grande dificuldade, escolhemos a internet como meio para exposição desta obra. Estamos começando a dá vida a um livro, apenas temos um rumo, nasceu do nada, brotou na nossa mente o sugestivo título “O Ancião”. Será como um recém-nascido que carece de cuidados, com o tempo se tornará maduro até encontrar em uma curva do provir seu ponto final. Esperamos que este trabalho, que se inicia neste exato momento, venha a produzir saborosos frutos. Não pensamos em sucesso, apenas nos detemos na labuta de uma simples realização. Também não estamos aqui para agradar a sicrano ou a beltrano, até porque não buscamos o lucro.

Esta obra por muitas intempéries já nasce fracassada, mas mesmo diante da derrota muito se pode tirar, colher e mesmo ganhar conhecimento. Como é bom poder ditar as estradas, as ideias, sem ter que prestar conta à maldita ditadura do dinheiro. Hoje, a felicidade nos devora, a luz da vida se coloca sobre nós. Na falta desta vontade louca, o homem se transforma em lama; quando se tem luz, o futuro nos parece eterno.

“O Ancião” é uma obra desconhecida pelo próprio autor. Ela crescerá como um vida cheia de incógnitas. Apenas há uma luz, um sonho a ser alcançado. Conhecendo a sua essência, sabemos de antemão aquilo que é necessário buscar, aquilo que é importante fugir, as letras a serem digitadas; temos a consciência do trabalho que será realizado, apenas isso.

O começo de tudo já é mais da metade do todo. O primeiro passo já demos, o restante só será festa e folia.

A Viagem do Velho José

Quando se tem noventa primaveras, não podemos esperar mais flores, os próximos anos serão de penosos e inoportunos invernos. A idade é uma doença, já dizia meu sábio avô. O leitor não o conheceu, homem inteligente, nunca sentou em um banco de escola, mas a vida o soube ensinar direitinho. Até hoje, eu me lembro dele na velha cadeira de balanço, já na casa dos noventa e tantos, a dizer: “A idade por si só já é uma doença”. Agora chego onde muitos rios já passaram, sei e sinto os efeitos turbulentos desta tempestade que acolhe os espíritos destemidos, aqueles que venceram as fases anteriores.

- Vovô, o senhor está triste – disse-me Pedrinho.

- Sente-se aí, meu neto, vamos ter um dedo de prosa.

O garoto deixou ficar na calçada a olhar o horizonte, apanhou um graveto e começou a cavoucar o chão.

- Você acha que eu estou triste, Pedrinho?

- Acho.

- Estava pensando na viagem que logo mais terei que fazer.

- Viagem! Oba. Para onde, vovô?

- Uma viagem longa... Sentirei saudade de tudo isto.

- Mas depois o senhor voltará para cá, não é?

- A viagem que terei que fazer será para um lugar distante. Quando para lá se vai, nunca mais poderá voltar.

- Então não vá nesta maldita viagem, vovô. Fique aqui com a gente. Se o senhor for, eu sentirei muita saudade, vou chorar muito.

- Venho lutando há anos contra ela, mas as forças foram ficando pelo caminho, sinto-me no corpo a necessidade da partida. Meu neto saberá do que estou falando quando se transformar em um adulto.

- Eu posso ir com o senhor?

- Não. Não agora. Mas um dia voltaremos a nos encontrar nesse outro local.

- Vovô, eu não quero ficar longe do senhor. Quem irá contar histórias para mim?

- A vida dá-se um jeito, ela sempre coloca as coisas no seu devido lugar. Não se preocupe com isso não.

- Quando o senhor irá, vovô?

- Ainda não sei. Talvez nos próximos meses, ou se Deus for generoso para comigo, nos próximos anos.

- Eu nunca viajei. Como gostaria de conhecer o mar...

- Você já sabe ler, não sabe?

- Sei! Claro que sei.

- Pegue um bom livro e comece a ler, logo você estará viajando por muitos lugares bonitos, com tantas aventuras interessantes para sonhar.

- Eu tenho preguiça de ler. Eu gosto mesmo é de escutar suas histórias. Aquela do navio à deriva, dos marinheiros lutando contra a tempestade, dos trovões, raios a cortar as velas. Sonhei a noite toda. Eu era o comandante, foi uma batalha e tanto, no final, conseguimos vencer a temida tempestade.

- Hoje à noite, eu lhe contarei outra. Aguarde para saborear mais uma bonita história.

- Vovô, eu tenho que ir. Minha mãe me pediu para dá comida aos pintinhos.

O moleque saiu a correr, sumiu na curva da residência. Meus olhos seguiram-no com grande piedade.

- Já fui mais corajoso, sentindo a viagem frente a frente as pernas fraquejam, tenho muito medo. Será que não voltarei a ver nunca mais meu pequeno pedaço de terra, minha família, meus netos? Por que o mundo tem que ser assim, deste jeito e não de outro? Viajar sem o consentimento da gente. Que lei é essa?

O velho homem perdia o resto do tempo pensando na longa viagem. Perante a lei não é dado ao homem escolhas, apenas a obrigação de se cumprir o que manda a regra. Terá que viajar, querendo ou não, e acabou. Chore, esperneia-se, grite, pule, enlouqueça-se; não há alternativas; acalme-se e espere o trem chegar, entre no momento certo e vá cumprir com a sua obrigação. Você é mais um operário deste mundo imperfeito. A locomotiva segue sempre em busca da próxima estação, sempre colhendo gente pelas estradas sinuosas da vida, para levá-las ao outro lado da ponte.

Entreguei a velha cadeira de balanço à solidão da roça; de bengala deixei o local lentamente; privando-me dos raios solares e da fresca varanda.

Conselho bom vale ouro

O velho José estava na sua cadeira de balanço habitual, perdido nos mil pensamentos, nas lembranças da sua longa estrada, nos espinhos, nas

flores, nos dias que já não voltam mais os quais ficaram como marcas em sua mente que já começa a dá sinais claros de falha.

O sol estava deitando no horizonte oeste, os bichos procuravam seus lugares de repouso, a vida deslizava na sua tímida rotina diária a desfiar seu novelo de acontecimentos. No limiar da visão, um ser ganhava forma, pela silhueta percebia-se que se tratava de um homem, a cada passo avante, a visão que se tinha dele melhorava, agigantava-se. Não tardou e o senhor estava cara a cara com José.

- Que honra tê-lo em minha humilde residência – disse a ele com um leve sorriso.

- A honra é toda minha em poder conversar com um homem de grande sabedoria – respondeu-me o amigo muito satisfeito.

- Sou um analfabeto, um simples homem do campo. Sabedoria? Sabedoria é atributo aos graduados, qualidade que o amigo possui.

- A sua sabedoria vale mais que a dos estudiosos. O senhor é sábio e humano, virtudes raras nos atuais dias.

- Mas o que traz o amigo à minha porta?

- Venho em busca de um conselho. Desejo recebê-lo de graça, mas se for o caso, pago por ele.

- Conselho? Qual conselho um velho como eu posso oferecer a alguém como o senhor?

- Estou desesperado, já não sei mais o que fazer.

- É, vejo que o senhor passa por um momento difícil. Ser útil sempre é bom.

- Eu já fiz de tudo para tirar meu filho das más companhias. Ele participava com a juventude dos programas oferecidos pela nossa religião. Mas tudo parece farinha jogada ao ar, não nos traz nenhuma perspectiva.

- Se o amigo me bate à porta, é porque o caso é bem mais complicado do que o exposto a mim. Pelo o que o senhor me disse, não ouvi, mas deduzi, seu filho se tornou um dependente químico.

- Ele é um viciado. Sou um religioso. Ele não é meu filho de sangue, contudo um dos que Deus me confiou. Trabalho com cerca de cem

adolescentes, meu medo é colocar em risco a grande maioria por uma ideia louca de salvar um.

- Uma laranja podre a perder toda a carga. É algo a si pensar.

- O senhor me entende. Não quero colocar em risco noventa e nove por cento dos jovens na tentativa insana de recuperar apenas um. O problema é que não posso abandoná-lo a própria sorte neste mundo perverso.

- Vou lhe contar uma pequena história, depois o senhor tire suas conclusões, deduções. Aqui no Sertão, havia um vaqueiro destemido, homem valente, nunca perdera uma rês. Certo dia, ele tangia um rebanho de cem animais, fugiam da longa seca que devorava suas pastagens. Na frente do rebanho, ia uma vaca velha carregando um sinete no pescoço. O vaqueiro acompanhava ao fundo, a vaca velha à frente, ao meio marchavam às noventas e nove cabeças de gado. Na metade do caminho, um touro negro se assustou e fugiu loucamente pela caatinga seca. Naquele momento, as mesmas dúvidas, que o atormentam neste exato momento, feriam a mente dele. Era certo pôr em risco noventa e nove para se tentar trazer apenas um? O vaqueiro não pensou duas vezes, lançou-se na captura do boi fujão. O rebanho seguiu seu caminho guiado pela vaca velha. Da mesma forma que o senhor vem até um velho buscar um conselho, o vaqueiro usava o instinto apurado da vaca para guiar o rebanho.

- Como assim?

- Quantas vezes aquela vaca velha fizera aquele mesmo percurso? Ela sabia que estava indo para um local onde havia fartura de alimento. O vaqueiro tinha um guia e tanto.

- A experiência vale muito.

- O vaqueiro entrou no meio do mato e travou uma luta hercúlea com o boi preto. A experiência do homem fazia toda a diferença. Ele cercava o animal, esperava que o mesmo cansasse para no momento certo dar o bote. Foram três horas de muita correria. Suor precipitava pelo corpo do vaqueiro e do seu cavalo. O boi começava a perder força e vigor, abria a boca e deixava a língua cair para fora. De repente, a corda voou pelo ar, com pontaria de falcão o laço foi em cheio ao pescoço da presa. Com muito trabalho, o vaqueiro conseguiu arrastá-lo ao tronco de uma árvore. Amarrou uma corda em duas patas do animal, peou, o boi não mais fugiria. Devagar saiu a puxá-lo. Conduziu, lentamente, seu troféu rumo ao pasto verde feliz da vida. Ao chegar ao local predeterminado, ele encontrou seu

rebanho de noventa e nove reses, que foi guiado com muita maestria por uma vaca velha, a se fartar no pasto de uma baixada fértil.

- É uma história muito bonita.

- O vaqueiro não deixou à deriva noventa e nove para ir atrás de apenas um. As noventa e nove já estavam bem encaminhadas, elas não precisavam do vaqueiro a cobrir suas sombras; já o boi fujão, esse sim carecia da audácia do vaqueiro; se o vaqueiro o ignorasse naquele momento, o que para o boi a fuga era algo bom, mais tarde se transformaria em morte, certamente viraria banquete fácil às famintas suçuaranas, ou quando em decomposição, aos urubus.

- Eu não tinha pensado nisso antes.

- Deus não quer que as religiões salvem os abençoados, Ele deseja que vocês guiem à estrada de luz os irmãos que insistem em trilhar espinhos pensando estarem a caminho do céu.

- Mas o que eu devo fazer com o jovem do meu grupo?

- É difícil dizer. Será um trabalho diário. Nas recaídas nunca pense que você fracassou na luta, apenas se detenha na felicidade de saber que o trabalho gasto na obtenção de um fim foi feito da melhor forma e que com o tempo os doces frutos vingarão. Na vida, o que não precisamos é de pressa, pois tudo passa tão rápido, as coisas vão se encaixando como em um quebra-cabeça. Se o trabalho foi bem realizado e o resultado não tenha sido o esperado, não se culpe por isso, a sua contribuição foi ofertada a obra Divina. O resultado do trabalho não é impor seus desejos aos demais, apenas mostrar com a sua força de vontade outra direção ainda estranha ao viajante.

- O senhor tem toda razão. Preciso ter paciência.

- Não seja tímido diante das situações e a ninguém, errar faz parte. Com o tempo se ganha em experiência, mas se perde em força. Quando se tem muita força, precisa muito de inteligência; quando se tem muito conhecimento, carece de energia. Aquele que consegue dosar os dois polos será um grande vitorioso. É por isso que nenhuma criança e nenhum idoso conseguem a glória plena, pois lhes falta um dos ingredientes.

- Obrigado pelo sábio conselho.

- Muitos dizem um ditado: “Se conselho fosse bom, não se dava, vendia”. Não gosto muito deste dito popular. As pessoas apegadas aos vícios fecham os olhos para suas doenças. Nem todos estão preparados para receber um bom conselho. Se alguém me pede um conselho, ofereço-lhe de coração.

- Obrigado mais uma vez. Agora eu tenho que ir. Outro dia eu retornarei para prostrar mais um pouco com o senhor.

- Eu nem lhe ofereci uma xícara de café. Está cedo.

- Na próxima vez, eu prometo demorar um pouco mais. Boa visita é aquela que deixa saudade. Que Deus proteja o senhor e o seu lar.

- A sua vida também. Sucesso na sua empreitada.

O brilho do meu sol

Nas cidades pequenas do interior do sertão, existe um hábito de cada candidato, cada político, ir de residência em residência para conquistar os votos do eleitorado. Eleição por aqui é algo que inflama as almas, que faz os nervos ferverem, que rouba a amizade tornando em inimigos mortais pessoas que antes conviviam juntas. No tempo do voto, os cidadãos se transformam radicalmente, cada qual com a sua bandeira, com o seu chefe político, com a sua ideologia.

- Aquele dito não presta! É um canalha!

- Ele agora se bandeou para o lado daquele bandido safado!

- Mas deixe quando ganharmos a eleição, eu farei questão de ir jogar bombas no terreiro daquele vagabundo. Ele me paga!

No amadurecimento dos votos para a colheita nas urnas, não se fala em outro assunto a não ser na acirrada disputa. Antes de abrir os envelopes, não há vencidos, todos são vencedores. Os votos são contados casa a casa, pessoa a pessoa, cada lado atestando de pés juntos a vitória. É uma verdadeira batalha, de insultos, brigas, xingamentos, fuxicos e intrigas. No final, todos reconhecem que eleição só se ganha com muito dinheiro e um punhado enorme de ousadia. Por aqui, ninguém vota por votar. Ou têm suas vantagens, ou recebe boa quantia para se aderir ao candidato. Esta é a lei do sertão, se é certo, ou errado, ninguém se sabe, lei é lei, obrigação de cumpri-la ao pé da letra.

- Compadre Zé, como tem andado? Pela sua feição me parece um jovem de dezoito anos.

- Quanta honra tê-lo em minha humilde residência, Pedro Afonso. Já sou um quase defunto. Meus dezoito anos estão longe, bem longe no tempo.

- Amigo que é amigo sempre aparece.

- Vejo que o senhor traz muitos companheiros.

- São os meus correligionários. Gostaria de ter uns três dedos de prosa com o amigo.

Olhei ao grupo que se encontrava à retaguarda de Pedro Afonso, sem dizer nada, apenas as retinas explicavam algo; o visitante conhecedor, já foi logo ditando uma ordem:

- Amigos, eu vou ter uma conversinha a sós com o meu amigo José. Vão lá para a varanda, pegue uma caixa de uísque no carro, também o violão e junte o povo da redondeza para uma festinha improvisada. Daqui a pouco eu chegarei lá.

O pessoal deixou o recinto feliz da vida, a soltar sorrisos de contentamento.

- O bom que pouca coisa já faz a alegria do povão.

- Aonde o senhor vai esse pessoal todo está em sua cola?

- Tenho que mostrar minha força. Alguns desses aí, o que eu mandar fazer eles fazem, já têm outros que são covardes feitos a lebres.

- O que traz o amigo à minha residência?

- Com o senhor eu posso ser franco, pois o conheço de longas datas. Sei da sua honestidade, não careço fazer rodeios, nem mentir. Estou precisando de sua ajuda, precisamente, de seu voto. Sei que o amigo não está mais obrigado a votar, mas preciso muito de uma vitória esmagadora. Quero mostrar para aquele safado quem manda nestas terras. Ele era um dos meus, achou-se que poderia me derrotar, mas sentirá na pele a sua pior derrota. Ele me paga! Ou eu não me chamo Pedro Afonso.

- Foi uma grande traição a dele para com o amigo.

- Ele anda dizendo por aí que irá me derrotar, sequer sabe das minhas manobras. Vou contar-lhe algo que estou planejando e que será um grande

vexame para o coitado. O senhor não sabe, contudo ando enrabiado com a esposa dele. Ela não é lá essas maravilhas, mas é boa de cama. A decepção dele será nas urnas. Nas urnas, não, na urna. Na urna em que a esposa do safado vota, ele não terá sequer um único voto. Será a maior vergonha da vida dele. Vou comprar todos os votos da dita urna, o da esposa, esse já é meu garantido. Ele não sabe que mexeu com cobra peçonhenta, sou uma cascavel, uma jararaca. Vou esmagá-lo com meus próprios punhos.

- A coisa então está acirrada.

- Esta eleição é pura honra para mim. Tenho muito dinheiro, vou acabar com ele nas urnas. No final, ele não terá mais patrimônio, amigos, mulher e tão pouco honra. Será um insignificante verme!

- Eu irei sim votar no senhor, tanto eu quanto toda a minha família. Devo muito ao senhor. Quanto tem nos ajudado ao longo dos anos...

- Se o senhor precisar de remédio, carro para se locomover, dinheiro, ou qualquer outra coisa, é só me mandar pedir. Sou seu amigo, o senhor sabe bem disso.

- Eu sei de sua generosidade. A vida no sertão é dura, volta e meia precisamos da ajuda dos amigos.

- Tem mais: na festa da minha vitória, eu quero a presença do amigo lá. Vou mandar um transporte vir pegá-lo. Vai ser uma festança e tanto.

Deixamos a sala. Na varanda, estava uma farra só, os homens bebiam e catavam.

- Acabou a farra. Meu amigo José precisa dormir. Vamos fazer nossa festinha em outra residência.

Um dos mais chegados levava um caderno à mão e uma caneta, indagou ao candidato:

- Todos os oito votos são nossos?

- Pode anotar aí em sua caderneta mais oito votos. Vamos dá uma surra no nosso medíocre adversário.

José esperou o grupo se perder na escuridão. O barulho reiniciara na residência mais à frente, chegava apenas alguns ruídos das músicas cantadas, das risadas, das conversas em tom alto. O velho sentou-se na sua

cadeira de balanço e ficou a fitar a escuridão, a noite escura, o céu estrelado.

- No mundo onde se encontra um sol, em sua volta perambula milhares de seres apagados, ou com luz débil. A luz da estrela ofusca uma multidão de astros, mas estes sem o brilho alheio pereceriam por não saberem brilhar. Para muitos só há vida se na encosta de um rei houver irradiando energia. A existência desse pessoal todo só se justifica pelo sucesso de Pedro Afonso. Têm pessoas que nasceram para assim agir, faz parte da vida. O encanto, o perfume, o néctar das flores atraem as abelhas, cada ser procura em outros meios de subsistência. O que seria de nós na falta do Astro Rei? Sequer estaria eu neste momento fazendo minhas ponderações. Se o mundo é torto, é porque assim foi determinado que o fosse.

Olhou para as estrelas por algum tempo, vasculhou a memória, fez vez ao corpo que implorava pela macia cama e um quente cobertor, retirou-se para o descanso da noite.

Meu sonho se transformou em história

A vida nos coloca diante de situações que sequer imaginamos como explicá-las, apenas nos felicitamos por saborear o singelo momento, privilégio de quem vive. Por que precisamos dormir? Dormimos talvez porque precisamos sonhar. A vida sem sonho seria um padecimento sem fim. Quando descansamos bem, acordamos dispostos e felizes. São regras naturais que apenas podemos imaginar seus resultados, mas que ainda não nos é possível conhecer o real significado.

- Meus netos, não perturbem o sossego de sua avó. Vamos para a varanda, vou contar para vocês uma bonita história.

- Qual é a história, vovó? – perguntou Pedrinho todo animado e sorridente.

- A do marinheiro...

- Essa o senhor já contou para mim. Conte outra.

- Como? Nunca ninguém a conheceu antes. Eu a sonhei na noite que passou. Pense em algo fantástico. Se Deus quisesse tirar-me a vida e me lançar no mundo maluco dos sonhos, iria contente, nunca mais olharia para trás. É gostoso demais sonhar... A vida talvez seja um desses sonhos esquisitos.

Na residência do senhor José, encontravam-se cinco garotos, todos na flor da criancice. José na sua solidão diária se alegrava com a presença dos pequenos. Durante o dia, saía com eles a passear, tomar banho no córrego, montar a cavalo, catar frutas no pomar, sempre acompanhados por um dos ajudantes da fazenda. As crianças não paravam de indagar sobre os nomes dos bichos, das plantas, de tudo. O idoso com toda a paciência do mundo, colhida pelas estradas dos anos, respondia a cada curiosidade com um sorriso nos lábios.

- Este pequeno animal é uma lesma. Esta plantinha chama-se cansaço, se levar a mão nela, o corpo enche de bolinhas, dói demais. Aquele pássaro da cabeça vermelha é um cardeal. O cavalo negro foi apelidado de Meia Noite.

O avô seguiu à frente e seus netos a sorrirem o seguiam maquinalmente logo atrás. Na varanda, olhou para os lados, sentiu frio, tudo escuro.

- Crianças, vamos montar uma pequena fogueira. Está frio, sentaremos ao redor dela.

Em poucos minutos, o fogo já começava a consumir as galhas da Jurema Preta, do São João e da Algaroba. Ao lado foi posta a cadeira de balanço e um banco. José ficou sentado frente a frente com a garotada. Era o professor e seus alunos.

- Pois bem. Vamos começar. Na noite passada, eu tive um gostoso sonho. Sonhei que estava em um navio no meio do mar. Por onde o olhar alcançasse se via apenas água, um mundo feito apenas de líquido, era tanta água que se jogasse no Sertão, far-se-ia virar mar. De repente, vi um dedo apontar o horizonte. Algumas conversas. “Lá tem uma enorme tempestade. Deveríamos mudar o percurso”. O barco continuou em sua rota, ia de encontro ao monstro. Os marinheiros estavam todos apavorados, sentiam-se o iminente perigo. Vi um homem comandando o barco, levava no ombro esquerdo um papagaio que não parava de falar.

- Marinheiros, não se preocupem, nós vamos vencer aquela tempestade – disse o Capitão confiante.

- Seria melhor fazermos o contorno para fugirmos desse monstro, Capitão – afirmou um dos marinheiros temeroso.

- Já não existe mais tempo. O melhor a ser feito é passar por ela o mais rápido possível. Comigo no comando, não há risco de derrota, sou um marinheiro experiente, o rei do mar.

A embarcação foi lentamente sendo engolida por aquele monstro negro, devastador, assustando com seus trovões, ameaçando com os poderosos raios. O vento soprava forte e com ferocidade, as ondas elevavam-se a muitos metros. O barco subia e sumia no sacolejar das ondulações oceânicas. O fim estava próximo, marinheiros obedeciam às ordens do Capitão. No comando, a segurar o timão, o homem gritava, enquanto sorria de contentamento.

- Sou invencível! Mostre-me sua força, Tempestade! Sou o grande Capitão Lampião, rei dos mares. Vamos, marujos, remem! Venceremos este monstro. Um bom marujo nunca foge de uma aventura arriscada. A glória só chega aos corajosos e aos destemidos. Que venha o monstro.

A embarcação continuava a subir e a descer no ritmo alucinante dos acontecimentos, estava já no centro da tempestade, a ventania era medonha, ninguém escutava mais nada a não ser os efeitos produzidos pelo monstro. Os homens agiam por instinto, o barco teimava em prosseguir, parecia rodopiar no centro da tempestade. Em certo momento, uma saraivada maior de vento tirou do ombro do Capitão o querido e amigo papagaio, este sumiu no escuro daquele tumulto, o outro continuou na luta pela vitória. Foram horas enfrentando a força da tempestade, fugindo da morte.

Havia vencido o monstro, nadavam em mar manso, apenas sol, sequer se via um leve vento soprar a barba.

- Capitão, cadê o papagaio? – perguntou um dos marujos.

- A tempestade o tirou dos meus ombros – murmurou o capitão.

- Então ele foi nossa única baixa.

- Ele é igual a mim, forte e destemido, logo retornará para minha alegria. Não será um pequeno monstro que lhe tirará a vida. Vamos ficar por aqui a esperá-lo. Logo estará de volta.

Os marujos aproveitavam a calmaria para fazerem os reparos na embarcação. O Capitão deitou na sua rede e dormia tranquilo, tamanha era a certeza do regresso do seu companheiro. Passadas três horas, um grito, e a euforia se fez na embarcação.

- Vamos, marujos, vamos vencer o monstro! Remem, marujos, remem! – gritava o papagaio. – Cambada de frouxos. Reme, não parem. Marujos, vamos vencer o monstro.

O Capitão abriu os olhos e viu sobre o mastro o seu fiel amigo, o papagaio.

- Demorou, pensei que não viria mais. Marujos, avante! Remem! Remem, marujos! O mar é nossa casa.

- Remem, marujos, remem! – repetia o pássaro. – O mar é nossa casa! Papagaio tem fome, Capitão! Papagaio tem fome! Quero café, quero café!

O Capitão e toda a sua equipe viviam a vencer os desafios do mar, era uma vida de aventuras, de lutas, de sacrifício e de uma glória unicamente pessoal. Seus feitos não eram divulgados ao mundo, tudo se resumia naquele pequeno espaço flutuante; embarcação que nunca estacionava por muito tempo, se agora estava neste ponto, daqui a pouco, ninguém mais saberia do paradeiro, havia sumido na imensidão azul do assustador oceano.

As batalhas contra as intempéries naturais tornaram-se rotinas. O Capitão sempre a exaltar sua força, sua vivacidade, seu poder. “Sou o rei dos mares!” – bradava ele a todo instante. Nos momentos mais difíceis, o homem sempre à frente a zombar da Natureza: “Sou destemido, sou mais forte que seus truques, eu sou o Capitão Lampião, rei dos mares!”.

- Vovô, Lampião não foi o rei dos cangaceiros? – interrompeu Pedrinho curioso.

- Não tenho certeza que seja a mesma pessoa, mas tudo indica que sim, pois o Capitão carregava no rosto a tampa um dos olhos um lenço. Se Lampião do cangaço foi cego de um dos olhos, o Capitão Lampião, também o era.

- Dois capitães iguais– complementou o neto abismado.

Os dias se seguiam como a rezar o terço, um a um, um a um, até recomeçar novamente no ano seguinte. Mas quem vive no mar perde o tino com os dias, tudo é uma coisa só, apenas existe a rotina dos afazeres, tanto faz ser sexta, domingo ou feriado santo, a vida se concentra em apenas sobreviver cada dia por vez.

Em uma das paradas que fez, a embarcação atracou em uma cidade de Portugal, famosa, de nome Coimbra. Descascaram por mais de mês. Nesta parada, o Capitão conheceu uma adolescente que amava o mar, em poucas horas, os dois transformaram-se em uma coisa só, o amor os acorrentou um ao outro de forma insana e perpetua. O navio ganhou as ondas levando no seu interior mais um tripulante. O Capitão estava apaixonado, estava feliz,

a moça se mostrava de igual modo. O homem ganhou ainda mais força e coragem, nada o impedia de conquistar seus objetivos.

Certa manhã, os marinheiros travaram uma batalha que pendurou por quase trinta horas contra um gigante do mar. Uma baleia fora morta a arpões. Nessa luta, o barco quase virou, mas vencer o poder do Capitão não era tarefa fácil, até aquele momento, nada tinha conseguido tal feito. O poder do Capitão só aumentava.

Os anos foram se passando, o amor entre os dois crescia a cada hora, eram dois seres marítimos, conheciam como ninguém o mar. Corridas cinco primaveras floridas, entrava no primeiro inverno pessoal, uma manhã chuvosa e fria, o amor do Capitão ao deixar a cama chora copiosamente ao se sentir doente. O Capitão entrou no quarto e deparou-se com a amada aos prantos.

- Está doente, maruja?

- Olhe! – mostrou a mão suja de sangue.

- O que quer dizer esse sangue?

Ela espirrou três vezes, espirros pesados. Pelos cantos da boca o vermelho do sangue escorria.

- Meu Deus! – gritou o Capitão.

- Eu vou morrer – disse a moça.

Todos os cuidados foram tomados para preservar a saúde da enferma. A doença era grave, tão grave que não havia perspectiva mais de sobrevivência, pouco tempo e o fim se chegaria à porta.

Pela primeira vez na vida, o Capitão chorou, era a sua primeira derrota frente aos poderes naturais. Sentado na proa ficou a olhar o horizonte, tentava entender os últimos acontecimentos.

- Estou de mãos atadas – dizia a si mesmo o Capitão. – A vida já não depende mais de mim. Sou um verme, um inútil! Já enfrentei os mais temidos medos dos mares, mas não consigo fazer nada para sanar uma maldita doença. Quantas vezes gritei que era invencível. Agora a natureza me pune da pior maneira possível, retira da minha convivência quem eu tenho mais apreço. Isso é covardia! Por que não eu? Eu é que mereço punição. Usou a fraqueza do coração para me feri ferozmente. A natureza

sabe nossos pontos fracos, ela sempre esteve no comando, fui iludido com minhas pequenas glórias. Sou um verme! Sou um maldito verme!

Passados cinco dias, em um final de tarde, quando a noite engolia os últimos raios solares, a senhora do mar fechou os olhos e dormiu para toda eternidade, adentrando nas águas escuras do desconhecido. Ela estava deixando para trás um homem aos pedaços, um ser desprovido de luz, um corpo sem alma. A morte da amada matou também o amado, porém este deveria sofrer as dores da solidão, as amarguras de quem conheceu o amor. As manhãs já não seriam tão alegres, o mar já não teria mais aroma de aventura, a lua era apenas um ser a mais no céu, a angústia e o peito comprimido seriam os grilhões que o Capitão teria que arrastar pelo resto da sua miserável existência. A glória se transformou em punição.

O corpo da senhora do mar foi enrolado em um pano branco. Um jovem marinheiro proferiu algumas palavras da Bíblia e por fim rezou o Pai Nosso. O cadáver foi lançado ao mar nas primeiras horas do dia. O navio se distanciava, para trás um corpo boiava para em poucos minutos sumir na imensidão azul. O amor que fez unir estraçalhava naquele afastamento obrigatório da lei universal.

- Sequer tenho uma rosa para lhe dá neste instante, minha querida. Que homem sou eu? Um ingrato talvez? O que fiz da minha vida? Já não presto mais. Ó imenso Mar, tanto que o enfrentei e até no momento nunca havia perdido uma batalha para você, mas de uma só vez você em um cheque mate me ganhou a guerra. O que será do guerreiro, sem suas armas? O que será de mim, sem meu amor? Não sei por quanto tempo suportarei o aperto que sinto no meu coração. Arde! Queima! Devora-me!

O corpo sumia na ponta do horizonte, apenas um ínfimo sinal o indicava. A distância dos corpos mutilava o relacionamento tornando o amor em tristeza profunda.

- Meu amor, a Natureza me tirou você. Sinto-me um derrotado. Ela conhecedora da fraqueza dos homens me ofereceu sua simpatia, apaixonei-me, perdi-me na penumbra de um sentimento devastador, agora tonto vejo que cair nas armadilhas da Natureza. Mas se ela foi minha perdição, foi também meu encontro comigo mesmo. Amo-a muito, a ponto de tê-la por todos os instantes em minha mente. Que Deus a ilumine. Um beijo do seu eterno Capitão. Onde você estiver, lembre-se deste homem apaixonado.

O Capitão Lampião continuou desafiando a Natureza, o restinho de medo que ainda insistia em existir no olhar fora perdido, era como se fosse um louco, um mármore, para ele a morte não tinha nenhum valor, pois a vida

perdera todo o brilho no momento da morte da amada. Seu barco nadava sobre as ondas, voava feito um pássaro. Ele sempre a gritar que nada o seguraria.

- Somente a morte, ó Natureza! Somente a morte! Sou forte, valente e sei como lidar diante das suas ameaças veladas. Por isso lhe digo: somente a morte!

A existência do Capitão tornou-se em um pesadelo eterno, já não tinha mais gosto pela vida, tudo cheirava saudade, lembranças da amada. Continuava a desafiar as forças naturais, era um destemido do mar, um homem à beira da loucura, insano talvez. Cruzava os mares, nunca permanecia por muito tempo em um único lugar, ninguém sabia qual o rumo que a embarcação tomava, quiçá eles. Era um naufrago em plena vida à procura de um porto para estacionar.

Certa tarde, eles avistaram bem distante sinais de uma tenebrosa tempestade. Os olhos do Capitão faiscaram. O que se passava na mente daquele ser? Ninguém sabe ao certo. A embarcação ia em direção ao monstro.

- Capitão, desvie a rota. Nunca vi algo assim em toda minha vida – gritou um dos marinheiros perplexo.

- Sempre sonhei com este momento. Como posso fugir diante da conquista de um sonho? Agora veremos quem é o mais forte: eu ou a Natureza?

- Nós todos iremos morrer!

- Todos nós morreremos um dia. Está com medo? Quem teme o futuro, morre todos os dias.

A embarcação caminhava lentamente, era o amor do monstro para com ela, logo os dois se tornaria numa coisa só. A água foi se agitando, o vento aumentando o seu poder, trovões pareciam abrir o céu ao meio. O comandante sério e resoluto não mostrava sequer um pinga de receio.

- Como esperei por este momento, ó Natureza! Vamos medir nossas forças. Nesta batalha aposto todas as minhas cartas.

O barco navegava loucamente em meio à insanidade do evento natural. O Capitão ditava as ordens e conseguia manter-se em pé. O duelo se seguia alucinante, os dois lados medindo forças, a disputa era igualitária. O maior

duelo que o mar já presenciara. Raios, ventos, uivos de fúria, ondas, tumultos, uma verdadeira loucura.

O Capitão permanecia fixo no seu objetivo, vencer o monstro. A disputa caminhava-se ao fim, poucos metros e a embarcação conseguiria transpor o tumulto. Um raio f piscou à frente da embarcação, os olhos do homem se arregalaram, na sombra deste clarão a imagem do rosto da amada. A faísca acertou o mastro, que partiu. O Capitão a segurar o volante sentiu uma friagem tomar o corpo, sangue escorria pelos lábios. Os olhos continuaram fixos na imagem da amada, ela foi se aproximando aos poucos, lentamente... levou a mão em direção a ele, o homem a agarrou com toda força, ergueu-se e partiu acompanhado pelo mais doce dos sonhos. Extasiado nem se deu conta que andava sobre as água, o amor lhe enchia a alma, o mundo dele se resumia na amada que o conduzia ao paraíso.

O corpo do capitão foi transpassado pelo mastro quebrado; sem vida, ainda segurava o leme da embarcação, os olhos vivos estavam fixos na luz do além. Imediatamente, outro marinheiro assumiu o comando, sequer teve apreço pelo defunto, de imediato lançou o corpo ao mar. E a vida da embarcação prosseguiu oceano afora. Ninguém mais se lembrava do capitão que se perdeu pelo passado, para eles o que importava era exclusivamente o presente.

- Vovô, quando a gente sonha, geralmente quem sonha participa do sonho. O senhor foi quem nesse sonho? – indagou Pedrinho curioso.

- Eu era a Natureza.

- A tempestade? Como o senhor acordou desse magnífico sonho?

- Quando o novo comandante assumiu o comando, estava eu a apreciar todo o movimento em certo local, o papagaio voou e assentou sobre meu ombro. Pensei que o danado gostava de mim, pois estava faceiro. Puro engano. Ele gritou: “Intruso a bordo! Intruso a bordo!”. Em seguida, com o seu enorme bico furou meu olho esquerdo. Final da história: ao ver o bico vindo em direção do meu olho, assustei-me, acordei suado e com muito frio.

- Que sonho bonito, vovô... Como queria sonhar assim... Espero que o senhor volte a ter novos sonhos. É muito bom ouvir suas histórias.

- Não temos controle sobre os sonhos. Adoro sonhar. Se após a morte, a vida for igual aos sonhos, perder-me-ei para sempre nessa imensidão gostosa de um conto de fadas. Agora vamos dormir, já passa das dez horas.

- Vovô Lampião – chamou Pedrinho.
- Ganhei outro nome agora foi?
- Depois da bicada do papagaio, só lhe resta um olho agora. Da mesma forma do Lampião do cangaço e do Lampião do seu sonho, também passou a ser um Lampião de um olho só.
- Lampião contador de histórias, isso sim que eu sou – disse a sorrir, todos os garotos sorriram juntos.

A Morte marca o dia

A vida é permeada por mistérios os mais diversos, por segredos ainda não revelados aos vivos, dúvidas, suposições, alegações... Sabemos que tivemos o dia do nosso nascimento, sabemos que nossa sina é morrer, mas pelas graças do Céu não conhecemos a data da nossa impertinente partida. Viver é uma aventura inebriante, gostosa para alguns, penosa para muitos e um martírio para outro tanto. Enquanto isso vamos arrastando nossas dores, sorrindo nossas alegrias, vivendo da melhor forma possível.

- José! José! – bateu três palmas forte. – José! – mais três. – O senhor está aí, José?

- Pode entrar, a casa é também da visita.

O rapaz todo tenso, nervoso e aflito se pôs a subir os degraus em ligeira correria. Fui à varanda recebê-lo.

- Se não me engano, a cabeça já anda meio fraca, o senhor é filho do meu amigo João Padeiro.

- Sou sim. Foi justamente meu pai quem me mandou procurar o senhor.

- O amigo parece carregar nas costas um grande fardo.

- E como...

- É melhor sentarmos. Já sou um velho, não tenho tanta força assim mais não.

Nós nos sentamos. Eu sempre em minha confortável cadeira de balanço. Olhei para a laranjeira e parei um pouco na contemplação de um pequeno colibri que sugava o néctar de algumas flores.

- Olhe para o pequeno beija-flor, todo contente com a vida, não sofre, apenas trabalha para se alimentar, vive no seu iluminado paraíso. Naquele beija-flor encontra-se a felicidade.
- Se eu possuísse um estilingue aqui agora, eu juro que acabaria com a alegria daquele infeliz.
- A força da fera sobre a lebre. Guarde-lhe o rancor, isso não faz bem a ninguém.
- Tenho um grande problema, não carece ficarmos perdendo tempo com um insignificante beija-flor.
- Tem um problema. Somos um problema e não sabemos. O que, o amigo, tem mesmo?
- Estou doente.
- Está doente? Hum! Eu também estou enfermo, minha doença não tem cura, ela se chama velhice.
- O senhor pelo menos viveu muitos anos. Estou com “aquela doença”.
- Aquela doença? Qual?
- Nem gosto de falar o nome. Mas já que não tem jeito, é caso vencido, sou portador de um câncer.
- De um câncer? Um rapaz tão novo padecendo de um câncer. É muito triste mesmo.
- Para esta doença idade pouco importa, atinge crianças, adultos e idosos.
- É verdade. Mas o amigo já está fazendo o tratamento.
- Há três dias que não consigo pregar os olhos. Andei sentindo umas dores, fui ao médico, ele me pediu alguns exames, resultado, tenho câncer.
- Qual tipo de câncer?
- Tenho um tipo raro. Ele me disse que viverei por cerca de um ano mais.
- Um ano!

- Tenho medo de morrer. Quero muito viver. Por que isso foi acontecer justamente comigo?

- Eu também tenho meus dias contados, talvez eu viva mais uns dez anos, ou quem sabe pereço hoje mesmo. Quando entramos na velhice, qualquer momento é hora de se despedir.

- Pelo menos o senhor ignora o dia, meu caso é pesado demais. Um ano? Tenho dinheiro, mulher e filhos, por que Deus faz isso comigo?

- O que o amigo pensa em fazer com este um ano de vida? Vai se submeter ao tratamento?

- Em minha família duas pessoas morreram de câncer, elas fizeram o tratamento, parece que foi pior. Não irei fazer tratamento algum. Tratar o que não tem cura! Quero um conselho do senhor: o que eu devo fazer neste restante de dias que ainda me resta?

- É complicado. Nunca parei para pensar em algo dessa natureza. É o mesmo que está preso e condenado à morte. Sócrates passou por algo parecido, ele foi condenado, viveu por algum tempo esperando o momento do seu sacrifício. Um dia antes da morte, foi lhe dado o direito de gozar a vida, comer, beber, deitar com quantas mulheres desejasse, era a lei daquele local. Sabe o que ele fez? Preferiu passar suas últimas horas meditando. Ele disse que sendo ele próprio um condenado de nada valeria sua vida a este mundo, que o prazer do corpo nenhum benefício acrescentaria ao seu espírito.

- Tenho bastante dinheiro... Vivi uma vida restrita, sempre me privando dos prazeres da vida, vejo que perdi meu tempo. Chegou a hora de desfrutar do suor que tanto gastei para conseguir.

- Pense primeiro em sua família.

- Primeiro devo pensar em mim. Chega de tanto me preocupar com os outros! Chega!

- Confesso-lhe que me faltam palavras para falar ao amigo. As palavras parecem vazias diante do grande dilema que o envolve. É a morte vencendo a vida. Só lhe digo que pense muito antes de fazer qualquer ato.

- Não sei o que eu vim fazer aqui mesmo, já perdi algumas horas do meu restante de vida. O que um velho como você tem para dá a um jovem? Preciso enterrar minhas magoas na diversão, na libertinagem, na bebida.

- Sei que seu momento é difícil, perdoo sua revolta, mas talvez seja por isso que cheguei ao entardecer da vida, meu coração viveu sempre distante dessas loucuras que enlouquecem a alma.

- Tenho que ir. O tempo ruge.

- Que Deus ilumine seus passos.

- Deus? Por onde anda Ele? Ou Ele não ver que estou necessitando de ajuda. Deus não existe. Se existisse, não haveria dor no mundo.

- Às vezes, o remédio é amargo. Cuidado com as curvas e despenhadeiros da vida, nunca estamos no comando, basta um simples querer natural e tudo se desfaz.

- Já perdi muito tempo. Deixe-me ir.

O homem saiu apressadamente, montou em seu cavalo branco e em disparada a chicotear a montaria com força deixou o local.

- Pobre ser, um infeliz. A cruz é pesada demais para seus frágeis ombros, talvez não consiga carregá-la até seu calvário final.

Os dias foram se passando, um, dois, três, quatro, cinco, seis e sete; uma semana após a conversa, um rapaz aparece à porta da minha residência em gritos.

- Seu Zé! Seu Zé!

- O que foi, homem?

- Um acidente! Um acidente tirou a vida do filho de João Padeiro.

- Meu Deus do Céu!

- Ele está morto. Foi horrível a cena. Eu vi tudo. Já caiu morto. Tentei salvá-lo.

- Acalme-se, homem. Vamos sentar. Conte-me tudo o que sabe.

- O senhor ficou sabendo que o rapaz possuía “aquela doença”?

- Câncer.

- De uns dias para cá, ele começou a beber, arranhou várias mulheres da vida, deixou de trabalhar. A esposa e os dois filhos estavam em um pranto só. Ele se encontrava bêbado, tentei de tudo para que não saísse com a moto, não teve jeito, segui-o. Cerca de cinco quilômetros à frente, ele desatou a correr, o ponteiro da minha moto marcava cento e vinte e ele só aumentava a distância, na curva perdeu a direção e caiu ribanceira abaixo. Parecia que queria morrer. O homem estava doido. Que cena horrível! Quando fui até ao local, o pobre ainda olhou para meus olhos e me disse: “Estou morrendo. Sinto-me uma friagem tomando todo o meu corpo. Estou com medo. Tenho pavor da escuridão. A friagem já passa pelo meu abdômen. Ai, ai, ai! Adeus”. Em seguida, virou-se o rosto para o lado. Morreu nos meus braços.

- Trocou um ano de vida por apenas uma semana. O peso de saber do pouco tempo de vida que lhe restava acabou com a mente do rapaz. Talvez se não tivesse ficado sabendo da doença, vivesse normalmente até o dia da partida. Hoje à noite, eu irei ao velório. Meu amigo João Padeiro vai sentir muito a perda do seu único filho.

- Seu Zé, eu tenho que ir.

- A morte nos prega cada peça. Encontrar-nos-emos no velório logo mais.

O homem saiu porta afora voando. Atrás deixava um ambiente calmo e denso.

- Volta e meia retorna um. Não demorará em chegar a minha vez. Como será o mundo sem minha presença. Se apagar as luzes para o meu ser, minha jornada será um feixe de luz que passou e se perdeu. De nada prestou minha luta, de nada prestou meus sonhos, de nada sobrarão da minha existência. A vida parece que não tem fim, a morte me parece apenas uma etapa a ser vencida. O rapaz se precipitou, melhor tivesse esperado o dia certo, viver uns meses mais. Vou tomar um banho, logo mais irei à casa de meu amigo João Padeiro.

No início da noite, eu compareci à residência do amigo acompanhado pelo meu filho mais velho, fomos de charrete. Adentrei devagar a sala onde se encontrava o féretro, parei frente ao homem morto, observei o rosto sereno do defunto. Aos ouvidos deste velho homem, o choro das pessoas vinha repousar.

Levanta daí, homem! Que sono é este? Por onde anda sua essência? Será que está metido na pura e medonha escuridão? Corotes, como é importante a sua vida, se seu trabalho existe, se a sua pessoa também, a morte não nos

mata, leva-nos a outro lugar. Alguém dorme nesta sala, os demais velam seu sono, breve estará sozinho em uma tumba qualquer do cemitério; poucos anos se passarão e poucos serão os que ainda lembrarão alguma coisa do personagem. A vida nos coloca no picadeiro da apoteose, a morte nos leva ao esquecimento da terra.

As minhas elucidações tiveram fim ao ser tocado no ombro por uma mão gelada e trêmula, aos ouvidos arranhavam gemidos de muita dor.

- Perdi meu único filho, Zé. O que será de mim agora?

- João, meus sentimentos. A vida é mesmo cruel, tira-nos um jovem, um ser que tinha um grande futuro.

- A vida dele mudou quando descobriu a tal doença. O homem enlouqueceu. Mas não adianta mais falarmos nessas coisas. O tempo cura as feridas, queremos sim, ou não. A dor é grande. Tenho pena da esposa e dos dois filhos que não o terão no restante da trajetória. Vou sentir muita falta. Com a morte de meu filho, um pedaço de mim vai junto dentro desse caixão.

A conversa entre nós continuou por um bom tempo mais. Então fui ao terreiro da residência, lá fiquei a conversar e a ouvir o que os demais tinham a contar. Falavam-se de tudo: política, religião, esporte, casos amorosos e, é claro, da morte do rapaz.

- Cadê a meota (garrafa com aguardente)? – indagou certo rapaz. – Sem pinga não dá. Eu só ficarei aqui até o dia seguinte se tiver a “branquinha”. Vocês sabem que para animar velório igual a mim pelas bandas aqui não há.

Arranjaram a pinga e a folia das piadas recomeçou instantaneamente, o rapaz sabia como ninguém animar o público.

- Seu Zé! – gritou uma moça.

- Oi. Carrega uma criança no colo? É de quem?

- É meu filho, Seu Zé.

- Não tinha conhecimento que a senhorita estava esperando nenê. Faz bastante tempo que não a vejo também.

- Morei na capital por dois anos. Hoje sou casada e tenho esta criança linda. Seu Zé, meu pai foi muito amigo do senhor, como fruto dessa bonita amizade, desejo que seja o senhor o padrinho do meu filho.

- Quanta honra, mas confesso que não seja o ideal. Já estou na ribanceira da vida, quando seu filho completar dez, quinze anos, certamente, já não estarei mais aqui. Crescer sem um padrinho não é bom para um adolescente.

- É caso decidido, não importa. Nossa família é muito grata com tudo o que o senhor fez por nós naqueles tempos difíceis.

- Fiz tão somente o que um amigo faz para com outro amigo. Tenho uma ideia: meu filho mais velho nunca batizou alguém, que seja seu filho o primeiro, fará tanto a mim quanto a ele feliz.

- Então estamos combinados. Vou marcar o dia, mas quero a presença do senhor na igreja e na festa.

- Com todo prazer, será uma honra. Adoro festas.

A moça saiu a mostrar seu pequeno ao público. Em meio à tamanha dor da família que pedia um ente, outra família estava em júbilo com a graça que recebera do Alto. Um ser deixava as atribuições desta vida, enquanto outro chegava com pompas de reis.

Retornei-me aos pensamentos, perdido no mundo das ideias, descontraído dentro dos meus neurônios.

Vejo o rapaz deitado naquele caixão e penso em mim logo mais. Qualquer dia desses, algumas pessoas me velarão, só que não estarei para escutar suas conversas, não estarei para participar do velório, que coisa estranha, será eu o dono da funesta festa, mas não poderei participar da mesma. Quantas coisas eles irão falar, tantas histórias, causos da minha existência... O mundo se recicla, tira o que já não presta e coloca novos indivíduos para darem continuidade à grande Obra. A criança que ora chega sequer imagina as lutas que terá que travar, batalha contra si mesma, guerras frente aos vícios e às mazelas da sociedade. Chegar à velhice é uma espetacular vitória, não é tarefa nada fácil, hoje vejo que se me posto aqui neste instante, também teve grande participação do fator sorte.

As forças ficaram pelo caminho

Os seres são dotados de seiva, substância que os faz movimentarem, realizar suas atividades, procriar, crescer... A diferença de ser forte e de ser fraco apenas depende da situação momentânea dos corpos. A criança que abre os olhos para vida goza de certa quantidade dessa luz universal, com o tempo essa luminosidade vai se agigantando, em dado instante, o brilho começa a retrair-se, para depois desaparecer. O idoso encontra-se no momento fatal dessa retração, tudo se atrofia a ponto de aniquilar a essência central que é denominada por alma. Mas morrer poderá implicar outro acontecimento diferente do fim. Vá saber o que anda por trás da cortina que envolve nosso grande teatro que se dá o nome de vida.

- Onde estou? Por um momento sonhei com meu tempo de jovem. A vida tornou-se chata. Para quase tudo dependo dos braços dos outros. E o pior que a cada dia passado mais fraco fico. Meu fim é iminente.

Com muita dificuldade, o idoso conseguiu se colocar sentado na cama. A visão embasada o obrigou a apanhar os óculos. Havia dormido um sono tranquilo; sonhara, porém não se recordava das aventuras.

- Já não vejo com exatidão. Por que tudo isso? Percebo que já me transformei em um fardo para esta vida, mas devo tocar minha jangada rio abaixo até encontrar a minha foz. Deixe-me levantar, vou ao banheiro.

Apoiou uma das mãos na cabeceira da cama e com grande dificuldade colocou-se de pé. Trêmulo apanhou a bengala e venceu o primeiro passo das primeiras horas do dia.

- O bom é que ainda tenho forças para andar. Obrigado, bom Deus, por esta graça que concede ao bom velho!

Deixou o quarto escuro devagar, a contar suas pegadas, mas antes rezou o Pai Nosso como de habitual.

O homem a cada dia já não se sentia como o do dia anterior, rapidamente se transformava, o chão lhe cobrava alguma coisa.

- Minha bênção, meu pai – falou o filho ao ver José chegar à varanda.

- Cortando lenha ainda cedo?

- O senhor não se lembra? Mais cedo levantava alguns anos atrás para realizar o que eu faço agora.

- Verdade. Levantava com os galos. Continue a rachar as madeiras, meu filho, pois eu daria tudo para ter minhas forças novamente, só para poder trabalhar dia e noite a ter que me contentar com esta vida medíocre de velho. Vou apanhar umas duas lascas para dá vida ao fogo.

- Pode ficar por aí mesmo. Pedrinho levará para o senhor. Evite estripulia. Se sua vida já não é mais como antes, poderá ficar ainda pior caso o senhor caia e fracture um osso.

- Tem toda razão, meu filho. Pedrinho! Venha apanhar lenha para eu acender o fogo.

O filho de Seu Zé continuava a usar o machado contra as madeiras, o barulho se propagava pelo ar.

- Como pode, meu filho, acabar as forças assim? Eu fazia esse trabalho todo e ainda tinha energia para muito mais, agora, sequer aguento levantar o machado. Eu acordava cedo, cortava a lenha, ordenhava as vacas, labutava no chiqueiro, servia ração no cocho, arava a terra, consertava cerca, plantava, corria atrás de animais pela mata... Como era maravilhoso! Hoje, já não presto mais para nada.

- Meu pai, encasquetar com essas coisas só faz piorar a situação.

- Faço o que ainda me resta, só sei pensar, por isso penso. Tenho que aproveitar a faculdade que me sobrou, vá que a natureza resolve presentear-me com um derrame.

- Vire essa boca pra lá, meu pai! Falar desse jeito atrai coisa ruim.

- Vemos nossos jovens esbravejando por não querer realizar os trabalhos da obrigação, como queria ter força para trabalhar dia e noite, que fosse como um escravo, mas ainda assim seria melhor do que meu estado atual. A única coisa que me alenta é saber que gastei minhas forças na labuta, no realizar das obrigações.

- A vida é cruel com suas crias.

- Ela primeiro nos dá a luz, a força, o poder, a beleza, depois nos esmaga a nada. O que posso fazer senão aguardar a visita tão indesejada, mas certa. Tenho que continuar a arrastar minhas pesadas e enferrujadas correntes até o momento fatídico.

- O bom é que o senhor ainda nos pode ser útil, pois sabe como ninguém fazer aquele delicioso café.

- Isso eu ainda consigo. Não sabe como me alegra esse ato simples de fazer o café. Mas antes eu vou sentar um pouco na minha cadeira de balanço e roubar do sol um cadinho do seu poder.

- Faz bem aos ossos.

O rapaz continuou a rachar as madeiras. O machado subia, descia em um vai e vem eterno; o velho José sorria com aquele gesto, com aqueles traços que fizeram parte da sua vida, que estão para sempre presos em seu interior, como uma tinta, ou uma nódoa a tatuar no seu espírito e assim nos seus pensamentos as mais tenras lembranças.

Vou lhe roubar um pouco da sua energia, meu rei Sol. Você que é tão velho, mas que ainda está no seu início da juventude, que goza de tamanha majestade. Você que já iluminou e continua a cativar milhares de seres, seres que na sua maioria sequer o nota, gerações várias que deitaram na tumba do esquecimento. Onde encontrou tanta luz, tamanha magia? Seus raios com um simples toque fazem florescer vidas, raios que apagam o negro da noite, raios divinos... Agora estou a contemplá-lo. Quantos não o estão também? Nosso pai, nosso criador, somos frutos do seu poder e da sua vontade. Fortalece-me para mais um dia, para mais um passo na minha jornada sobre seus aplausos celestiais. Sou parte do seu corpo, somos um brilho só. Obrigado por você existir, meu querido pai, minha querida genitora.

Perdi meu maior tesouro

Seu Zé estava acomodado sobre a sua companheira de sempre, a amiga fiel, sua inseparável cadeira de balanço. Matutava-se sobre sabe se lá o quê, deixava seus pensamentos cavalgarem pelos caminhos que quisessem, sem rédeas tampouco freios.

O dia se fazia lindo, raios solares de uma mansidão prazerosa, alguns pássaros a catar com as galinhas, outros cantavam em uma velha laranjeira. Ao longe, um vaqueiro tangia o rebanho, os gritos repousavam timidamente na consciência nostálgica do idoso.

Alguém apontou no horizonte, montava a cavalo, aproximava-se devagar, galopava suave. Parou rente aos degraus, frente ao dono da residência.

- Seu Zé, como tem passado?

- Com todas as limitações da minha idade, bem, melhor que muitos por aí. Acheque-se, vamos trocar algumas ideias. Ultimamente tenho andado tão só.

O rapaz deixou seu animal amarrado em uma estaca da cerca e subiu os degraus, sentou-se na parede da balaústre.

- Vou pedir a Pedrinho que traga uma cadeira.

- Não precisa, aqui está bom. O sol está uma delícia.

- O senhor é quem sabe. O que tem de novidade para me contar?

- Da região nossa, nenhuma, mas do País, tem uma que acabei de ler no jornal.

- Adoro notícias...

- Na capital, um rapaz matou a namorada após saber que a dita o traía, em seguida se matou. Filhos de ricos, dizem que de deputados. Este mundo está ficando louco.

- A sua notícia me faz lembrar de um fato que aconteceu em minha vida. Você tem um tempinho para mim?

- Tenho. Claro que tenho.

- Quando eu era um adolescente, tinha pouco mais de vinte anos, namorava uma linda garota. Os pais da jovem eram ricos e influentes, eu um pobre coitado sem muita perspectiva de vida. O certo é que Deus nos deu a oportunidade de por algum tempo nos relacionarmos. Eu a tinha como minha princesa, a amava do fundo do meu coração, idealizava nosso matrimônio. Mas havia um problema, uma grande montanha se colocava entre nós. A pobreza era minha companheira, ela era rica, isso por si só já é algo gigantesco. Quanto mais os dias iam passando, maior o amor meu se agigantava. Imaginava eu que o mesmo acontecia dela para comigo. Ilusão de um matuto.

- Namoro entre rico e pobre geralmente não tem final feliz.

- Meu amor crescia vertiginosamente, eu só tinha olhos para ela, meus pensamentos eram todos dela, eu vivia praticamente em virtude daquele amor. A jovem era linda, de uma beleza a encher os olhos, uma esmeralda

nas mãos de um maltrapilho. Na minha ingenuidade, sequer desconfiava que outros adolescentes lutassem pelos carrinhos e olhares da minha princesa. Como sempre na vida, fui o último a ficar sabendo, ela me traiu há mais de três meses.

- Parece que essa história se repete constantemente e com todos.

- Assim que tomei conhecimento, fui até meu amor pedi explicações. Fiz-me de vítima, mas ainda assim, ela teve a petulância de pisar e apertar o meu calo. Fui primeiro traído, depois humilhado. Ela era dona do nariz e da situação, ela tinha tudo e todos aos seus pés, eu era apenas mais um a ser usado de tapete, fui descartado na cara, como um verme. Meu coração fervia de fúria e de amor ao mesmo tempo, um vulcão me devorava vivo. Se, naquele maldito momento, tivesse munido de uma arma, não tenha dúvida, a desgraça estaria feita. Ela sorridente e feliz me lançou nas vendas que nunca havia me amado, que ficou comigo por pena, que eu não representava nada para a sua vida. Deixou-me a falar sozinho e foi ter com seu novo namorado. Não foram fáceis os primeiros dias, meu peito queimava, o corpo ardia em fúria, meu pensamento pertencia àquela ingrata. Por um momento, pensei em me matar, dá cabo daquela agonia toda, daquela vergonha que sentia dos olhos malvados da sociedade.

- Traição é a pior coisa do mundo.

- Discordo, a pior chama-se ingratidão. No terceiro dia, ela voltou a me procurar, não sei por qual motivo, talvez a consciência lhe colocasse um obstáculo. Assim que chegou, meu coração ficou descompassado, o sangue corria loucamente pelo corpo, surgia em mim a esperança de uma reconciliação. De imediato, pediu-me desculpa. Depois me disse que nossos mundos eram muitos diferentes e que me considerava como um irmão. Como posso ser um irmão, se antes eu era seu namorado? Indaguei com lágrimas a correr pelo rosto. Eu tinha tudo e agora me contentaria apenas com a sua amizade. Como posso me regredir a tal ponto? Como posso me humilhar dessa forma? Se como namorado fui traído, como irmão posso muito bem perder a vida. A sua ingratidão poda a vida deste jovem. Há poucos dias, eu tinha os seus beijos e os seus carinhos, de uma hora para outra, vejo-me desprovido de tudo. A moça deu-me as costas e saiu, só voltei a trocar algumas palavras com ela quando eu me encontrava com sessenta anos.

- Quase quarenta anos depois?

- Ela já não tinha o brilho de antes, padeceu muito na vida por ter sido bonita, enveredou-se pelo caminho dos vícios, teve filhos, alguns maridos.

Quando a encontrei, carregava em uma das mãos um cigarro e na outra um copo com uísque. Ela se lembrou do nosso namoro e refletiu que se tivesse seguido aquele caminho tudo teria sido diferente. Disse que não se arrependia das escolhas que fizera, mas que se pudesse voltar no tempo faria tudo diferente. Conversamos por cerca de cinco minutos, contudo nossas almas não falavam a mesma língua, havia uma repulsão.

- O senhor disse que a ingratidão é pior do que a traição, por quê?

- Trair todos nós traímos, traímos tanto que acabamos por nos trair. A ingratidão é algo voraz, maltrata, suga nosso sangue, nos deixa louco. Ela foi ingrata comigo antes mesmo da traição, poderia ter a decência de me dizer que já não gostava mais de mim, mas preferiu trair e só depois contar. A pessoa que ama pode até trair, contudo nunca é ingrata. Sofri amargos cinco anos seguidos. Hoje vejo que Deus sabia o caminho que eu deveria trilhar. Se fosse hoje, não derramaria sequer uma única gota de lágrima. A experiência vale muito, todavia só sei o que conheço neste instante pelas dificuldades que enfrentei pelo desenrolar do longo caminho.

- A beleza acaba.

- A beleza na moça se perdeu. Quando na casa dos cinquenta, já não conseguia arrebatr mais os corações, sofria pelo tesouro perdido, padecia por um dia ter acreditado ser superior apenas por ter uma aparência aveludada. Olhe pra mim. O que sou agora? Um velho enrugado à beira da morte. No final, somos todos derrotados pelo tempo.

- A mulher ainda é viva?

- Três meses após a conversa que tive com ela, a coitada caiu em cama, amargou cinco anos de muitas dores e humilhação sobre uma cama velha e suja aos cuidados de uma serviçal. Certo dia, fui-lhe fazer uma visita. Ao ver aquele ser que outrora irradiou luz e que naquele momento se escondia em um quarto escuro e fedorento, a tristeza apossou do meu coração, deixei lágrimas descerem rosto abaixo, chorei por ela. Naquela oportunidade, conversamos por duas horas, havia muito tempo que ela não esboçava um sorriso. Quando sair, deixei-a sorrindo. Parecia feliz. Quatro dias depois, fui convidado para o velório e o sepultamento. Acompanhou o corpo pouco mais de vinte pessoas, dez delas levadas por mim. O corpo foi sepultado no chão, sobre o amontoado de terra deixei uma rosa vermelha, fiz o Pai Nosso e pedi a Deus que lhe desse um bom lugar. A beleza da juventude se resumia ao esquecimento do pó.

- Como ela se chamava?

- Angélica. Conto a você este meu segredo, pois não quero carregá-lo comigo para a sepultura. Uma história triste, mas linda. Quando eu morrer, se não for pedir muito, passe-a adiante. De preferência, no meu velório.

Sentimento de culpa

Hoje vivi algo aterrorizante, um sentimento que fez doer-me o coração, que martelou e repete constantemente no meu cérebro. Todo esse incômodo por razão de uma insignificante formiga. Maldito inseto que me furtou a paz. Um pequeno ser que quase ninguém nota. Muitos exterminam milhares durante o dia e sequer tomam partido da tragédia. Pois um desses bichos me fez perder o sossego, perder o sono, perder a razão...

- Pedrinho, eu sou um assassino.

- O senhor! Um assassino? Vô, o senhor está bem da cuca? Está caducando?

- Não é brincadeira, meu neto. Sou sim um assassino. Na parte da manhã, eu peguei um vasilhame com água e fui molhar o pé de romã. Quando levei o objeto para despejar a água, meus olhos depararam com uma formiga, a coitada levava sobre a cabeça um nasço de uma casca de laranja. Ela olhou para mim, contudo eu na minha preguiça deixei o vasilhame seguir seu caminho, a água caiu com tamanha velocidade e força que fez a formiga sumir na imensidão do desastre. Poderia ter recuado, mas deixei fluir, agora padeço.

- Ser assassino apenas por ter matado uma formiga? Hoje mesmo eu matei um formigueiro inteiro e nem por isso me considero um criminoso.

- Depois fiquei pensando, coloquei-me na posição do inseto. Como não deve ter sido feio. Primeiro viu um gigante, um demônio para as formigas em pé em sua frente. Tentou correr ao escutar o ranger da alça, sentiu o empurrão do ar e logo se deu conta daquela tormenta pronta a engoli-la. Talvez tenha tentado nadar, ou tentado se agarrar em um pedaço de madeira. Mas a força da água desceu com tamanha força que o corpo da pobre formiga não suportou o colossal peso, em meio a tanta água perdeu-se a vida. Sou ou não sou um assassino?

- Para as formigas talvez seja, mas para os humanos não passa de uma coisa trivial do dia a dia. Esqueça isso e viva a vida. Não existe lei que diz que matar formiga é crime.

- Qual a diferença da nossa vida para a vida das formigas? Tudo é vida. Tanto faz matar um humano ou uma formiga, matou, dá no mesmo.

- O senhor está com tempo, vô. Morrer faz parte da vida, todos nós iremos morrer um dia. É triste, todavia não nos cabe chorar nem tão pouco lamentar. Se Deus fez o mundo dessa forma, não somos nós a pôr sal nos seus sábios conhecimentos.

- A vida não passa de uma sucessão eterna de mortes. Só existe vida porque existe a morte. É a lei dos opostos. Para ser grande, teve que ser pequeno; para ser rico, fora primeiro pobre; para ser casado, primeiro se fez solteiro.

- O senhor é idoso hoje porque um dia foi criança como eu.

- Se a razão da morte é a vida, a da vida será a morte.

- Vô, o senhor falou da morte da formiga, de ser um criminoso, certo? Agora sinta só este cheirinho... Que maravilha! Uma delícia!

- Cheiro de frango assado.

- Quem matou o frango é um assassino? Se for, Deus me perdoe, mas eu vou ser feliz saboreando o fruto desse assassinado. O senhor deixará de comer aquela coxa suculenta?

- Com um aroma assim, fica difícil resistir.

- O senhor sabe quem assassinou o frango?

- Não. Quem foi?

- Foi a primeira vez que dei cabo de um frango. Cortei o pescoço do danado sem dó. Ele tentou resistir, mas fiz minha obrigação.

- Você fez isso?

- Se eu não tivesse feito, seu filho o faria. O destino dele já estava traçado, não importava o autor do trabalho, só fiz o que me cabia fazer.

- Pobre frango... nunca mais voltará a cantar.

- Aquele não, mas os outros que estão no terreiro se sucederão no bando. Para a vida tanto faz. O que foi e o que será pouco valor tem, para a vida somente o presente.

- Você é jovem, mas possui conhecimento de adulto.
- De tudo que falamos, o mais interessante será o que irei dizer, pois é a maior das leis naturais: “Vamos deixar de prosa e ir saborear o frango que nos espera na mesa”.
- Tem absoluta razão. O frango assado espantará de vez minha cisma de assassinato de formiga. É cada coisa que se ver nesta vida. Coisa de pessoas que têm tempo para jogar fora com pensamentos descabidos. É a idade, só pode.

Na contra mão da correnteza social

- Vô, mais há coisas erradas neste mundo – diz Pedrinho. – Hoje mesmo eu assistir na televisão que certo político roubou milhões da saúde, outro desviou igual quantia da educação...
- O ser humano é fácil de ser corrompido. O dinheiro governa a maioria dos homens. Deveria ser diferente.
- Por que a população não se reúne para exigir mudanças?
- Não é tão fácil assim.
- Como não! Se todos discordam das malandragens dos políticos, mudar é consenso entre as partes.
- Discordar é uma coisa, querer mudança é outra totalmente contrária. Vou mostrar-lhe minha dedução. Você conhece nosso rio, não conhece?
- Sim. Claro.
- No tempo das chuvas, suas águas tornam-se fortes e escuras. Você conseguiria nadar rio acima por cerca de um quilômetro?
- Quando o rio está cheio? Se eu tentasse, viria a morrer certamente.
- Você não conseguiria, mas nosso exímio vaqueiro se desejar, com certeza, conseguirá, pois já fez várias vezes o percurso. Para mudar algo neste mundo o indivíduo precisa ser dotado de três qualidades: força, inteligência e recursos. Para nadar contra a correnteza social somente alguém possuidor de tais qualidades. O rio social é um líquido pesado e forte, composto por seres humanos que descem em um ritmo constante em busca da calmaria do mar. Para impor uma mudança, o personagem terá

que dominar essa torrente, algo difícil. Se você começasse hoje uma batalha para implantar algo novo, teria que vencer a tradição dos milhares; sem força, sem inteligência, sem dinheiro, tentar algo se encontra próximo da loucura, a derrota seria inevitável. Você é um jovem inteligente e de bom coração, muito pouco para avançar nesse rio nebuloso. Comesse agora, tente avançar com algo diferente do que se apresenta, logo estará a nadar contra a correnteza, tão rápido receberá um soco em uma das faces. Pensemos que você seja um rapaz insistente, tentará outra vez, de imediato receberá mais uma bofetada, desta vez no outro lado do rosto. Você levanta e segue sua luta, nessa oportunidade recebe duas bofetadas ao mesmo tempo. Quanto mais você avança nessa lama pegajosa, mais seres intervêm na sua caminhada. Por todos os lados, há homens aptos prontos a proteger a estrutura existente. Para quebrar um dos seus laços o combatente precisará de muita força, inteligência e dinheiro. Com as bofetadas e os tombos você se fortificará, mas nem por isso lhe garantirá a vitória. A correnteza é forte, no topo um rei a dá ordens. O rei não deseja mudanças, sendo ele rei o necessário é manter o já estabelecido, qualquer intruso que queira usurpar o poder é bombardeado, considerado como traidor do sistema vigente. Para frear nosso rio seria necessário a construção de uma gigantesca barragem, mesmo assim, após várias chuvas o mesmo desceria ferozmente pelo sangradouro. Podemos até acomodar a turbulência, mas estancá-la jamais. O dique seria as normas que frearia por determinado tempo o ímpeto da sociedade, que faria prosperar os vales, que legaria certa paz a um determinado local por um período de tempo indeterminado.

- Um rio cheio é muito perigoso.

- É perigoso até para os mais preparados. Em tudo na vida as mudanças acontecem aos poucos, devagar, às vezes, pensamos que jamais nos alcançarão. O espaço e o tempo para a vida não tem significado, o que há é apenas o agora, o restante que imaginar não passa de sonho, ou delírio, se assim achar melhor.

- Mesmo após tudo que me disse, ainda assim irei lutar por mudanças.

- Nunca desista quando o propósito é colher o bem. Já fui igual a você, na minha idade os sonhos foram mortos no decorrer da caminhada. Tive muita alegria, contudo vejo o caos operando em mim.

- O homem necessita de força, de energia para tentar impor novas regras para o jogo já previamente estabelecido.

- Se não possui a energia vital para ir contra o sistema, recue e espere por uma oportunidade que o favoreça. Ir contra as tradições é pedir batalhas desnecessárias a sua evolução.

- Seu conselho é que devo recuar?

- Não e sim. Esqueça esta loucura de que precisa mudar o mundo, mude você, estude, trabalhe, faça o bem, o restante não lhe compete perder o sono. Se você conseguir domar seus instintos, seus desejos, nada no mundo conseguirá sequer o arranhar. O egoísmo e a avareza são as cruces do padecimento humano.

O que a Natureza espera de mim

Estou aqui sentado, como sempre, na minha velha e amiga cadeira de balanço. Da vida só me sobrou o pensamento. O corpo pesado, carcomido e cansado já não quer mais me obedecer. É triste o fim, mas ganhamos uma missão e com esta cruz vamos tocando os dias e os afazeres.

Meu corpo, essa matéria densa, faz do meu espírito uma insignificante marionete. Antes conseguia correr, tinha força para erguer pesados fardos, agora tudo mudou. Percorri todo este caminho e só quando idoso consigo vislumbrar respostas às minhas inquietações. Talvez a fraqueza da carne, o desenlaçar das aptidões, faz-me sentir e viver experiências que antes a vitalidade dos braços não me deixava ter. O espírito pode até não dominar mais o corpo como outrora, todavia passou a ter um campo maior de meditação. No mundo nada se perde, tudo se transforma, disse alguém de inteligência apurada. São as fazes da existência.

Mas o que mesmo a Natureza espera das suas criaturas? O que ela espera de mim? Qual o real objetivo disto tudo? O que deixei de valor à obra Divina? Quando eu parti, farei falta a este mundo?

Perco-me em indagações complexas, tento e quero entender os porquês das coisas. Se estou vivo, se tive uma oportunidade, se não sei ao certo como me proceder, qual estrada seguir? Chego onde estou sem saber se fiz as melhores escolhas. As oportunidades foram aparecendo e eu fui adentrando por umas e fugindo doutras. Quais foram os acertos os quais me fizeram chegar à derradeira porta? Entrei pela porta da frente, uma criança; vou sair pela porta dos fundos, um corpo velho e morto.

- Vô, conversando sozinho? – indagou Pedrinho ao se aproximar.

- Estou falando com os meus botões. Um velho tem mais é que conversar. Quando não há ninguém, converso comigo mesmo, pelo menos não entramos em desavenças, nós nos entendemos, digo, eu e eu mesmo.

- Por um momento pensei que o senhor já estivesse caducando.

- Talvez esses são os primeiros sinais da minha caduquice.

Parei-me o olhar, deixei-o fixo em um ponto, depois interroguei meu neto:

- Pedrinho, o que você quer ser quando adulto?

- Quando eu crescer, eu serei um mestre na computação.

- Você sabia que quando eu nasci nós não tínhamos quase nada do que temos hoje em tecnologia? Nunca labutei com este tal de “computador”. Celular então, quero distância.

- Pois eu adoro computadores e celulares. Se não fossem esses aparelhos, não teríamos nada para fazer. Não sei como o senhor viveu tanto tempo sem tais tecnologias.

- No meu tempo, nem luz elétrica existia. Jantávamos com as chamas do fifó ou da vela.

- Ainda bem que eu não nasci naquele tempo. Deus me livre guarde!

- Há certas coisas que não nos cabem escolher.

- Vô, quando o senhor era criança, o que pensava em ser quando adulto?

- Eu pensava ser dono de uma enorme fazenda, criar muitos bois.

- Então o senhor conseguiu.

- Conseguir. Hoje tenho uma bem cuidada fazenda, tenho muitos bois, mas após a concretização do sonho a ilusão da felicidade desapareceu e novas vontades brotaram no meu coração. A vida é desta forma, se temos um objeto, o mesmo possui pouco valor, se quem tem o produto é um amigo, o valor cresce às alturas. Tive várias estrada para seguir, a que eu escolhi acabou me colocando neste local, neste exato momento. Não podemos nos apegar ao passado na tentativa de nos crucificar. O que importa é o agora em diante. Estou aqui neste instante a conversar com você, em seguida, já não sei mais onde estarei.

- Vou escolher meu caminho e vou seguir até o final. Vou ser um grande vitoriosos.

- Um rapaz possuía um cão, o bicho tinha o dono como o seu amigo fiel. O proprietário por um motivo singular foi obrigado a se desfazer do animal. Outro homem se dirigiu à residência do doador para buscar o cão. Foi colocado uma coleira e uma corda o prendeu. O novo dono saiu a arrastar o cão pelas ruas. O pobre bicho latia, esperneava, grunhia, tentava de tudo retroceder o caminho, o novo dono o puxava com força. O cão ganhou um novo lar, no entanto jamais esquecerá do antigo dono, sonhava com o seu retorno ao antigo lar. Com a gente acontece da mesma forma, idealizamos um caminho e pensamos ser ele o nosso único objetivo, mas daí vem a vida e como na história do cão nos é dada uma coleira e uma nova direção. Se o cão persistir na esperança da fuga, cedo ou tarde, ele encontrará uma brecha e escapará; se tiver sorte, voltará a ver o ex-dono novamente. Talvez o cão goste do novo lar, em pouco tempo, amará o novo dono esquecendo-se do antigo. Como podemos ver, havia dois caminhos, todavia o animal foi obrigado a seguir por um determinado, deixando o outro para trás.

Olhei-me para os dedos dos pés, fiz uma pequena pausa, em seguida prossegui:

- Dizem que temos a liberdade do livre-arbítrio, fico a pensar, essa liberdade é limitada por vários fatores. Cada ser nasce e no peito carrega uma chama que mutila a carne. Alguns trilharão o caminho da medicina, outros serão bandidos, um tanto outros professores... A pessoa que nasce com esse desejo, certamente será escravo dessa realização. Trabalhará pelo sonho, viverá em prol dessa vontade que vibra dentro do corpo. Você tem o seu livre-arbítrio, porém não conseguirá ir contra suas aptidões. Poderá até seguir por outro caminho, forçado, mas o pensamento será refém do seu interior cósmico. A liberdade de que tantos falam não passa de uma utopia.

Espequei o queixo no cabo da bengala, que carregava na mão, meditava, tentava organizar o pensamento.

- Sabe, Pedrinho, o corpo é uma prisão para o espírito. Meu corpo me rouba o pouquinho de livre-arbítrio do qual gozava. Este mundo já não me pertence mais. Minha época passou, a sua geração se elevou para reinar por certa quantia de anos, tão logo também perecerá, pela história apenas nossas impressões, com o tempo o esquecimento total.

Então virei o rosto para o lado e me espantei.

- Pedrinho! Pedrinho! Onde está você, Pedrinho? O danado me deixou falando só. Tanto faz, já estou acostumado. Ter vergonha de que mais? Tudo banalidades de uma vida sem sentido prático.

Matando para comer

Já é noite nas paragens do sertão, a caatinga adormecida pela estiagem dos meses anteriores e dos dias presentes paira mansa sob uma quentura louca. Tudo na região é sinal de sofrimento e trabalho. O gado passa fome, tem que caminhar longas distâncias para saciar a sede, mata um pouco o apetite com o verde mandacaru no cocho. O sertanejo vive angustiado; ciente, porém, das asperezas da sua amada terra.

Eu estou sentado em um banco de madeira defronte à residência do compadre Joaquim. Alguns jovens dialogam comigo, adoram as histórias contadas por mim.

- Quando eu tinha meus vinte anos, um fato aconteceu que me fez mudar de rota. Era eu um exímio caçador, daqueles que não errava nunca um tiro, um verdadeiro demônio para os bichos ao estar em uma caçada. Por estas bandas, encontrávamos muitas emas, hoje já não há mais, foram todas exterminadas. Eu mesmo dei cabo de muitas, arrependo-me piamente. É triste tirar a vida de outro ser, ainda mais por pura vaidade. Às vezes, tenho vergonha de mim mesmo.

Olhei por um instante para o leste, para a cordilheira de serras, local onde nascia o rio, lugar místico.

- Certo domingo, no começo da manhã, fui eu e um amigo esperar pelos bichos à beira de uma aguada. Como era fácil a caçada, os animais estavam com sede, tinham que encostar à beira da água, só precisávamos atirar. Antes de chegarmos ao dito local, avistamos um bando delas, paramos e armamos nosso plano. Meu colega fez um caminho pelo lado direito, rodeou, posicionando-se na retaguarda do bando; quanto a mim, coube-me posicionar frente a frente com as presas. O amigo apareceu de vez, um espanto, debandada, espantaram-se os animais, que vieram loucos na minha direção. À frente estava o grande líder, uma ema de penugem escura, o mais robusto, gordo. Só ergui a arma, mirei, a vida e a morte se cruzavam; quando ia atirar, ele parou, era o macho, pegou-me nos olhos, olhos nos olhos, alma na alma. Por um instante, ficamos encarados, meus olhos no dele, os deles no meu. Apertei o gatinho. A bala zuniu. Um segundo que pareceu bem mais do que um minuto se passou. Vi a bala cortar o vento, vi quando ela acertou em cheio o peito macio da vítima, vi meu coração

apequenar, vi meus olhos chorarem pela primeira vez. Senti-me um verdadeiro assassino.

Então eu ergui um pouco a cabeça, uma nuvem pairava sobre a serra, a imagem da ema aparecia para mim como naquele trágico dia. Abaixei-me o rosto e retomei a narrativa.

- O animal permaneceu em pé, os demais debandaram freneticamente por todas as direções. Os olhos da ave me devoravam. Passei a alça da arma no pescoço, jogando-a em seguida nas costas. Caminhei lentamente, olhos nos olhos. O bicho se postava firme, em pé. Ao chegar, notei o sangue a tingir de vermelho as penas do peito. Dos seus enormes olhos, germinavam lágrimas. Ele ainda virou o rosto para mim, com aquele olhar piedoso, olhar de defunto, fez-me tremer. Já não era mais o mesmo. Sentir pena. Eu me tinha como um diabo. O animal me olhava atentamente, abria o bico, tentava algo, já não possuía mais forças. Um segundo após, tombou o corpo sem vida na terra dura. Levei a mão esquerda à cabeça, deixei dos olhos lágrimas molhar-me a face. Uma voz no meu interior gritava: “E agora? E agora?”.

Eu ao contar os fatos revivia o pretérito, lágrimas voltaram a molhar, desta vez, o meu rosto enrugado.

- Meu amigo chegou todo alegre com a boa caçada. Vendo-me sério e abatido, quis saber a resposta para a minha tristeza. Falei a ele que não me sentia bem. Pedi que levasse a caça para a casa. Terminei dizendo que não queria a minha parte, que ficasse tudo para ele. Olhou-me de cima em baixo, não disse nada. Desci por um caminho, ele se aventurou por outro. Fiquei com aquilo na mente, carregava aquele momento por todos os lugares, a tristeza passou a ser minha habitual companheira. Dois dias depois, estava à mesa, almoçava acompanhado da esposa. Em certo momento, mastigava um suculento pedaço de carne, muito saboroso. “Que carne gostosa”, disse. A mulher me respondeu: “Foi da ema que você matou na última caçada com o seu amigo João”. Engasguei, tossi, perdi a fome. O amigo João havia deixado a parte que me cabia em minha casa. Desculpei-me com a mulher, disse-lhe que perdera a fome, sair. Só voltei a comer carne um ano depois do ocorrido.

Olhei atentamente para minhas mãos calosas, pensei: “Por que apertei aquele maldito gatilho?”.

- Nunca mais matei um animal a tiro, ou a facadas. Matei formigas com os pés, baratas, grilos, mas aves nunca mais.

Os olhos e as lágrimas do animal povoam a mente deste velho homem desde aquele fatídico momento, morrerão com o meu perecer para sempre.

Mudanças de Paradigmas

Os anos vão se passando, em seu rastro ficam as marcas das transformações. O ancião lambendo o centenário dos anos presenciou e participou de muitas dessas mudanças que marcaram épocas. Abriu os olhos em determinado século, no século seguinte, continuava a sofrer nas retinas as imagens modificadas de um mundo sempre pulsante.

- Seu Zé, as coisas têm mudado! Você sabia que meu neto irá se casar?

- Não. Que boa notícia.

- Tenho dó dele.

- Dó? Por quê?

- O senhor bem se lembra do nosso tempo... O homem era quem mandava em casa. A namorada faz dele gato e sapato. Quando eu vejo aquilo... me dá uma vontade de... deixe pra lá. Eu já avisei a ele: “No meu tempo, após o casamento, a primeira coisa que o homem fazia era ir ao terreiro na madrugada, pegava o galo cantador e na frente da esposa decepava o pescoço do animal. Matava o galo na primeira noite”. Eu o avisei que logo após a festa de casamento usasse o meu método, mas de forma ainda mais dramática, além de cortar o pescoço da ave, jogasse a cabeça dentro do vaso sanitário e em seguida desse descarga, ou bebesse o sangue quente do animal. Isso tudo sendo presenciado pela esposa. Depois jogasse o corpo do animal nas mãos dela e a obrigasse que fizesse dele uma deliciosa canja naquele exato momento.

- E o que ele lhe disse?

- Teve a petulância de me lançar nas ventas: “Na minha casa não haverá galo no terreiro, pois residirei em cidade grande”. Meu sangue ferveu, tive vontade de tirar o correão e desce-lhe no lombo. Aquele danado irá sofrer nas garras da mulher. Não suporto ver casa em que mulher canta de galo.

- Os tempos são outros, compadre Joaquim! Antigamente era o homem a ditar as regras no lar, hoje já não o é mais. Deixe o rapaz com os problemas dele. Não adianta querer que o mundo atual igualmente partilhasse das coisas de oitenta anos atrás.

- Zé, não é fácil... Se aquele infeliz me tirar do sério, eu o mostrarei como um homem age. Cortá-lo-ei na cinta.

- Esfrie a cabeça, compadre Joaquim. Não ver que estamos intrometendo no tempo dos outros. Isso aqui já não nos pertence mais. Tão logo a escuridão.

- Zé, eu ainda estou vivo, tenho minhas ideias, farei valer minha voz. Quando eu daqui já não estiver mais, quem ficar que cuide do que sobrou. Enquanto eu sentir o sangue pulsando nas minhas veias, brigarei se for necessário. Aquele infeliz há de cantar feito galo.

- Eu só quero saber da festa. Que dia vai ser mesmo? Venha cá: adiante a morte do galo para a véspera do casamento e nos ofereça um saboroso pirão.

- Você é velho, mas ainda não se esqueceu das suas gracinhas.

O fio do bigode

O comércio nas cidades do interior, antigamente, no tempo dos homens honestos, não se usava cheque, cartão de crédito, tampouco promissória, pois ainda não tinham inventados tais formas de pagamento, atributos que nasceram com o desenrolar dos anos. Tempo esse de Seu Zé, de Compadre Joaquim, de Manoel do Pão, de Chico da Banana, de Pedro da Venda e de tantos outros.

A venda de Pedro encontrava-se em uma das margens da feira livre. A feira era um acontecimento singular do sertão, trivial, importante, algo que fazia reunir em certo local a sociedade em sua totalidade: o rico e o pobre, o doido e o que se diz são, o rosto bonito e o nem tanto... Na venda do nosso mais popular e graduado comerciante, vendia-se de tudo: fazenda, querosene, fífó, moinho de café, torradores, tachos, enxadas, arroz, feijão, remédios... Conhecido por muitos, Pedro gozava de uma rede enorme de amigos, fregueses, melhor referirmos. No balcão, além das mercadorias e do dinheiro, passavam como em um jornal falado os acontecimentos importantes, ou não, da cidade, da região ao redor e, às vezes, da política do País.

- Pedro, hoje eu irei levar além do que levo sempre, dois sacos de milho.

- Certo.

- Para o milho só terei o dinheiro no próximo sábado.

- Para o senhor, venderia até a loja.

As mercadorias foram separadas e postas a um canto. O dinheiro foi transferido da mão do cliente a mão do comerciante.

- Pedro, na vista de todos nossos amigos que estão aqui – disse o freguês. – Olhem por um momento, amigos. Este fio do meu bigode que acabo de retirar faz valer a minha dívida com este honrado senhor.

O fio do bigode foi posto em uma pequena caixa de papel, jazeria até o momento do resgate.

Na feira seguinte, o dinheiro resgataria o fio do bigode. Naquele tempo, um fio valia a honra de um homem, a grandeza de um sobrenome, a nobreza de uma família. Deixar o fio do bigode mofar nas mãos de um amigo era tido como crime dos mais graves, que no próprio balcão seria divulgado com poder de uma faísca ao cair numa montanha de pólvora. Em pouco tempo, a reputação do mal pagador voaria aos quatro cantos da região, o crédito sumiria junto, e o bigode iria para o beleleu.

Alegrando-se com as coisas simples

Eu acordei inquieto, faminto por algo que não sabia explicar a causa. Deixei ficar por algum tempo sentado em minha cadeira de balanço, amiga, conselheira, meu diário mudo e surdo. Insatisfeito, levantei-me de súbito, um pensamento me aporrinhava. Desejava andar, passear pela natureza, mudar minha rotina. Queria escrever linhas inéditas no meu já extenso livro, na ainda página branca da minha vida.

- Cadeira, fique por um momento só, fique aí metida na sua solidão de cadeira. Vou passear, não demorei, logo estarei de volta. Não se zangue comigo, apenas vou ter com outras paisagens, outras aventuras... é o que espero.

De passos lentos, contados e cadenciados eu procurava a porta dos fundos; pela frente eram dez os degraus a serem arduamente vencidos, na escolha apenas um. Ao colocar o rosto para fora da residência, um espanto, um contentamento, várias as possibilidades. Qual lado seguir, esquerda, direita, frente, recuar jamais. Resolvi-me deixar ir pela direita, era manhã, o sol não iria refletir-me no rosto, namoraria minha própria sombra. Continuei a adentrar pelo caminho, passeando devagar, como deveria ser na minha situação.

- Minha sombra, há quanto tempo não dialogávamos. Sempre a meu lado nesta luta pela sobrevivência. Não sofreu com os meus calos, não padeceu com o meu suor, não se preocupou com as minhas obrigações, apenas me segue na minha jornada, uma fiel escudeira, calada, ouvindo minhas muitas lamentações, felicitando-se com as minhas alegrias...

Olhei adiante, uma planta, um pé de quiabento. De longe, avistavam-se os enormes espinhos, brilhavam-se com os raios do sol. De pé em pé, um, dois, um, dois, é que eu cheguei próximo ao arbusto. Primeiro chegara minha sombra, atrevida, negra como a noite.

- Sempre à minha frente, sombra amiga. Cuidado, os espinhos são resistentes, você pode se machucar.

Que nada, sou forte, bem mais forte que o senhor. Passo pelos espinhos sem ser tocada, entro no rio sem me molhar, voo com os pássaros se assim me prontificar.

- Estou a escutar vozes? Agora vejo que já me coloco perto do fim. Quando meu pai estava próximo da morte, dizia ele que conversava com os entes que já tinham partidos. Eu achava que era loucura da cabeça do velho. Os fatos se repetem constantemente.

Adiantei-me os passos, uma pedra, pequena, dois quilos, branca, um cristal sem valor monetário.

- Uma pedra! Branca. Devo saltá-la? Devo pegá-la para mim?

Deixe-me onde estou, cuide do seu resto de dias, desvie o percurso, segue sua estrada.

- Uma pedra falante.

Não ver que sou um pesado fardo para o senhor? Se tentar saltar por cima de mim, pobre do senhor, esborrachar-se-á no chão, quebrará seus ossos frágeis. Não quero ser punida pela sua desgraça.

- Então eu levarei você para minha casa.

Pobre ser, orgulhoso, deixe-me onde estou. Não ver que seu corpo não consegue se curvar com tanta facilidade? Meu peso será como um saco de cimento em suas mãos, quando chegar à sua bonita casa, até febre passará a ter, talvez venha a morrer por esse atrevimento. Já lhe disse que não quero

ser culpada pela sua desgraça. Desvie dois passos e segue, deixe-me onde estou, quem sabe um belo príncipe me encontre e me leve para o seu reino.

- Até a pedra passou a mangar de mim. Até mais, pedra, que Deus lhe coloque no caminho o príncipe de que tanto sonha.

Os passos contados iam avançando no novo, um, dois, um, dois.

- Sombra, onde você está? Converse comigo.

Estou gostando do passeio, continue a andar, não pare.

- Estou ficando louco. Eu não sabia que era bom ser louco. Converso com minha sombra, com as pedras. A vida está mais bonita. Se a morte for deste jeito, perdi meu tempo vivendo.

Ei velho, olhe para o lado. A velhice lhe deu a cegueira, foi?

- Quem está falando comigo?

Sinta só o meu perfume, olhe minha linda cor, todas as retinas se perdem na minha beleza. Menos a sua, velho perverso, deixou-me triste. Como pode fazer algo assim com uma flor?

- Que linda! Não fique triste, florzinha. Não ligue para a caduquice deste velho. Como é bonita. Posso sorver um pouco do seu perfume?

Claro, ficarei lisonjeada. Qual flor não gosta de ser cheirada. Meu perfume é adocicado. Sinta-o por completo.

- Que delícia... Se eu pudesse, eu a colocaria no meu coração.

Por favor, não me arranque, deixe-me onde estou, pois meu tempo de vida é curto, não o encurta ainda mais. Agora vá, há uma fila à minha espera. Mangangá, agora é a sua vez.

- Obrigado por me alegrar.

Faz parte da vida das flores, meu instinto.

Então voltei a seguir.

- Tem alguém aqui? – indaguei ao léu.

Um roçar no rosto, um assovio, um sacolejar das folhas, um levantar de poeira.

- Quem está aqui?

Sou eu, o vento. Não consegue me ver? Vou tocar em seu rosto levemente. Sentiu? Vou passar pela copa do juazeiro verde. Vou brincar de redemoinho.

- Como vai, vento? Como é bom poder falar com você.

Estou de passagem, preciso logo chegar à praia, um comboio de embarcações me aguarda. Sou vento, mas tenho que trabalhar. Para as crianças, levanto as pipas; para os adultos, tenho mil utilidades. Há serviços de que gosto de fazer: rodar cata-ventos é um deles.

- Nunca imaginei que o vento pudesse falar.

Sempre tive o dom da fala, vocês humanos que são desatentos às sutilezas naturais. Quantas vezes eu assoviei pela fresta da janela em sua residência? Quantas vezes o senhor prestou atenção nos sinais? Gosto de cavalgar pelas campinas sem rumo. Tenho que ir, quem sabe em outra oportunidade nós não conversaremos mais. Agora é adeus e até mais ver. Espero que não morra logo, pois os sinais em seu corpo são claros. Até logo.

Um assovio, as copas das árvores balançaram freneticamente, pela estrada um enorme redemoinho se formou em plena correria, à frente o capim sacudi em um sopapo, tão logo apenas o silêncio, mesmo assim ainda vi no céu um punhado de nuvens se desfazerem rapidamente.

Toquei a andar para frente, recuar, jamais. Precisava seguir, buscar novos sentidos para a existência. Um, dois, um, dois, cada passo bem pensado e calculado.

- Tenho sede. Lembro-me bem que logo adiante existe um riacho. Há quanto tempo não vou até lá? Está quente hoje.

Continuei na minha descoberta, cada detalhe tinha grandeza perante meus olhos. Já não era o de antes, aquele que desejava mudar o mundo, gozar de riquezas, ser poderoso, no momento, apenas pensava em viver, viver da maneira mais simples possível.

- Olhe como meu riacho está lindo. Quantas lembranças boas eu tenho deste lugar.

Pare, por favor.

- Quem está aí?

Não se atreva a tocar em meu corpo. Fique onde está.

- Com quem eu falo, ou com que eu falo?

Se aventurar pelo meu leito, olhe bem o lodo no fundo, irá escorregar, pois se encontra fraco, baterá a cabeça na pedra e perecerá. Suma da minha frente, não quero ter essa má fama. Se o senhor morrer aqui, ninguém mais quererá tomar banho em minhas águas. Por isso fique onde está.

- Tem razão. Apenas quero um pouco da sua água. Estou com sede.

Tome o quanto quiser do meu corpo, mas saiba que não sou eu o que levará em sua barriga, apenas uma pequena parte, algo do cosmo. Se o senhor cortasse um dedo e o jogasse em meu leito, não estaria o senhor em mim, apenas uma parte do nada.

- Sua água está fresca, saborosa. Minha sombra voltou, agora refletida na água do riacho.

Sombra também sente calor, estou me refrescando. Olhando para seu rosto, frente a frente, vejo que é preciso retornar. O senhor carrega o cansaço na face. Já não é mais um adolescente.

- Por hoje valeu apenas viver a vida. Como o mundo é maravilhoso, tantas formas, tantas cores, tantos movimentos... Por que, Deus, só próximo ao fim que descobrimos o verdadeiro valor das coisas? Se hoje eu me encontrasse na minha adolescência com a experiência que tenho, quanto sucesso e sabedoria eu teria na vida? Tudo seria diferente. É uma pena.

Se uma folha cai da copa da árvore, é vontade do Criador; se a sua vida foi desta maneira, contente-se, pois descobriu as verdades mesmo estando já no final, pior seria se morresse sem conhecê-las.

- Falo com Deus?

Deus lá tem tempo para perder com uma simples criatura do seu infinito bando. O senhor já pensou nos problemas do universo? Você para o cosmo é apenas energia que se mexe de um lado ao outro. Seus problemas a você pertencem.

- Com quem eu falo?

Fala com a terra, não o planeta Terra, mas a terra em que pisa.

- Até a terra passou a falar. Se eu contar isso para alguém, certamente irão me encaminhar a um hospício.

O senhor ainda perde tempo se preocupando com o que os outros irão falar. Esqueça-se do mundo, pense em você. O senhor é a causa e o efeito de tudo. O fracasso total é a fama que gozará cada ser vivo. E quando sua derrota chegar, estarei pronta para o enrolar no meu manto sagrado, devorarei seu corpo aos poucos. Não adianta temer, viva o agora, porque o depois a mim pertence. Agora segue sua estrada de volta, farei com que seu caminho se torne mais leve.

Eu fiz meia volta, retornava para o aconchego da minha velha cadeira de balanço, não tão velha quanto eu, mas considerando uma cadeira, sim, uma anciã cadeira de balanço. As vozes desapareceram, eu sequer notei, meu sentido era único, chegar à casa de morada sã e salvo. Um, dois, um, dois, contando os passos e fazendo novas pegadas retornei feliz. E assim se perdeu mais um dia, ou se viveu mais uma existência. Meu livro mais uma página branca ganhava conteúdo e sentido.

Indo à feira livre

Eu, sentado em minha cadeira de balanço, matutava a indigesta realidade. A vida de criança é de uma forma, a de um adolescente é de outra, a de um idoso, também. Estacionado neste lugar, punido pelos anos de vida, corpo fraco, olhava atônito minha debilidade diante do ambiente. Sou um ser humano, careço me locomover, parado feito a uma rocha me sinto em uma prisão perpetua. O espírito luta contra a frouxidão do corpo; o duelo, contudo, é desigual. A punição para quem vive muito é sofrer com as lembranças de tudo que perdeu pelo caminho da sua longa jornada, inclusive as forças.

- Tenho que sair, ver pessoas, conversar... Já não suporto mais esta mansidão em que me encontro. Ir aonde? Minha pouca energia corporal me impossibilita passeios longos. Gostaria de ir à cidade. Hoje é sexta-feira, amanhã é dia de feira livre. Será se meu filho me levará à feira amanhã? Como não atender a um pedido do genitor.

No outro dia cedo, o relógio caminhava para as oito horas, eu por muito pelear, e com a ajuda do meu filho, troquei a cadeira acolchoada pelo banco de madeira da charrete.

- É isso mesmo que o senhor quer? – indagou meu filho mateiro.

- Sim. Claro. Preciso ver gente. Minha mente carece se espargir, ganhar terreno, voar.

Meu filho desaprovava a minha vontade; cumpria, entretanto, com dedicação e zelo aquilo que o genitor lhe rogava.

- O senhor poderá se machucar pela estrada.

- Não se preocupe comigo. Na minha idade, a morte se encontra sempre por perto, um passo em falso e já estamos no buraco. Quero mais é viver meus restos de dias da melhor forma possível. Se eu não for hoje à feira, certamente não irei mais, pois a tendência é que as minhas forças diminuam dia após dia.

- O senhor é quem sabe. Vamos! Vamos!

O cavalo, ao som da ordem, começou a andar. O sacolejar da charrete alegrava-me, de tempos em tempos, as rodas entravam por um pequeno buraco, ou passava por cima de uma pedra um pouco maior que as demais, o banco duro trazia desconforto às nádegas deste viajante idoso. O filho calado apenas me observava de lado, curioso.

- Filho, já faz uns dez anos que não vou à feira. A feira é da mesma forma?

- Mudou pouco. No nosso interior, as mudanças acontecem lentamente, levam décadas, às vezes, para acontecer.

- É como nós seres humanos, só sentimos mudanças de dez em dez anos. Tenho boas recordações da feira. Já comercializei muito ali. A saudade queima no peito, quer me afogar.

- Seus amigos quase todos deixaram de ir à feira.

- Morreram... Mas restam alguns?

- Que me lembre, apenas compadre João.

- Compadre João é mais novo que eu vinte e cinco anos, volta e meia presta serviço em nossa propriedade.

- Há também seu Benedito, fica sentado ao pé do balcão, o filho é quem toma conta do comércio.

- Aquele é sovina, um mão de vaca danado. Nunca perdeu um fiado.
- O filho é totalmente diferente dele. Gente boa. Quando não tenho dinheiro, ele me vende a prazo.
- Cada pessoa com a sua mania. Ainda acontecem muitas brigas na feira?
- Não. Dificilmente.
- No meu tempo, todas as feiras tinham umas três brigas. A maioria terminava com a cabeça de um quebrada por pedra, ou o bucho furado por faca.
- O povo era muito valente.
- Põe valente nisso! Desaforo para casa, ninguém levava.
- E o senhor já brigou alguma vez?
- Certo dia tive que dá uns dois cascudos em um safado, depois me arrependi. O desgraçado fez gracinha para sua mãe. Não pensei duas vezes, foi um tabefe na cara e na sequencia dois cascudos. O danado arreou na hora, estava bêbado o infeliz.
- O casarão de Seu Lauro está caindo – apontava com o dedo para o lado.
- Dancei muito forró aí. Por sinal, foi nessa bendita casa que conheci a sua mãe. Um forró animado, a poeira subia, de repente, um temporal desceu do céu. Corremos para dentro da casa. Como éramos muitas pessoas, ficamos quase esmagados, nesse exato momento, sua mãe ficou vista com vista comigo. Olhei nos olhos dela, ela olhou nos meus, foi amor à primeira vista. Peguei nas suas delicadas mãos e a trouxe para junto de mim. As pessoas todas nos olhavam espantadas. O pai logo chegou para tirar satisfação. Levantei a cabeça e falei forte e alto: “De hoje em diante, a linda mulher que tenho em meus braços, de nome...”. O povo caiu na risada, pois sequer sabia o nome da moça. Ela me disse baixinho: “Rosana”. Voltei a elevar a voz: “De hoje em diante, Rosana será a minha mulher, esposa minha e mãe dos meus futuros filhos”. Todos bateram palmas. O pai então perguntou à filha se ela estava de comum acordo. Rosana apenas balançou a cabeça positivamente. Nunca fui homem de perder uma questão, quando jogava era para ganhar.
- Meu pai e as suas histórias...

- A pessoa que não tem histórias para contar é porque não viveu fortes emoções.

Logo chegamos à feira da cidade. O movimento era intenso. Gente andando de um lado ao outros constantemente, as vozes se misturavam formando um zunido de colmeia. Por todos os lados, viam-se mulas, cavalos, carros de bois. Eu olhava para tudo aquilo como uma criança preste a ganhar um brinquedo.

- Chegamos, pai. Está aí a feira que o senhor tanto sonhava em ver novamente – disse o filho meio contrariado.

- Sua cisma não me roubará a felicidade. Ajude-me a descer, por favor.

- Vou entregar as mercadorias, depois eu voltarei para apanhá-lo.

- Não precisa ter pressa. Vou passear um pouco pela feira.

Meu filho se foi em uma direção puxando a charrete; enquanto eu, de passos lentos, coloquei-me a andar. Aquela multidão que fervilhava e se misturava confundia os neurônios deste idoso. Quanta gente. No meu tempo não tinha esta quantidade de pessoas. Parei próximo a uma barraca de cereais. Esta barraca é do meu amigo Gustavo.

- Bom dia. Esta é a barraca de Gustavo.

- É sim senhor. Ele é meu avô.

- Ele já tem um neto grande assim.

- Já tem até bisneto.

- Onde está seu avô?

- Está prostrado sobre uma cama. Quebrou a bacia no mês passado. Com mais de oitenta anos, doente, a vida para ele não anda nada fácil.

- Eu não sabia.

- O senhor é amigo dele? Se for, passe na residência de meu avô e converse com ele, o coitando tem vivido tão só ultimamente.

- Posso imaginar. Vou fazer uma visitinha ao meu velho amigo na próxima semana. Deixe-me ir, você precisa vender seus produtos, não quero atrapalhar. Diga a ele que Seu Zé da Fazenda Jurema mandou lembranças.

Olhei para os quatro cantos, o povão andando e conversando confundia minhas retinas fatigadas, tentava lembrar-me dos antigos companheiros. Vou descer por aqui, à frente o amigo Gonçalo tem sua barraca de carnes.

- Bom dia – disse. O homem sequer virou o rosto para mim. – Que manta de carne bonita.

- Vai querer quantos quilos?

- Não vim aqui comprar, apenas desejo uma informação. Onde encontro Gonçalo?

- Na fazenda dele, lá na comunidade de Cerca de Burro. Ele me vendeu esta barraca já faz uns oito anos. Daquele dia para cá, nunca mais o vi.

Por onde anda todos os meus amigos? O tempo parece ter os devorados todos. Estou perdido em meio a tanta gente. Quantas pessoas jovens. Estou solitário numa feira livre, como pode. Ninguém para conversar. Cada qual com seus afazeres. Vou ao armarinho de Batista, quem sabe não o encontro por lá.

- Bom dia. Por gentileza, gostaria de falar com o senhor Batista.

- É um pouco difícil – disse um dos funcionários. – Só se for lá no céu.

- No céu! Ele morreu?

- Hoje faz três meses. Sei da data, porque a filha estava em pranto ainda há pouco.

- Qual foi o motivo do falecimento dele?

- Nos últimos anos, ele bebia e fumava demais, foi morto pelo vício.

Como pode alguém se deixar dominar pelo vício? Vamos andar, veremos se a nossa busca se torna promissora. Andava vacilante, muitos esbarravam-se em mim, a eletricidade da feira naquele momento de pico era intensa e às vezes insana. Que loucura, as pessoas perderam o bom-senso, não respeitam mais ninguém, nem um velho como eu.

- Saia da frente, vovô! – gritava um homem que levava sobre a cabeça um pesado saco de batatas. – Saia da frente, vovô! A carga aqui é pesada. O senhor poderá se machucar. Vamos, vamos! Dê licença.

- O pessoal ultimamente anda apressado.

O homem continuou a gritar: “Saia, saia, deixe-me passar! O fardo é pesado, você pode se machucar!”

- Até rima o infeliz consegue fazer – murmurei. – Vou por aqui.

Um grupo de crianças prendeu a atenção deste senhor, eram quatro meninos, todos na faixa dos oito anos. Eu parei por um momento e fiquei a observar a singela cena, voava nas asas do tempo, lembrava-me da época de minha infância.

- Senhor, quer um pedaço – uma das crianças me oferecia uma talhada de uma vermelha melancia. – Está igual a mel. Uma delícia. A melancia é grande, dá para todos nós e ainda sobrá um pouco no final.

- Vou querer sim um pedaço. – Recebi a talhada das mãos de um dos garotos que manuseava a peixeira. – Vocês são filhos de quem?

- Nós somos da comunidade do Fundão. O senhor não deve conhecer nossos pais não.

- Talvez não – respondi. – Vocês gostam de ser crianças?

- Gostamos – um deles se adiantou.

- Mas eu quero ser logo é adulto – acrescentou o outro.

- Por quê? – indaguei curioso.

- Quero ser grande para ser igual ao meu pai. Fumar cigarro, beber no boteco, dançar no forró, ser valente. Meu pai disse que homem tem que ter essas qualidades.

- Ele disse foi? – inquiri maquinalmente.

- Disse.

- Você quer ser como eu?

- Como o senhor? Um velho? Nunca pensei nisso antes. Acho que não quero ser não. Vocês querem?

- Nós? – os demais indagaram juntos. – Não. Deus nos livre.

- Pois vivam como criança. Esqueçam-se da vida nojenta de adulto. Hoje estou velho e vejo o quanto eu era feliz no meu tempo de criança. Não queira ser como os adultos, sejam sempre eternas crianças.

- Criança tem que estudar – falou um deles. – Eu odeio estudar.

- Eu também – disse o outro.

- A criança, sem saber, estuda para se transformar em um adulto, por isso é enfadonho estudar, a vida de adulto é chata por natureza.

- Senhor, temos que ir agora – um dos garotos disse ao se levantar. – Até mais.

Os garotos sumiram entre a multidão. Eu fiquei parado por algum tempo a pensar no meu pretérito, no meu conto de fadas. Precisava prosseguir, mas não conseguia levar o pé à frente. Aquele rebanho de pessoas, um zunido de abelhas nos ouvidos, vários aromas a me encherem o coração de nostalgia. Eu delirava.

- Quero minha infância perdida. Eu quero, eu quero, eu quero.

As pessoas continuavam a passar por mim como se nada existisse no lugar. Em meio a tanta gente me sentia só. Na fazenda, pelo menos tinha a companhia da velha cadeira de balanço. No meio da feira, a minha pessoa possuía menos valor do que as mercadorias: o arroz, o feijão, a carne, a melancia... Eu me sentia um excluído. Sem entender bem o que acontecia, voltei a andar, sem rumo, sem atinar para coisa alguma. De repente, senti uma mão a segurar-me no braço. Um susto. Deixei aquele espaço vazio em que me metera para voltar a realidade.

- O quê!

- O senhor está bem, pai?

- Sim, estou. Por um momento fui tomado por uma vertigem.

- Deve ter sido o calor do sol. Está muito quente hoje.

- Deve ter sido. Se quiser, já poderemos ir.

- Estava procurando o senhor para irmos embora. Quer tomar alguma coisa antes, comer algo?

- Não, meu filho. Podemos ir. Por hoje já me basta as emoções e as impressões deixadas por esta feira.

Nós dois voltamos para a fazenda. Diferente da barulheira da feira, sobre a carroça prevaleceu o silêncio entre nós. Meu filho volta e meia olhava-me de lado, nada falava. Eu ia metido nas minhas inquietações de momento. Perto do fim, as meditações à respeito dos acontecimentos são constantes, o ser fica próximo à filosofia, questões antes ignoradas roubam-nos a paz. Apenas se ouvia o barulho das rodas a tocarem o chão e o som dos cascos do animal na luta por vencer o caminho. E assim segue a vida, deslizando sempre nas engrenagens do existir.

Um passo lá outro cá

O Sertão às vezes se faz cruel com muitos dos seus habitantes, pondera que cada ambiente há seus riscos, mas aqui as peculiaridades são muitas e variadas. A caatinga esturricada, ferida pelo sol escaldante, adormece sonhando com a primeira chuva revigorante. Os animais se entocam, procuram os tubérculos debaixo do chão, algo para tapar o rombo que se encontra no ventre. A folhagem seca descansa solta das galhas em volta ao calor do cascabelho incandescente. Tudo lembra tristeza, dor e morte. Assustar por quê? São apenas as fases de um fenômeno natural, duro, perverso, mas corriqueiro e anual.

Seu Zé tem em sua residência a visita do amigo Pedro Antônio, proprietário de um boteco na sede do município.

- Amigo Pedro Antônio, que dias tristes são estes? – indaguei-lhe preocupado. – Está tudo seco. O gado se afina dia após dia. Meu estoque de palmas já se vai sumindo do roçado, a água nos barreiros some a cada deitar do sol. O ano parece que será penado, muita lamúria, a estiagem veio com garras afiadas, irá demorar.

- Na fazenda de compadre Henrique já morreram cinco cabeças de gado.

- Cinco? Meu Deus do Céu! Que prejuízo. Oh tristeza!

- A última foi a vaca Mimosa.

- A que dava no tempo seco dez litros de leite?

- A dita. Entrou no barreiro para saciar a sede com os demais, ao tentar sair, não conseguiu, ficou presa na lama, já era um animal de idade avançada. O dono só deu por falta no dia seguinte quando saiu para fazer a ordenha. Ao

chegar ao barreiro, ela estava lá sofrendo. Passara o dia anterior todo sob o sol escaldante e a noite atolada. De imediato, um grupo de três homens tirou o animal, fizeram uma armação para que ela ficasse de pé, deram-na comida, mas os nervos estavam rígidos. Viveu ainda por mais dois dias, padeceu melhor dizer. Henrique nutria esperança, contudo na manhã do dia da morte, quando foi levar comida e água, um carcará havia arrancado um dos olhos da vaca. O animal sofria muito, ele pensava em sacrificá-la. Perder os dez litros de leites, neste sertão duro, não podia. Voltou à casa de morada para apanhar remédio, ao voltar, o animal perdera o outro olho e a vida. Desolado, deixou o banquete aos pássaros. No outro dia, quando o mal cheiro estava forte, havia mais de cem urubus no local. Não sei de onde saíram tantos. Precisamos nos conformar com a realidade de nossa terra. Sacudir a poeira e ir cuidar dos que ainda estão vivos, pois os mortos já não servem mais, já cumpriram com a missão.

- Que cena triste. Já aconteceu uma comigo no passado, semelhante à que você me acaba de narrar.

- Mudando-se de pau pra cacete: você se lembra do filho de Maria de Nicolau que fora tentar a vida na cidade grande, corrido da pobreza do nosso chão?

- Nunca vi uma mulher chorar tanto como aquela pobre na despedida do filho. Parecia que o rapaz havia morrido, que nunca mais o veria em vida.

- Dois meses, apenas dois meses, o danado ficou na capital. Chegou na última sexta-feira. Se o senhor olhar para ele hoje, dirá de imediato, esse cabra não é aquele outro.

- Por quê?

- Por quê? Chegou vestindo diferente: short, camisa bem passada, um tal de boné na cabeça com a aba para trás, óculos escuros. E o pior de tudo: até brinco o desgraçado está usando.

-Virou mulher foi?

- Mudou da água para o vinho.

- Esse é o verdadeiro catingueiro, basta uma chuva para que de uma hora para outra opere uma explosão de mudanças.

- É desse jeito. Quando o danado chegou, entrou em um estabelecimento acompanhado do pai, ao ver um pessoal reunido indagou ao dono da venda:

“Ô Miguel, aquilo ali é briga?” Daí a segundos, entrou seu Zequinha, tio do dito. Ele então disse ao tio: “Como o Zeca cresceu, rapaz! Quando sai daqui, deixei o Zeca pequeno”. Zeca nervoso soltou o verbo: “Tome vergonha na sua cara, moleque! Sou mais velho do que você. Se eu fosse seu pai lhe daria uma boa surra de bainha de facão. Fica dois meses na capital e volta cheio de nenenen”. “O tio Zeca está nervoso, Miguel – disse o jovem com ironia”.

- Paulão me disse que este rapaz passou no engelho dele ontem. Chegou e ficou a olhar para a parelha de bois trabalhar rodando o pau da engrenagem. De repente, perguntou ao Paulão: “Ô Paulão, esses bois vão ficar tonto de tanto rodar”. Paulão retrucou: “Seu desgraçado, há poucos dias você me ajudava aqui na lida e nunca viu os bois tontarem”.

- A capital é a perdição dos jovens de hoje.

- Que rapaz desajuizado. Logo a caatinga o colocará no devido lugar. Boné para trás, brinco, short, o sol há de fazer deles pó. Ô se vai!

O correto é quem nasceu primeiro

Eu estava passeando pelo meu quintal na manhã fresca de um dia qualquer do mês de junho. Época de festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro. Tempo para se deliciar com as iguarias da estação: canjica, caldos, amendoim, leitoa assada, licores... Nesta parte do Sertão, no mencionado mês, o clima é ameno, para o povo chega a ser frio. O vento vem do sul em correria para o norte. Nos quatro horizontes, barras de nuvens avisam que a friagem é dona do ambiente. A poeira corre pelas estradas ao ritmo das lufadas fortes do vento. Folhas começam a se soltar das galhas das árvores e dos arbustos, cada estação com suas tintas, seus sons e seus perfumes.

Estava trajado com roupas pesadas e me sentia quente e confortável. Aquele ar trazia tristeza e amargura, as plantas sofriam com o sacolejar incessante das fortes rajadas de vento, os animais estavam arrepiados, até o sol parecia menos belo. Eu andava acabrunhado e inquieto sem saber o real porquê de tudo isso. Neste espaço, não havia ninguém para prosear, os filhos estavam na lida. Nem o que pensar eu carregava na mente. Um estado mórbido de pura inação.

- Compadre, Zé! Compadre, Zé! – grita alguém à cancela de entrada.

- Já vai! Já vai! Não precisa gritar tanto! - respondi irritado com tanta gritaria.

Por um instante, aquele chamado mudou a minha ocasião. O que seria das pessoas se não existissem essas casualidades do destino? Às vezes, o indivíduo deseja seguir um caminho, algo acontece, a decisão segue nova direção. O grito do senhor lá fora tirou-me dos delírios e recolocou-me diante da nua e da crua realidade.

- É você? – perguntei surpreso. – Há quanto tempo?

- Quem é vivo sempre aparece. Estava lá em casa perdido nas preocupações, lembrei-me do senhor. Então pensei: por que não ir fazer uma visitinha à residência do meu amigo?

- Eu fico muito contente pelo senhor ter vindo. Já não suporto mais tanta solidão. Careço de alguém para prostrar.

- Para nós idosos ter com quem dialogar é algo essencial. Vamos procurar um lugarzinho para sentarmos.

Sentei-me na cadeira de sempre, ao lado uma outra parecia esperar por alguém, o amigo nela se acomodou.

- Compadre José, minha vida anda de cabeça para baixo. Já faz três dias que não consigo dormir. A vida me escolheu para pregar uma peça. Estou encurralado, não sei como agir, meus braços e minhas pernas estão atadas diante do indigesto problema.

- Já me sentir assim antes – disse. – Mas o que aborrece o amigo?

- Meu filho não anda muito bem. Está doente.

- Logo melhorará.

- Ele se encontra internado no hospital da cidade.

- É caso de cirurgia?

- O caso é grave, muito grave, compadre José. Há uma semana, meu filho mais novo começou a sentir tonturas, volta e meia, fazia vômito. Levamo-lo ao auxílio de um bom médico. De imediato, o doutor disse ser apenas uma indisposição, passou um remédio e nos recomendou, se não houvesse melhora, que retornássemos. Durante à noite, o quadro do meu filho foi arruinando, o rapaz chorava, gemia de dor. Peguei uma carroça e o coloquei no fundo. Minha mulher foi montada em um cavalo. A distância da fazenda ao hospital é de uma légua, estrada ruim, cheia de buracos. Meu filho gritava, gemia... Eu, a segurar a rédea do animal, chorava junto. Que

agonia, compadre José. Você sabe o que é ver seu filho sofrer e não poder fazer nada? Ao chegar ao hospital, um médico já de idade veio ao meu socorro. Precisou apenas de alguns toques e pouca observação para me dá um diagnóstico. Antes meu filho já havia sido recolhido a um quarto e já estava sendo medicado. Estava eu sentado, o médico olhou para mim e disse: “O senhor precisa ser forte. O estado do seu filho é grave. Se minhas conclusões estiverem certas, seu filho só terá no máximo sete dias de vida”. Minhas pernas bambearam, eu tremia, chorava e soluçava. Alguém me trouxe um calmante, bebi e apaguei. Quando voltei em mim, o médico estava ao meu lado no quarto. Por um momento, pensei está sonhando. O homem olhou para mim e me perguntou se eu estava bem. Indaguei-lhe qual era a doença do meu filho. Ele me respondeu: “Ele está com falência múltipla dos rins”. No fundo eu já imaginava. Daquele instante, minha vida se transformou. Passei a questionar a bondade de Deus. Por que meu filho? Para que tanta dor? A tristeza mutila o meu coração incessantemente. Já não sei em que galho segurar.

- Compadre, a vida também já me pregou tal peça. Do dia do ocorrido em diante, nunca mais fui o mesmo. Sofri muito, como desejava trocar de lugar com o meu filho. O correto é o filho enterrar os pais e não os pais sepultarem o filho. Como seu filho está, compadre?

- O médico deu sete dias de vida para meu filho. Daquele dia para cá já se foram três dias, restam-lhe quatro. Meu filho está no hospital, de vez enquanto, saio só para não ver o sofrimento dele. Compadre, daria tudo para me colocar no lugar do meu querido filho. Já vivi bastante, ele não, tem uma vida inteira pela frente.

- Compadre, gostaria de narrar minha história para o senhor. Deseja escutá-la?

- Sim. Quem sabe uma dor não ameniza outra. A vida anda por uma linha suave de acontecimentos cheios de luz e paz, de repente, um vendaval nos assola por todos os lados, o sabor agradável se torna fel e sangue. Se meu filho falecer, padecerei pelo restante da vida.

- Compadre, certo dia fui pego de surpresa. Tremi na base, como dizem por aí. Meu filho começou a se sentir mal, o quadro foi arruinando, arruinando, fomos obrigados a levá-lo ao hospital. Do dia em que deixou esta casa, só retornou dentro de um caixão de madeira. Tempos difíceis aqueles. Fiquei quase uma semana sem comer. Minha esposa se encontrava pior que eu. Nosso filho ficou poucos dias internado, não sair do lado dele um segundo. Morreu lúcido, enquanto estava conversando comigo. Um instante e ele já

não se encontrava mais, bastou fechar os olhos e já não podia mais falar. Presenciar a morte de um filho é algo pesado demais para um pai suportar.

Fiz uma pequena pausa, dos olhos lágrimas de saudade nasciam como nascem os rios.

- Ele me disse, momentos antes do fim: “Pai, eu não quero morrer! Eu tenho medo da morte. Pai, por que justamente comigo? Quero voltar a trabalhar, a cavalgar pelas suas terras. Pai, faça alguma coisa. Não me deixe morrer!”. Eu ali, de mãos atadas, sem saber como proceder. Como eu pedir a Deus pela saúde de meu filho. A mãe acendeu velas a todos os santos. Nada surtia efeito. Estava eu conversando com ele, de repente, um grito: “Pai, pai, pai! Eu estou morrendo! Não me deixe ir, pai! Eu vou morrer! Eu vou morrer! Pai, meus dedos dos pés, já não os sinto mais. Pai, uma coisa fria está subindo por minhas pernas. Pai, pai, vou morrer! Pai, faça alguma coisa! Está chegando perto do peito, pai! Pai, eu não quero morrer...”. Estava com a cabeça dele no meu colo quando os olhos do meu filho fecharam para este mundo. Até hoje carrego aquele momento no meu peito. Minha vida nunca mais foi a mesma.

O amigo estava em pranto, chorava pela sua sina e pelo sofrimento que emanava dos meus olhos lacrimejantes.

- Amigo, palavras nesta hora pouca serventia têm – continuei. – Esta ponte estreita o compadre terá que vencer. Dias difíceis esperam pelo senhor. Sempre que quiser conversar, estarei aqui pronto a atendê-lo. Seu filho ainda está vivo, quem sabe Deus não opere um milagre e o salve desse padecimento.

- Minha esposa acredita muito em Nossa Senhora, diz a todo momento que nosso filho será curado pela intercessão da Santa. Tomara que a fé dela consiga curar nosso filho.

- Quantos casos há por aí. Quem sabe seu filho não venha a ser mais um curado pela força da fé.

- O médico disse que somente Deus para salvá-lo. A realidade corta feito uma navalha virgem, martela com toda força o abdome. Para que existe o sofrimento mesmo? Deus está me cobrando caro demais, de pronto quer levar um dos meus maiores tesouros.

A conversa seguiu outros rumos; a tristeza, entretanto, do pai aflito, contracenava com o ambiente sem graça formando um dia doente, pesado e triste.

Pergunta sem resposta

O céu estava lindo, um verdadeiro espetáculo. Estrelas a luzir por todos os lados. O manto negro tingido por purpurina estrelar. As nuvens sumiram por completo, a lua viajava por outra galáxia, somente o pisca-pisca a roubar a atenção.

Encontrava-me sentado a balançar na velha cadeira, contemplava feliz as figuras do espaço sideral. Sorria bestialmente sem saber o motivo. De vez enquanto, perdia horas naquela posição.

- Vô! – chega meu neto Pedrinho. – Assustou-se, vô? O que o senhor está fazendo?

- Eu? O que eu estou fazendo? Ah, sim. Estou assistindo às estrelas.

- Assistindo? Como assim, assistindo às estrelas?

- Sente-se ao meu lado e venha assistir comigo.

- Vô, mais o céu está bonito... Quantas estrelas!

- Está vendo aquelas três ali juntas?

- Quais, vô?

- Aquelas. Sabe como são chamadas? Três Marias. As outras três próximas delas: Três Joãos.

- Estão na mesma linha. Nunca se afastam, vô?

- De quando eu nasci até hoje, continuam no mesmo lugar.

- Será por quê? Já a lua muda de posição todos os dias.

- As Três Marias e os Três Joãos estão longe, meu filho. Para chegarmos lá, apenas com a força da imaginação.

- E aquele grupo ali, vô. Qual o nome?

- Cruzeiro do Sul.

- Cada estrela possui um nome, vô?

- Com certeza, mas eu não sei o nome de todas elas não. Somente os cientistas.

- Os astrônomos, o senhor quis dizer.

- Isso, os astrônomos.

- Vê, meu amigo Luiz me disse que quando uma pessoa morre, ela vira uma estrela. É verdade?

- As pessoas falam que sim, porém não sei ao certo. Esse é mais um mistério da Vida.

- Vê, eu não quero morrer não. Outro dia desses, fui ao enterro de Manelão, o coitado carregado dentro de um caixão. O homem que o carregava me disse que Manelão estava dormindo. Ao chegar ao cemitério, colocaram o caixão dentro de um buraco. Perguntei ao homem: “Vai deixá-lo aí dentro?”. Ele me disse que sim, que Manelão iria dormir por toda eternidade, seria a nova morada dele. Vê, eu não quero dormir para toda eternidade dentro de um buraco não. Será se Manelão consegue sonhar, vê? Pelo menos passa o tempo.

- Não se preocupe com essas coisas não, meu neto. Isso é coisa de adulto. Criança foi feita para brincar.

- Todas as noites eu perco horas pensando nessas coisas. Fico imaginando como Manelão se encontra. Sozinho naquele buraco.

- Meu filho, este mundo é recheado de mistérios. Olhe quantas estrelas têm pelo céu. Quantos planetas são habitados? Para que tudo isso afinal? Se não existisse a vida, qual a razão desta estrutura toda? Se não existisse nós para contemplar todas estas belezas, para que tamanha obra? Nascemos para aprender. Eu acredito que quando morremos, voltamos a nascer em outros lugares. Acredito que já fui um elefante, quem sabe um rato, uma formiga...

- Um rato? Uma formiga? E eu já fui o quê, vê? Um gato? Uma lagartixa?

- Quem sabe se você não já foi um dinossauro.

- Daquele bem grandão, vê! Qual é o nome dele mesmo?

- Tiranossauro Rex.

- Já pensou, vê, eu um dinossauro?

- Quem sabe se você não foi um ET? Um habitante de outro planeta.
- Um ET, vô! Agora estou mais aliviado, pelo menos depois da morte a gente volta a nascer em outro lugar. Será se Manelão virou minhoca, vô?
- Já pensou Manelão uma minhoca? Pobre do Manelão, como gostava de falar, agora uma minhoca, sem voz, calada, debaixo da terra.
- Coitado do Manelão, uma minhoca.

Terra para quem quer trabalhar

A vida se sustenta sobre as rochas da própria vida. O ciclo universal das coisas coloca em colisão todos os seres. A roda gira harmoniosamente num cenário de profunda ebulição. O nascer para um significa o perecer para outros. A água com todo o seu poder traz o equilíbrio ao ambiente. Do líquido ao vapor, da condensação das nuvens a chuva fertilizadora, da água pura em gelo denso. O animal abatido, sangrado, fatiado: o alimento para humanidade. O arrozal maduro ceifado e morto se transforma na energia que impulsiona os braços. Um pequeno inseto capturado em pleno ar por um pássaro faminto, a ave distraída é apanhada pelas garras afiadas de um felino... A vida é linda, mas cruel, muito barbara, cruel.

Em passos lentos, chego à varanda, fico a observar o ambiente, passo a mão direita no rosto; a esquerda, segura a bengala. Um final de tarde bonito, o sol avermelhado vai se deixando sugar pela linha da montanha ao oeste. O dia e a noite, a luz e a escuridão, a vida e a morte. Cansado pelos poucos minutos que estou em pé, resolvi por imposição física me acomodar na velha cadeira de balanço. Sem muito poder, contento-me a observar, pelo menos a visão não se perdera pelo arrastar da longa jornada.

Meu filho mais velho aparece vindo do interior da residência, volta e apanha um banco, senta-se ao meu lado.

- Como vai a lida, meu filho? – perguntei-lhe.
- Dentro da normalidade. A terra não nos dá condição de riqueza, contudo ela sempre retribui o suor nela derramado. Com as novas técnicas, com as novas variedades, com os adubos, a produção tem aumentado muito. Na nossa região, somente nós, e outros dois, de forma ainda incipiente, investem na terra para a obtenção de um melhor resultado.
- Você se lembra quando nossa região era campeã na produção de arroz?

- Como poderia me esquecer, meu pai? Passava o dia todo espantando os pássaros com estilingue. Quantos caminhões deixavam nossa cidade carregados dos grãos.

- Hoje, alguém ainda produz arroz por aqui?

- Não compensa. O trabalho é muito, e o resultado sequer paga os recursos gastos.

- Como anda as propriedades na baixa? Ali só têm terras de ótima qualidade. O terreno de Juca, a fazenda de Bernardo, o sítio de Adolfo?

- Faz pena. Tudo abandonado. O mato tomou conta de tudo. Não produz nada. Por lá somente malva.

- Antigamente era uma multidão trabalhando naquelas terras. Lembro-me dos negros que deixavam seus terrenos no seco para labutarem por lá. A produção de rapadura e cachaça era enorme. O dinheiro corria solto pelas ruas, o comércio sempre aquecido. Tempo bom foi aquele.

- O comércio hoje em dia perdeu muito do vigor de outrora. Já não vendemos mais rapadura nem cachaça para outras cidades, tem tempo que precisamos comprar dos nossos vizinhos. O povo da nossa cidade perdeu a vocação para a terra.

- O que ocasionou tudo isso, meu filho?

- Quando os antigos donos morreram, na sua maioria as terras ficaram como heranças para a prole. Os filhos que foram enviados à capital para se formarem e atualmente são profissionais em certas áreas não desejam trabalhar a terra. Muitas vezes nem tempo têm para se dedicarem a produção do campo. Como eles não precisam de dinheiro, são quase todos ricos, deixam as terras como patrimônio. Outros terrenos foram fatiados de tal forma que os pedaços oriundos só dão para fazer chácara. Alguns tentam a criação de gado, porém sem lucratividade alguma, apenas um capricho de gente rica.

- Tanta terra boa aí sem produzir nada. Poderia gerar emprego, renda, produção.

- Os jovens da nossa região procuram São Paulo em busca de emprego. Ônibus e mais ônibus saem semanalmente levando levas e mais levas de retirantes. Muitos sequer retornam mais. A realidade é triste. Se hoje estou no campo, é porque o senhor me fez crescer cultivando a terra. Se o senhor

tivesse me enviado à capital, certamente estaria em outro ramo. Só trabalha a terra quem a ama de coração.

- Às vezes me perco pensando: “Se eu tivesse mandado meus filhos para estudarem, a vida para vocês seria menos penosa”.

- Que nada. Por todos os cantos há as dificuldades. O dinheiro nos dá a condição de um viver mais leve, porém a felicidade só está naquilo que realmente nos faz feliz. Eu gosto da lida no campo. Para o médico, a cura do doente é sua obrigação; quando realizado, ele se sente a pessoa mais feliz do mundo; para nós agricultores, fazer brotar, crescer e produzir a terra é o que nos dá força para continuar. Não existe coisa mais bonita do que ver as mangueiras carregadas de frutos, aquela plantação de cana crescendo a todo vapor, o gado reproduzindo e engordando... Confesso, sou feliz como sou.

- Fico contente em ouvir de sua boca tais palavras. Seu sangue realmente é igual ao meu. Tive várias oportunidades de deixar o campo para viver na capital, contudo nunca pensei em deixar minha terra por nada deste mundo. Não nasci aqui, mas cresci, e é aqui que quero morrer. Eu já avisei, nada de hospital. Um velho quando chega à hora, remédio nenhum faz efeito, já se gastou todo pela existência demorada.

- Ninguém aqui deseja que o senhor morra.

- O certo é que irei morrer, faz parte da vida. Não é querer, ou não desejar, é cumprir com a lei, lei que não se sujeita a caprichos de ninguém.

- Voltando ao assunto anterior: algumas pessoas querem reproduzir o que ando fazendo na nossa propriedade nas deles. Quem sabe nossa região não volte a ser próspera novamente?

- Trata-se da inveja boa. O homem que deseja crescer, no fundo é dono de uma santa inveja, caso ele busque nos exemplos a sua evolução, para o mundo é algo formidável. O que não pode é se elevar diminuindo o outro, esse tipo de inveja não presta.

- Quer dizer que existem a inveja boa e a inveja ruim?

- Como não. Não acabei de provar-lhe agora mesmo.

- Meu velho pai e suas sábias palavras.

Indo ao hospital

Este velho homem acordou disposto a cumprir uma obrigação. Estava ciente do que precisava realizar. A idade já não me dá muita liberdade, uma vez por outra, eu me sinto mesmo como um pássaro engaiolado em um corpo muito gasto pelo tempo. Fazer o quê, quem é que não depende dos outros nesta vida?

- Filho, preciso ir à cidade nesta manhã – avisei-lhe.

- Mas logo hoje!

- Tenho que me vacinar contra a gripe.

- É verdade. Vou pegar o carro para levá-lo ao hospital. Um pé lá, outro cá. Tenho muito serviço a fazer neste dia.

- Quero ir de charrete.

- De charrete? Irá demorar, sem falar no desconforto.

- Peça para alguém me levar, pois sei da sua labuta no pomar de manga.

- Vou pedir Adriano. Ele é um rapaz muito bom, trabalha comigo na roça.

Tomei meu café da manhã sozinho, os filhos estavam metidos nos trabalhos diários, enquanto os netos e as suas mães percorriam o caminho para a escola. Ir ao hospital, quanto tempo que eu lá não ia. Tomar uma injeção, proteja-me contra algum vírus, prorrogar um pouco mais a existência. Empurrar até quando? Qual dia ingrato será o que guarda meu tombo profundo? O tempo passa rápido, a prova disso sou eu mesmo, velho e acabado.

Logo Adriano entrava cansado e ofegante pela porta, quebrando a linha de pensamento deste quase centenário senhor.

- O jovem correu bastante? – indaguei-lhe sorridente.

- E como. O patrão me pediu para vir o mais rápido possível. Ele deseja que eu retorne para a lida o quanto antes.

- Iremos de charrete. Apronte-a enquanto eu vou me trocar.

- Certo.

Dez minutos após, nós dois estávamos sentados no banco de madeira da charrete, à frente um cavalo branco se fazia manso, iria puxar o veículo.

- Gostaria que passássemos pela estrada dos fundos.
- Por lá é mais longe.
- Quero rever o rio, quero olhar como está a plantação de manga.
- Da gosto ver tanta manga. Nunca vi tantas mangueiras em minha vida. A produção este ano será boa, muito boa.
- Como eu gostaria de ser novo para poder ajudar na plantação... O serviço é pesado, porém algo muito prazeroso. Dê partida.
- Vamos! Vamos!

O cavalo começou a se locomover devagar. As rodas de borracha rolando em um movimento eterno e contínuo faziam a vida destes dois mortais girarem também ao mesmo ritmo. As imagens das bordas da estrada vinham e iam de tempo em tempo trazendo sempre algo diferente à imaginação.

- Adriano, o que você deseja ser? Qual seu sonho?
- Não sei. Acho que serei como meu pai, um homem do campo.
- Mas você gosta?
- Não é questão de gostar. A vida vai nos empurrando da forma que ela bem quer. Não pedi para nascer nesta cidade, mas nasci; não pedi para nascer em minha família, mas nasci; não pedi para ser eu mesmo, mas assim sou. Às vezes, penso que somos meras marionetes da natureza.
- Você é inteligente.
- Gosto muito de ler, talvez seja isso.
- Está explicado. Não gostaria de sair para estudar na capital? Formar em alguma área, ser doutor.
- Já perdi tempo pensando, hoje já não penso mais. O meu presente é este, já há muitos problemas a serem resolvidos no momento, o futuro não me agrada muito pensar, só vejo lá sombras e dor. Tenho um pai doente em cima de uma cama, uma mãe e seis irmãos pequenos para alimentar. Como posso me atrever a sonhar tendo ao meu redor uma realidade que me reduz ao simples dever. Se eu fosse um jovem qualquer, largaria tudo e sumiria

no mundo em busca de um sonho, mas sou como sou, com minha obrigação, ou minha cruz, não posso falhar.

- O que o seu pai tem?

- Ele nos seus sessenta anos sofreu um derrame. Já são dois anos sobre uma cama aos cuidados de minha mãe. Ele fumava muito e gostava de beber uma pinguiha. O dinheiro da aposentaria dá mal para comprar os remédios. Preciso trabalhar para alimentar meus pais e meus irmãos mais novos. Os tempos lá em casa são de muito trabalho e penúria. Diante de uma situação assim, o que posso fazer senão acatar a dura realidade?

- E eu que estava pensando que a minha vida era ruim. Parece que a sua em particular é bem pior, mesmo sendo jovem. Uma vida de trabalho, de pouca esperança e de quase nenhum sonho.

- Eu aprendi que não me cabe fugir dos problemas, acredito que tenho um caminho para seguir, devo vencer estas dificuldades e não pensar que por outra estrada seria melhor. A minha vida é esta, a sua é a sua. Não existe estrada igual a ser vencida, cada um tem sua cruz e seu calvário para vencer.

- A vida é mesmo interessante, não entendo o porquê de tudo, parece-me nas muitas das vezes com um paraíso, em outras oportunidades, já não sinto mais. Eu, um dia, não tão distante assim, deixarei este lugar, quem sabe voarei para uma outra dimensão. Aos poucos, minhas impressões sumirão desta paragem, com o correr dos anos serei esquecido por todos, pois todos os que conviveram comigo também já terão partido.

- A conversa está tão boa que o senhor nem se deu conta que estamos bem ao meio das mangueiras.

- Foi mesmo. Que coisa mais linda. Para onde vendem tantas mangas?

- Não faltam compradores. A produção é toda levada para outros municípios. Logo mais passaremos por sobre a ponte do rio.

- Faz tempo que não passo por ela. Trabalhei na sua construção. Tempo difícil era aquele. Sem a ponte na época de cheias era um caos só, ninguém podia transpor o rio. A modernidade chega para tornar a vida humana mais leve. Até os burros hoje em dia já não trabalham tanto como antigamente, no muito uma viagem a passeio como é o caso deste cavalo branco.

- Sem a tecnologia, esta plantação se tornaria inviável. O sistema de irrigação liga e desliga na hora determinada, a água é oferecida a cada planta de acordo a necessidade, o desperdício é mínimo.

- Meu filho já havia me falado sobre a irrigação.

- Logo à frente temos a ponte. O rio nesta estação do ano corre mansamente.

A charrete parou bem no centro da ponte, fiquei a contemplar o ambiente. Cada pedaço daquele lugar me levava a acontecimentos pretéritos.

- Já pesquei muito por aqui. Pegava cada tamanho de traíra. Tempo bom. Gostava muito de pescaria.

- De vez enquanto, eu pego uma vara e um anzol e venho pescar neste bonito lugar. Comer um peixinho no final de semana é bom demais.

- Há muitos peixes ainda?

- Sim. Chegou uma época que não se encontrava nem piaba mais, porém o patrão proibiu a pesca, em pouco tempo os peixes voltaram. Hoje só pesca com autorização dele.

- Dê partida. Gostaria de ficar mais, contudo meu filho poderá precisar dos seus serviços. Outro dia voltaremos para um passeio mais demorado, quem sabe um piquenique.

O cavalo voltou a andar, saiu a percorrer a estrada que o condutor lhe impusera. Talvez sejamos, nós humanos, algum tipo de animal que nos é dado um caminho somente para seguir, a rédea e o chicote são os instrumentos para nos mantermos na direção previamente determinada; aqueles que são desobedientes e se aventuram a trair o predeterminado acabam sofrendo penas pesadas, muitos pagam com a própria vida.

A charrete estacionou debaixo de uma árvore frondosa. O condutor desceu e ajudou-me a me colocar de pé no chão. Nós dois vagamente nos dirigimos ao hospital. Ao nos aproximarmos da porta de entrada, encontrei um filho de um velho amigo.

- O senhor por aqui? – disse-lhe. – Alguém doente?

- Minha mãe está dentro da ambulância que vem chegando.

- O que ela tem?

- Velhice. Cento e três anos nas costas. Acho que desta vez minha querida genitora dará adeus ao nosso convívio. Vou sentir muita falta dela. Com o tempo as coisas vão perdendo seus sabores, tudo se desmorona, some-se pelas margens, fogem aos nossos dedos, apenas cresce um vazio eterno e infinito no peito. Sinto-me alegre por minha mãe ter vivido muito, mas triste por saber que não a verei mais. Na nossa casa, tudo nos faz lembrar dela e do meu pai. Não sei como será de agora em diante. Parece que arrancaram um pedaço de mim.

- Mas ela ainda não pereceu.

- Sinto-me que o fim se aproxima, algo que não sei explicar direito, apenas tenho esta impressão. O estado da minha mãe é deplorável, no momento, a sua partida será melhor que a sua permanência, pois somente padece com muitas dores.

- O que poderemos esperar mais de uma pessoa que alcançou seus cento e três anos?

- A ambulância vem chegando. O senhor deseja ver como ela se encontra?

- Sim, desejo.

O veículo se aproximou, parou, o motorista desligou-o e saiu para abrir a porta dos fundos. Nós dois nos dirigimos para presenciar. A porta fora aberta, a idosa estava deitada em uma maca, respirava com dificuldade, tinha um olhar fixo, já não falava, já não tinha mais conhecimento de nada, era um vegetal desgastado pelos anos.

- Pobre senhora, seu estado realmente é grave. Breve não estará mais entre nós.

O filho da enferma em prantos, em soluços, afastou-se do local. Eu o segui com o olhar, retornando a fixar-se na senhora. A que ponto nós nos reduzimos. Do nascer ao falecimento vencemos uma estrada longa e sinuosa, muitas dificuldades, sorrisos, lágrimas, para em uma curva qualquer tombarmos. Tenho medo de ficar sobre uma cama dando trabalho, mas há muitas coisas das quais não podemos fugir. O que essa pobre senhora pode fazer diante da sua realidade? Ainda bem que ela tem bons filhos para lhe oferecer cuidados. Quantos por aí sofrem sem o auxílio de alguém, morrem à míngua?

- Com licença – um enfermeiro se aproximava da ambulância. – Vamos levar a paciente para a enfermaria.

Vi a maca descer do veículo e ser empurrada pelo funcionário, a idosa soprando com dificuldade fazia bola de saliva. O filho caminhou para próximo de mim.

- José, como será de agora em diante? Minha mãezinha em um estado de cortar o coração. O que eu posso fazer? Tenho minhas mãos atadas. Sou mesmo um verme. Apenas tenho que me conformar com minha fraqueza. Por que tudo tem que ser desta forma? Preciso respirar, mas não consigo, desejo sorrir, mas já não é mais possível, preciso sentir as flores, mas meus olhos só vislumbram a pobreza natural da minha querida mãezinha.

- Falar o que para você nesta hora tão dura? Será que há alguma palavra com poder de amenizar sua dor? Confie em Deus, Ele sabe o que faz. Devemos nos apegar à esperança, sem ela nos sucumbiríamos assim que tivéssemos consciência do nosso estado natural. Mesmo não tendo certeza, apegue-me à ideia de uma vida após esta, onde poderei reencontrar meus pais, meus amigos que já se foram. O que significa isto tudo para nós? Alguma coisa há que desconhecemos, tudo tem que possuir uma razão plausível de ser analisada.

- O senhor tem medo da morte, José?

- Claro! Por não conhecê-la a temo. Sinto-me como um estudante dias antes de passar por um difícil exame, a barriga dói, o suor frio se perde pela testa, tenho calafrios... O nascimento e a morte são os dois dilemas centrais da existência. Já sou um ancião, pouco mais novo que a sua mãe, a morte anda sempre próxima de mim, percebo o cheiro dela me rondando. Fazer o quê? Tenho que conviver com minha amiga quase íntima.

- Vou a recepção ver se precisam de algo.

- Vou tomar uma vacina e retornar para meus aposentos. Qualquer coisa me comunique.

O homem adentrou-se rapidamente, enquanto que eu seguia para a entrada em passos lentos. Tomei a vacina, subi na charrete e voltamos para a fazenda. Fiquei metido nos meus pensamentos que se transformaram, se na vinda era conversador, agora, no retorno, fazia-me de estátua. Ao atracar à porta do velho casarão, quebrei o silêncio:

- Foi muito bom ter feito este passeio na sua companhia. Desculpe-me por não ter conversado com você na volta, minha mente divagava sem rumo. Muito obrigado por tudo. Breve voltaremos a nos reencontrar.

- Fico feliz por ter sido útil. Tenho que ir, o patrão me espera na lida. Precisando do meu serviço, é só me chamar.

A charrete deixou o local levando o condutor, para trás ficava eu e meus milhares de pensamentos, novos e velhos.

Minha querida Velha partiu

Como é bom viver, ter filhos, esposa, gozar das belezas e desfrutar do brilho do Sol. A manhã se inicia exuberante, magnífica, perfeita. Os passarinhos em um vai e vem frenético cantando e sorrindo da própria alegria. As nuvens mansamente deslizam encobrendo as serras com o seu manto lutuoso, prenúncio de temporal. Estou em pé na varada a observar o meu mundo. O mundo é para mim o que vejo. Outros mundos são de outras pessoas, pois são elas que os veem. Fiquei por algum instante petrificado sem saber qual a razão, na faina diária muito teria que ser feito, por alguns minutos, ignorava minha própria realidade.

Tomei um espanto ao ouvir minha velha gritar:

- Zé, eu vou morrer!

Recebi o impacto do corpo caindo sobre meus braços. Balancei um pouco, mas me segurei firme. O coração estava na boca, batia feito bumba. Ela com aqueles olhos negros me olhava de forma estranha. Um brilho diferente reluzia em suas pupilas, luz do adeus.

- Zé, eu estou morrendo - sussurrou ela mansamente.

- Como assim, morrendo? – minhas palavras se misturavam às lágrimas.

- Usei todas as minhas forças só para lhe dizer: muito obrigado. Eu o amo, Zé. Sempre, sempre, sempre.

- Não me deixe só neste mundo. O que será de mim sem a sua presença? Espere. Não vá agora. Não me deixe só.

Os olhos dela foram se apagando lentamente. Que amargura, roubaram-me o meu maior tesouro. Um vazio crescia dentro do meu ser, uma força devastadora parecia querer arrancar-me as entranhas, a cabeça latejava em fortes pancadas. Deixei meu corpo sentar, minha esposa ficou repousada sobre minhas pernas. Por quanto tempo me vi vagando sem rumo? Não me lembro, estava em outra dimensão, aéreo a tudo deste mundo. Por um

momento, cheguei a imaginar que também me encontrava morto. Um grito me tirou daquela prisão.

- Pai, o que foi que aconteceu?

Liberto do estado nada do ser, vi-me enjaulado ao pesadelo da vida que nascia sobre as cinzas de um cadáver. Os lamentos de meu filho, em poucos segundos, fizeram do local um campo de peregrinação de amigos e curiosos. Minha velha foi tirada dos meus braços, meu corpo foi arrastado para uma cama. Já não tinha mais forças sequer para chorar. Tentava por todos os caminhos supor como seriam os dias na falta da minha fiel companheira. Uma confusão embaralhava meus pensamentos, estava próximo da loucura, talvez tenha de fato visitado indigesto local.

Sentei-me ao lado do féretro, tentava não pensar, mas sabia que era os derradeiros momentos ao lado da mulher que fora tudo na minha existência. As pessoas chegavam aos montes, pêsames e sentimentos. Nenhuma palavra conseguiu furar a barreira que me fazia refém. Uma mão me tocou levemente na altura dos ombros e balbuciou:

- José, levante, a vida continua.

Senti-me desacorrentado. Olhei aos quatro cantos e não percebi o homem que me tocara há pouco, ou uma senhora, pelo peso do toque, mão de senhor. O povão na sala se perdia em conversas descabidas. Deixei que me acorrentassem novamente.

- Levante, homem. Você precisa ser forte, José. A vida o espera para os desafios do seu caminhar. Há muitas belezas no horizonte.

Uma voz sussurrava em meus ouvidos de tempo em tempo. Estava minha mente perturbada, encontrava-me transtornado. A dor de perder alguém tão próximo é algo avassalador. Perdi meus pais há algum tempo, mas já estava afastado do convívio deles cerca de cinco anos, doeu é verdade, contudo sempre tinha em minha mente que eles estavam lá a me esperar para uma visita, para uma conversa, para tomarmos café juntos.

O caixão contendo minha “Velha” seguiu carregado pelos filhos e por alguns amigos para a missa na igreja. A comunidade toda compareceu para repartir comigo a minha agonia, o meu insucesso. O recinto estava lotado, não distinguia bem as fisionomias, aquele amontoado de pessoas parecia se resumir em alguma coisa única e diferente. O Padre fez a pregação, as palavras voavam pelo recinto, não conseguia fisgar sequer um único monossílabo. Todos se levantaram, alguns seguraram nas alças do féretro.

- Levante, José! – a voz voltou a zunir em meus ouvidos.

Assustei-me, ergui rapidamente, avancei ao cortejo, pedi ao amigo João a alça da frente, foi cedida com toda gentileza. Começava ali o meu calvário particular. Cada passo que eu dava, rompia o presente para um futuro próximo e determinado, sentia precipitar meu corpo em um fosso profundo. Cada passo, a escuridão se agigantava; cada passo, a dor crescia; cada passo, uma chicotada a mais nos meus ombros; cada passo, o fim se aproximava mais. Os passos que nos fazem progredir são os mesmos que nos enterrarão.

Descemos os degraus do templo, passo por passo, o barulho do pisar contínuo adentrava-me pelos ouvidos asfixiando a razão. Passo por passo, mesmo caminhar, passo por passo, um só objetivo.

Vencido o calvário particular, o caixão já no campo santo esperava para descer a derradeira morada. Em poucos minutos, com o auxílio de cordas, ele descansou na terra firme e vermelha. O coveiro me passou a pá e me pediu que lançasse sobre o caixão a primeira pá de terra.

- Para simbolizar tudo que minha “Velha” representou e representa para mim, em vez de uma pá de terra, deixo-lhe uma rosa, minha Velha.

A rosa vermelha partiu de minha mão direita para se chocar com a madeira dura do caixão. O coveiro então sobre a rosa lançou a primeira pá de terra, sucedida por várias outras, milhares. O trabalho findou, uma cruz foi posta sobre o monte de terra: “Aqui jaz Rosana Oliveira Silva”. Neste momento, ajoelhei-me e em profundo pranto fiquei, era tamanha a minha tristeza que daria para encher de lágrimas os três oceanos e ainda todas as crateras da lua. Quando dei por mim, já estava em minha cama deitado.

- Será se tudo não passou de um pesadelo – balbuciei tais palavras. – Tudo se passou tão confuso.

Meu filho em pé, rente à porta, deixou uma lágrima descer em um dos olhos.

O pesadelo tinha sido real e duraria por um bom tempo mais. A cruz era minha, precisava caminhar. Fiquei uns três dias na escuridão do quarto relembrando coisas do pretérito, ruminava as mesmas recordações constantemente num ciclo eterno e descabido. Dada manhã, a voz voltou a tocar nos meus ouvidos.

- Levante, José, vá ver como o dia está lindo. Remoer não adiantará. Para a sua dor, o melhor remédio é viver. Saia à varanda, pois o dia está lindo.

Levantei e voltei ao estado de antes, em pé na varanda a contemplar o horizonte. Em pouco tempo, quanta modificação? Um vento fresco tocou em meu rosto e entrou a revigorar minha alma pelo nariz. Suavidade pura. Sorvia com vontade o alento divino. A felicidade me acariciava. A face da morte logo retomava-me os pensamentos. O vento voltava a me fazer mimos. No terreiro uma cachorra contemplava feliz os três filhos brincarem. Um beija-flor voava de flor em flor a colher alegria. Os pássaros como magistras tenores não paravam um segundo de orquestrar. Precisava viver, precisava encontrar forças para vencer estes primeiros dias, noites de cada existência. A natureza parecia ser meu remédio. Sentei-me no primeiro degrau da escada e fiquei por um bom tempo a me alegrar com a alegria dos bichinhos que curtiam a vida sem se importar com nada.

- Neste instante, minha Velha ou está ao lado de Deus no céu ou debaixo da terra. Preciso caminhar, logo mais terei que fazer tal travessia. Veremos o real propósito da vida, se é que exista um.

Educando as crianças

O velho José aqui estou saboreando o ar matinal, sentando em minha confortável cadeira de balanço, na varanda da residência da fazenda, como de costume. Tento fixar em alguma matéria e tecer uma teia até o desiderato de uma história qualquer. Os assuntos chegam e zunem-me na mente, tão logo somem, misturam-se sem chegar a formar nada, um vazio sem nexos, segundos perdidos de tempo sem importância alguma.

O dia nascera claro, o calor aumenta no badalar dos ponteiros do relógio.

- Mais um dia que começa – suspirei sobre a curta frase. – Logo mais, um dia a menos para o fim da minha existência. As horas me empurram para o buraco. E o que posso fazer: nada.

O pensamento corre fagueiro pelos neurônios da mente ficando raízes. Quantos dias ainda restam para meu apagar? Na adolescência não me preocupava com ideias de adultos, agora, idoso, as horas cheias de minutos longos me obrigam a matutar. A morte chegará no momento aprazado. Para que pressa? O que seria de nós sem a renovação na morte? Transformei-me em um fardo para a vida, a Natureza sábia não deixou faltar uma lei ideal, morre-se por já não mais representar grande coisa a magnífica obra. Perde-se em xingamento, em revolta, nenhum resultado prático nos trará.

Devemos viver nossos passos. O que temos nas mãos é exclusivamente e apenas o puro e simplório agora.

Um grito, seguido por forte choro e soluços, roubou-me a atenção. Procurei o motivo pelos quatro cantos, não o encontrei. O choro continuava, aumentava, parecia aproximar-se. Pelo som, seguramente, era produzido por uma criança. Esperava ansioso a olhar para a direção do barulho. Um garoto subiu os degraus da escada vagorosamente. Ao depara-se comigo, tentando me impressionar, deu força ao choro, ganhou mais firmeza e altura o gesto. Coisas de crianças, sempre tentando se impor perante a situação.

- O que foi que aconteceu, menino? – gritei.

O garoto sentou-se no degrau mais alto e continuou a lastimar, a cabeça entre os braços, o rosto virado para o chão. Soluçava e choramingava.

- Sente-se aqui ao meu lado e me conte o que o aporrinha.

O menino ainda ficou alguns minutos na mesma posição. Fiz silêncio e aguardei. Acabara o choro, cansou-se. Levantou a cabeça vagorosamente; os meus olhos o pegaram de surpresa; ele recuou em uma piscadela.

- Venha, sente-se aqui! Vamos conversar.

Ergueu-se banzeiro, devagar foi chegando à cadeira, acomodou-se.

- Agora me conte qual é o motivo desse chororô todo?

- Pedrinho estava me pirraçando lá no quintal...

- Isso é motivo para o escândalo que você fez?

- Ele toda hora me chama de negro, de saci, de um bocado de palavras que me magoam.

- Pedrinho verá comigo. Vamos conversar primeiro. Depois chamarei Pedrinho e veremos a lição que ele receberá.

- Eu não queria ter nascido com esta cor – balbuciou Roberto.

- Você só é você porque nasceu dessa forma. Se você nascesse branco, amarelo, pardo, não seria você, seria outra pessoa. Você nunca poderia ser Pedrinho, pois Pedrinho é Pedrinho. Se você fosse Pedrinho, ou eu, você

não existiria, pois Pedrinho é Pedrinho, eu sou eu, e você é você. Cada um nasce da forma que Deus desejou.

- Não entendi nada. Estou triste.

- Quando alguém pôr um apelido em você, mantenha-se em silêncio, jamais perca o controle e se mostre nervoso. Apelido só pega em quem se aborrece.

- Se Pedrinho me chamar novamente de negro, eu juro que acerto o passo dele.

- Como pode dois amigos brigarem? Se brigam entre amigos, com os demais como não será.

- Mas ele me pirraça, tira-me do sério. Eu não tenho sangue de barata, não! Mais uma vez, e... acerto ele com uma porrada.

- Acalme-se. Já fui criança, sei como são estas coisas de bravura, de amor próprio, de ser valente... No meu tempo, bastava alguém falar bolacha comigo que eu já partia para briga. O ruim era que todas as vezes que eu brigava na rua, eu acabava apanhando em casa. Meu pai arrancava uns galhos de malva e me metia nas canelas, aquilo ardia feito à pimenta malagueta. Aprendi da pior forma possível, apanhando. Eu queria ser o valentão da redondeza, todos os garotos tinham medo de mim. Mas chegou um dia que meu reinado veio abaixo, apareceu um garoto novo, bem mais forte do que eu. De imediato, meus colegas ficaram todos do lado dele, acabei sozinho, sem amigos. Como não tinha coragem de enfrentar o poderoso oponente, coloquei o embornal nas costas e sumi. Nenhum garoto aparecia para conversar comigo, na escola, todos se afastaram de mim. Passei dois anos sem amigos; na sala de aula, ninguém sentava ao meu lado. Meu pai me disse, certa noite, que me batia para que eu percebesse os erros que estava cometendo e me emendasse. Ele me aconselhou pedir desculpas aos velhos amigos que no momento se encontravam distantes. Tinha vergonha, o orgulho era gigante demais para me curvar a tamanha humilhação. Certa tarde, encontrei Joãozinho, ele me observou e virou o rosto. Eu o chamei pelo nome e pedi-lhe desculpas. Um único pedido de desculpas abriu várias portas, em pouco tempo, voltei a ter meus amigos novamente. O líder da turma, o mesmo que me fizera recuar, passou a ser um dos meus melhores amigos. No grupo, não havia mais brigas nem pirraças. Como eu fiquei feliz. Minha vida mudou para melhor. A vida só presta ao lado de amigos, vivendo em paz, brincando em harmonia... Jamais poderemos brigar com um amigo. Deus está no céu a observar tudo, Ele não gosta desse tipo de maldade.

- Eu não gosto de brigas, seu Zé. São eles que vivem colocando apelidos em mim. Gosto de viver em paz, de brincar com eles, contudo a diversão que eles mais gostam é me azucrinar. Vai indo eu não aguento e me explodo.

- Vou chamar Pedrinho agora. Vamos resolver essa pendenga agora mesmo. Pedrinho! – gritei. – Pedrinho, venha cá, agora. Quero ter uma conversinha com o senhor.

Pedrinho, repentinamente, apareceu defronte de mim, na mão segurava seu novo brinquedo, presente do pai na noite anterior. Ele se espantou ao notar o colega sentado na cadeira ao meu lado tendo a cara carrancuda e triste.

- O que Roberto está fazendo ao lado do senhor, vô?

- Estava me contando as pirraças sua para com ele.

- Pirraças? Quais pirraças? Não acredite em nada que ele lhe disse, é tudo mentira.

- O que o senhor fez é muito feio e sério. Logo com o melhor amigo. Pedrinho, se seu pai souber disso. Você sabe como ele é bravo? Pedrinho, pensei que você era uma criança bem comportada, mas...

- Eu não fiz nada – choramingava Pedrinho. – Eu sou inocente.

- Não precisa chorar. Você já é um rapazinho. De hoje em diante, você não irá pôr apelido em mais ninguém. Está me entendendo? Quero que você peça desculpas ao seu amigo Roberto.

- Pedi desculpas? Não precisa, vô. Nós somos amigos, não somos, Roberto? Para que este negócio de desculpas?

- Peça, agora, desculpas ao seu colega. Não discuta com o seu avô.

- Desculpe-me, Roberto – disse baixinho.

- Eu não escutei nada. Você escutou, Roberto, Pedrinho dizer alguma coisa?

Roberto balançou a cabeça negativamente.

- Peça-lhe desculpas, aperte-lhe a mão e lhe dê um forte abraço de amigos.

Meio enfezado, Pedrinho fez o que o avô ordenou. Roberto sorridente estava bastante feliz.

- Para selar essa amizade bonita e saudável entre os dois, Pedrinho dará um presente ao amigo Roberto.

- Presente? – indagou-me surpreso Pedrinho.

- Dê ao seu amigo esse brinquedo que está em sua mão.

- Ganhei de meu pai ontem. Este não. Peça outro. Meu carrinho de controle remoto, está doido, vê?

- Pois será esse mesmo. Amigo que é amigo presenteia. Dê o carro a Roberto. Se você se comportar, no próximo sábado, comprarei aquele outro carrinho que você tanto queria.

- O azulão? – os olhos chegaram faiscar de contentamento.

- Mas preste bastante atenção: se eu souber que você voltou a colocar apelido em outras pessoas, pegarei seu carro e darei a outra criança.

- Eu juro que nunca mais eu colocarei apelidos nos meus amigos.

- Nem nos seus amigos, nem em mais ninguém.

Pedrinho passou o brinquedo para as mãos do amigo Roberto, o qual estampava um largo e gostoso sorriso.

- Se Pedrinho pirracá-lo novamente, Roberto, por favor, conte-me. Olhe bem seus passos viu, Pedrinho. Agora vão brincar.

Os dois foram saindo, eu ainda escutei alguma coisa da conversa entre eles.

- Roberto, você me deixa brincar um pouquinho com o seu brinquedo?

- Quando era seu, você não me deixava nem vê-lo direito.

- Se você me conceder, quando o meu azulão chegar, deixo você fazer umas manobras com ele.

- Você jura?

- Juro!

-Então está bem.

Fiquei a relembrar-me dos passos da minha infância, o pouco que me sobrou guardado na mente, o muito se perdeu no desenrolar dos anos. Estava distante daquelas primaveras, um recém pinto saído do ovo. Olhando para trás, não consigo uma resposta de como consegui vencer todas as adversidades. Fui uma criança pobre, filho de pais trabalhadores que padeciam nas mãos dos coronéis, labutavam feito a bicho de carga, recebiam como troca um pouco de ração. Comecei a exercitar os braços quando tinha apenas dez anos, sob o calor forte do sol, sob chuva, sob frio, ajudava meus pais na perversa e pesada lida. Discutir o certo e o errado de cada tempo é perder-se no labirinto da evolução. Essa história, quem sabe, talvez, em um próximo capítulo, venha a ser narrada.

Por que engaiolar o Papa Capim

Um canto suave e convidativo fluía de fora para dentro. Sorri então de contentamento. Que beleza. O Papa Capim voltou a cantar, é final de ano, é tempo de chuva. Eles vêm nos visitar nesta época do ano para procriar. Com a água do céu, o capim crescerá ligeiro e soltará seus brilhosos e suculentos cachos repletos de sementes. A vida se renovará e se prosperará.

Deixei meus aposentos para ir ver o espetáculo natural na porta da residência. Caminho nas pontas dos pés para não espantar o passarinho cantador.

Ao chegar à varanda, sol brando, vento fraco e fresco, é início de manhã, nove horas no máximo, deparo-me com meu troféu a cantar no alto da laranjeira. Exibe-se para impressionar a fêmea. Como canta esse danadinho. Coisa mais linda do mundo.

- Vô, que passarinho que canta bonito – disse Pedrinho ao se aproximar de repente, assustando-me.

- Você por aqui, Pedrinho. Olhe que coisa mais linda. Você sabe o nome daquele passarinho? Papa Capim. Todos os anos ele vem nos visitar, sempre no final do ano, tempo de chuva. Fica por aí até tirar os filhotes. Nos meses de fevereiro a março, ele vai embora, só retorna no final do ano. A natureza é sábia, é formidável, é fantástica.

- Um Papa Capim...

Alegro-me com a alegria do passarinho cantador. Todas as manhãs, eu saio para varanda somente para escutar o canto doce da pequena ave. Isso me preenche de contentamento, esqueço-me até da idade, voo nas asas da ternura celestial, algo sem explicação. Nos finais de tarde, lá vou eu ouvir meu amiguinho soltar sua glória, é como uma oração à mente deste que orgulhosamente o escuta. Desejo que o singular momento se perpetue para sempre. Estou muito feliz, isso por si só me completa como ser humano, sinto-me a força natural correr pelas veias, gozo de tamanha alegria que palavra nenhuma é suficiente para descrever tal situação.

Os dias foram correndo, a princípio andavam, logo pareciam cavalgar no lombo de um indomável alazão. Sigo minha rotina diária, uma parte dela é ir à varanda assistir ao espetáculo musical promovido pelo cantor passarinho. Tudo segue sua normalidade, nada se altera: o canto do Papa Capim, e a alegria minha. No entanto, há sempre aquele indigesto dia que vem roubar-nos a paz e promover mudanças. Quando chega, é um pandemônio só, nada fica no seu devido lugar, um verdadeiro reboiço. E este dia se abriu como uma flor negra a arrancar a felicidade e a plantar a dor e a cravar no peito espinhos.

Saio à varanda meio cabreiro, desconfiado, braseiro... Algo me gela por dentro, um arrepio forte, um mal estar no estômago, uma pulga atrás da orelha. Por que até este exato instante o passarinho ainda não cantou? O que aconteceu com o Papa Capim? Algumas interrogações criadas pela mente martelam à procura de respostas.

Já na varanda, preguei os olhos na laranjeira. Nada de passarinho. Será se o danado já levantou morada? Mas ainda não vi os filhotes dele piando pela redondeza em busca de comida. Não, ele ainda não foi embora. Onde ele estaria? Eu sou só preocupações, imagino o pior.

- Vô – disse Pedrinho de supetão.

- Oh, meu Deus do céu! Que susto que você me deu, Pedrinho. Não ver que estou preocupado. Minha cabeça está doendo.

- Vô, o senhor sabe o que eu tenho em minhas mãos – os braços de Padrinhos estavam escondidos atrás das costas.

- Como eu posso saber se não consigo ver nada. O que é que você está escondendo aí? Alguma travessura? Pedrinho, Pedrinho!

- Vô, eu capturei o Papa Capim. Olhe.

Um alçapão foi exposto aos meus olhos. Quase caio de costas, congelei-me, petrifiquei-me, virei estátua.

- Ele agora não irá mais embora, cantará para nós o ano todo.

- O que você fez, Pedrinho?

- O senhor não gostou do que fiz, vô?

- Onde o senhor encontrou este alçapão, Pedrinho? Diga-me agora, desejo saber.

- Foi meu amigo Flávio quem me emprestou.

- Como você pôde fazer uma coisa feia dessa. Como pode aprisionar um ser vivo. Veja só a aflição do passarinho. Olhe só como ele tenta fugir das grades. O passarinho é um criminoso? Não. E por que o senhor o engaiola? Pedrinho, eu quero que você solte o Papa Capim agora mesmo.

- Soltar o Papa Capim! Nem pensar. Foi um sofrimento só pegá-lo na minha armadilha, agora vem o senhor me obrigar a soltá-lo. De jeito nenhum. Não solto e acabou. Já faz mais de dez dias que venho armando o alçapão com milho, hoje que tive a sorte de tê-lo em minhas mãos.

- O menino se transformou, é de um atrevimento, não respeita nem mais o avô. Que coisa feia. Estou decepcionado com você.

O Papa Capim solta um piado, suficiente para atrair a fêmea que o procurava por todos os lados. A companheira do passarinho prisioneiro voava de um lado ao outro desesperada, enquanto que o esposo soltava pios de desespero.

- Veja só o que você fez, trouxe a desgraça à família do passarinho. Olhe o desespero dos dois, separados pela loucura de um garoto. Você não tem sentimento. Solte o passarinho.

- Já lhe disse que não vou soltá-lo de jeito nenhum. Qualquer coisa eu capturo a fêmea e deixo os dois na mesma gaiola.

- Meu Deus do céu, que menino é esse! E os filhotes deles, coitados, irão morrer todos de fome e sede. Você é cruel, muito cruel. Ainda por cima traz desassossego ao coração do avô.

A fêmea voa até uma galha da laranjeira levando consigo meu olhos. Lá estão dois filhotinhos gritando por comida. A mãe se aproxima, faz alguns carinhos nos filhos e volta a se desesperar pelo esposo preso.

- Olhe os dois filhotinhos na galha seca da laranjeira, coitados, sem o pai, morrerão de fome e de frio. E a culpa será somente sua, Pedrinho. Somente sua. Você será o único responsável.

- Não adianta, vô, eu não irei soltar o passarinho. Está decidido.

- Já pensou se a polícia viesse aqui em casa e levasse o seu pai preso sem nenhuma culpa no cartório. O que você faria, Pedrinho? Isso foi o que você fez com o coitado do Papa Capim.

- Vô, não adianta, eu não irei soltar meu precioso passarinho. Suei muito para capturá-lo, agora o senhor quer que eu o solte, de jeito nenhum.

- Que menino atrevido, não respeita nem o avô mais. Que mundo é este em que vivemos. Olhe só como o passarinho sofre, a ânsia é tamanha pela liberdade que já começa a feri-lo no canto do bico. Coitado, está sofrendo muito pela impossibilidade de voltar ao convívio da esposa e dos filhinhos. Olhe lá na laranjeira, a fêmea desesperada, de um lado ao outro. Quanta tristeza afoga meu coração. Viver tal momento me fere o peito a fundo. Solte o Papa Capim, Pedrinho, é um pedido do seu avô.

- Eu já lhe disse que não irei soltá-lo! – grita meu neto nervoso.

- Que discursão é essa aí? – indaga meu filho ao chegar do nada.

- É seu filho, Mario, que insiste em me ofender – disse-lhe. – Você sabia que ele armou um alçapão e capturou o Papa Capim que tanto me alegrava? Olhe nas mãos dele. Para que esconder, mostre a seu querido pai. Teve coragem de furtar-me a alegria das manhãs e dos entardeceres. Quanta crueldade capturar o bichinho. Olhe para a aflição do pássaro, deseja com denodo a liberdade.

- Pedrinho, você não obedeceu a uma ordem de seu avô? Como pode não respeitar e obedecer aos mais velhos. Estou decepcionado com você, muito decepcionado. O gato comeu sua língua? Vou lhe dá uma lição para nunca mais você fazer outra traquinagem dessa. Venha cá. Vamos ali dentro comigo. Entregue o alçapão a seu avô.

- Não vá bater nele não, Mario – falo preocupado.

- Nunca bati em filho meu, não será agora que irei agir dessa forma. Entregue o alçapão a seu avô e me acompanhe. Pai, aguarde-me um pouco, não solte o pássaro enquanto eu não retornar.

Pai e filho foram ao interior da residência, meus olhos os seguem até sumir na escuridão. Seguro nas mãos uma prisão contendo um dos meus poucos amigos atualmente. Lágrimas rolam rosto abaixo ao ver o desespero do passarinho. Não aguentarei esperar, o Papa Capim necessita ser solto o mais rápido possível.

- Amigo, vou lhe restituir a liberdade. Vá gozar com a sua família a paz que Deus nos deu. Ninguém possui direito em apossar da liberdade de nenhum outro ser. Volte a nos alegrar com o seu canto melodioso.

Encosto na balaústre e abro a tampa do alçapão. O passarinho em dois segundos voa em desbandada, aliviado por si ver livre das grades. Assenta em uma galha na laranjeira e fica a limpar as penas com o bico. Logo, a fêmea chega em estado sublime de pura alegria. A natureza volta a sorrir.

- Agora, sinto-me aliviado. Tirei mil toneladas do meu coração. Preciso sentar um pouco e descansar, pois foram muitas emoções para um curto período de tempo.

Sento e fico a observar o ambiente. O Papa Capim não quer mais cantar, está ainda estressado, tão logo recobre a sensatez o lindo canto voltará a ser ouvido por estas bandas. Os minutos passam, passaram algumas horas, nada dos dois voltarem. O que poderá ter acontecido? indago a mim mesmo. Para que tanta demora? Correram bem três longas horas.

- Até que enfim retornaram – disse aos dois.

- Ele sentiu na pele o que é está preso – começa a falar Mario. – Acredito que a lição lhe serviu para vida toda. E se eu sonhar que você desrespeitou seu avô. Emende-se, é para o seu bem.

- O que você fez com ele, Mario? – indago preocupado e curioso.

- Deixei-o preso no banheiro por três horas. Só abrir a porta quando ele me implorou. Sentiu na pele o que é a prisão. Se você não quer que não faça com você, por que deseja impor a outrem. Ele é um bom menino, de hoje em diante, pensará antes de agir. Vamos soltar o passarinho neste instante.

- Não suportei ver o sofrimento do bichinho, já o soltei – pronuncio feliz da vida.

- Dei-me o alçapão, pai. Vou dá sumiço nele – pediu Mario.
- Olhe lá, Pedrinho – disse sorridente. – Os filhotinhos sendo alimentados pelo pai e pela mãe. Já tiraram filhotes. Que coisa mais linda.
- Cadê, vô. Deixe-me ver os filhotinhos.
- Olhe para aquela galha seca à direita, no pé de laranja.
- Estou vendo. Que coisa mais linda.

O Papa Capim voa e pousa na galha mais alta da laranjeira; com tanta alegria no coração, esqueceu-se dos momentos pesados e difíceis que passou atrás das grades; em seguida, solta seu lindo e agudo canto. Eu e meu neto fomos às nuvens. Mario apreciava tudo com muita emoção.

Uma conversa muito proveitosa

Encontro-me sentado nesta cadeira, que já se transformou em parte de mim, na varanda tendo ao lado a companhia do meu filho mais velho. Conversamos trivialidades da vida. As ideias vão a certo rumo, depois pegam novo caminho, sobem em assuntos mais complicados, precipitam-se na alegria das histórias engraçadas.

- Filho, hoje me lembrei de um fato ocorrido quando eu ainda era criança, algo que me marcou profundamente, foi tão forte que consigo rever todos os seus detalhes com tamanha precisão. Por um tempo, havia me dado ao luxo de ignorá-lo. Contudo, nesta manhã, do nada, voltou aos meus pensamentos. Como pode? Eu era uma criança de uns cinco anos naquela época e ainda assim me recordo. Há coisas que ocorreram na semana passada e sequer me lembro mais.

- Gostaria muito de conhecer essa história. Seus causos são muitos bons e divertidos.

- Esta lembrança nem sua mãe a conheceu, está guardada em minha mente desde aquele dia que tudo se realizou. Eu era criança, meu pai com os seus quarentas anos de idade, trabalhador da roça, sempre se dirigia à cidade para negócios de sobrevivência. Neste dia, não sei por que razão, ele me levou até a sede. Estávamos na praça da matriz, movimento fraco, ninguém pelas redondezas, um silêncio, todavia os poucos estabelecimentos se encontravam abertos. Ao retornamos, na derradeira residência, em uma esquina, um bonito casarão, à janela se colocava uma senhora já com os seus setenta anos de idade, não era uma pessoa decadente, possuía, sim,

energia para imprimir alguns dos seus desejos. Ela, contudo, sentia-se derrotada e amargurada, mesmo sendo rica e dona de muitos terrenos. Riqueza nem sempre é sinal de felicidade. Meu pai, como era muito amigo dela, cumprimentou-a e parou para um dedo de prosa. Ela se chamava Augusta, precisamente, Augusta Batista. Pelos traços faciais, tudo indicava ter sido uma bonita mulher na sua juventude. Eu sentei no passeio e fiquei a escutar, gostava muito de ouvir o que os outros falavam. Nunca deixei escapular um único pensamento, apenas tinha ouvidos bem afinados. Meu pai pouco falava, era só ouvidos. Augusta descarregava toda sua vida, que para ela fora uma desgraça total. Ficamos naquela posição por mais de uma hora, como a prosa era interessante, tudo corria tão rápido. Vou lhe contar somente a parte interessante, de forma resumida. Augusta Batista começou assim:

- Como ando triste ultimamente, até o apetite já não tenho mais, minha vida se transformou em um caos. Seu João, o senhor sabe, acordei um dia desses com umas meditações estranhas. Não sei explicar ao certo. Comecei a julgar o meu passado, a minha história. Ao fazer uma busca nos anais de minha mente, percebi que pouco fiz nesta minha vida. Quanto arrependimento. Se eu pudesse retornar o tempo, eu faria tudo diferente. Mas é aguentar a realidade e sofrer o restante dos meus dias. Olhe meu estado físico. Completei, na semana passada, setenta anos de idade. Setenta anos! Sou uma velha. Nem percebi os anos correrem. De repente, abro a porta e me deparo uma anciã. Chorei várias noites seguidas, acredito que também chorarei nesta noite. Como é duro para mim. Todos os espelhos da minha casa mandei escondê-los. Não consigo nem mais me olhar. Já não tenho mais beleza, já não tenho mais um propósito de vida.

- Dona Augusta estava deprimida – volto a narrar. – Ela estava assustada com a presença da morte, com a plenitude do nada. Um peso e tanto. Muitos não suportam meditar e se enveredam pelo álcool e pelas drogas, ou até em um modo extremo, apelam pelo suicídio. Ela então continuou:

- Sempre fico a observar por esta janela a movimentação da praça. Quando na minha adolescência, eu era convidada para ir ao rio tomar banho, fazer um passeio na serra, visitar os bailes no final de semana; na minha estupidez, trocava o brilho da vida pelo conforto do descanso. Quantas horas perdidas, meu bom Deus... Naquele tempo, eu tinha energia, mas me faltava vontade; hoje, já não tenho mais nada. Às vezes, tenho vontade de ir ao rio, contudo me olho de alto a baixo e me recuou diante do desejo. Desejo caminhar, ir ao cume da montanha para ver o vale lá de cima. Cadê as forças? Até a igreja tinha preguiça de ir. Pelo menos isso ainda faço vez por outra. Meu espírito parece querer voar, fugir do meu corpo e gozar as

belezas da existência. Sinto-me angustiada. É um querer sem querer começar, um querer seguir querendo ficar, são tantos querereres que acabo petrificada sem saber como agir.

- Teve uma hora – refletindo minhas observações – que soergui minha visão e deparei-me com os olhos da senhora em lágrimas. Ela lutava para se libertar das pesadas correntes que pelos setenta anos foram caindo e ficando sobre os ombros. Não é fácil deixar suas raízes para trás, deixar um mundo até então certo para se aventurar em um território totalmente inóspito e agreste. No entanto, ela já havia dado o primeiro passo, o calor em seu corpo a obrigava seguir em busca de um novo horizonte. Dona Augusta receava pelas batalhas que precisaria vencer, mas o despertar de si para si não lhe dava outra alternativa. Teria que se embrenhar em uma nova selva, com seus leões, elefantes, hipopótamos, zebras, e serpentes... Voltemos a ouvir a confissão de Dona Augusta.

- Quando eu era jovem, minha beleza hipnotizava a todos os que em mim repousavam o olhar. Como eu era vaidosa, orgulhosa, dona de mim. Parecia que aquele importante, gostoso e belo momento se faria eterno. Escolhi, entre todos, o mais rico. Os vestidos, as joias, os paparicos da alta sociedade me enchiam de brio. Neste lodo em que me fiz prisioneira acabei trocando o verdadeiro sentido da vida por uma ilusão social. O tempo passa, o tempo rugi. Sinto-me acabada, sem vontade para continuar na balada que vinha estando. Necessito urgentemente me transformar para não me enlouquecer. Como estou desatenta, estamos aqui faz um tempão e sequer convidei o amigo para tomar uma xícara de café. Seu filho deve estar com fome. Entre, vamos terminar nossa prosa aqui em minha sala.

- Meu pai disse que não carecia se importar; ela, entretanto fez questão, foi obrigado a ceder. Tomamos um delicioso café, acompanhado por saborosos bolos. Enquanto isso, ela continuava a narrar suas inquietações.

- Até como mulher sou uma fracassada. Na vida, tive dois filhos, um não vingou, morreu no parto, uma menina; o outro, um menino, cresceu, mas vive no mundo da lua, nascera atoleimado. Da minha vitalidade e beleza, os frutos nasceram fracos e anêmicos. Depois ainda tentei aumentar a prole, no entanto do meu ventre não brotou mais nada. Como gostaria de ter neste momento uma casa repleta de filhos, pelo menos amenizaria a minha solidão. Um casarão deste tamanho e a solidão dez vezes maior em meu peito. Que sina maldita. O meu marido nunca me agradou em plenitude. Convivi com ele, mas nunca o amei de verdade. Matrimônio de interesse por ambas as partes. Mesmo assim, hoje sinto o quanto ele faz falta, pois passei a compreendê-lo melhor na perda. Fui eu quem não soube dá valor, o valor que ele realmente merecia. Há vinte anos, ele nos deixou, há vinte

anos não paro de reclamar e chorar minha desgraça. Sou uma pessoa muito infeliz e triste. O que farei com o meu patrimônio? Terrenos, casas, joias e dinheiro? Passarão tudo ao meu filho. Como ele poderá assumir tamanha responsabilidade? Nem comunicar ele sabe. Foge das pessoas com medo. Vive no mundo da lua. Quando eu partir, não sei o que será dele. Tenho medo do futuro, não por mim, pois estarei morta, e sim pelos que irão ficar. Diga-me algo que possa estancar esta ferida que não para de jorrar dor, sangue e lamentações.

- A vida é desta forma, dona Augusta Batista – começou a dizer meu pai João -, ela nasce lá no alto, no descampado da alta serra. Ao germinar, sorrisos e felicidades a envolvem em caricias da mais pura esperança de um correr salutar pelas paisagens do mundo. O ser nasce e o brilho explode em vida dentro de si. É como um rio que brota no alto da montanha e desce alegre pelos precipícios do início da caminhada. Cada centímetro vem recheado de novidades, de descobertas, de aprendizado. Cada andarilho precisa abastecer com lenha nova sua caldeira ardente. O segredo é o fogo, é o calor que impulsiona sempre adiante em busca do inexplicável. O rio que se acomoda com a frouxidão das margens nas planícies do marasmo morre tão logo por não sentir mais seu corpo. Já não é mais um rio, transformou-se em uma lagoa, num pantanal de corpos que não se consegue identificar a pureza de cada participante, todos formando algo único sem valor individual. As quedas, as depressões, os arrochos do caminho fazem do rio um ser único. A senhora se encontra estacionada em uma planície imensa e abissal, o passado a enrola de tal forma que não a deixa mais respirar e sonhar com novos desafios. Para tudo se reiniciar, basta ignorar suas correntes e se lançar de corpo e alma no desconhecido, naquilo que a senhora tem vontade de saborear e que não consegue ir além por se encontrar concretada nesta base temporal que a senhora mesmo criou. É necessário se libertar, rasgar seus preconceitos, esquece-se dos outros para ser você mesmo. Não é fácil, contudo impetrar o primeiro passo será a metade do começo. Assim que a senhora lavar sua alma nas águas limpas e frias do rio, o segundo depois será de libertação e fé. Em seguida, este estado perverso que a consome ao longo do tempo sumirá por completo. O remédio se encontra em suas mãos. Agora é com a senhora, dê o primeiro passo na direção da felicidade e nunca mais sentirá o gosto amargo da tristeza.

- Suas palavras soaram com tanta beleza que por um momento me esqueci de mim mesmo. Não sei como começar, como dá este primeiro passo, sei que não posso renegar a vontade de tentar. Na lama já estou há muito tempo, do futuro poderei fazê-lo totalmente diferente ao que até então parecia determinado. Se devo caminhar diferente, este passo darei agora

mesmo, pois não aguento mais esperar, desejo me libertar de mim mesmo para sempre. Deste segundo em diante, já não sou mais eu, sou uma nova eu reciclada. Preciso pensar. Não carece. Já sei o que farei. Vamos ao rio, vou fazer algo que há tempos tenho vontade, vou me lavar na gostosa e salutar água, deixar que o rio carregue toda esta impureza que me impregna há tempos.

- Posso ir? – gritei entusiasmado. – Como adoro tomar banho no rio.

- José – disse meu pai com rigor, calei-me na hora.

- Claro que você irá, como também nos acompanhará seu pai. Iremos todos ao rio. Inocência – gritou Augusta. – Chame mais duas criadas e me acompanhe ao rio. Sem perguntas. Dois minutos, vá e volta num pé só.

- A patroa nem parece mais a patroa de uma hora atrás – frisou Inocência. – Como está mais bonita. O que foi? Viu o passarinho amarelo, foi?

- Deixe de atrevimento. Corra. Não posso esperar.

E fomos ao rio felizes da vida, todos sorridentes a conversar; um momento que há muito tempo a senhora Augusta Batista não sentia; ela estava radiante, nem parecia aquela outra de horas atrás. Bastou um pouco de prosa com a pessoa certa para se espantar a escuridão da noite triste e restituir o brilho do dia de puro júbilo. Viver é uma arte, por isso é necessário saber usar o pincel de forma singular para abrir novas oportunidades. E assim vencemos o pequeno trajeto até o rio.

- Cansou-se, dona Augusta? – indagou meu pai alegre ao ver a senhora ofegante.

- Há quanto tempo metida naquele casarão? Estava morta e enterrada e não sabia. Obrigado por me tirar do meu mausoléu. Já não sou mais aquela triste mulher, de agora em diante, um novo mundo se abre para mim. O que eu só espero da vida é vivê-la plenamente. Que ar saboroso! Que sol espetacular! Consegui dá o primeiro passo, não pretendo recuar jamais, sempre adiante em busca de algo novo. Como pude me punir de tal maneira? Como pude fechar-me os olhos às verdades da existência. Antes tarde do que nunca. Vou me adentrar na água e expurgar todas as toxinas que ainda insistem em permanecer grudadas no meu corpo; será minha libertação, meu verdadeiro batismo.

Nesta ocasião, deixei meu pai e dona Augusta conversando e saltei para dentro do rio feito uma piaba. Dava canga, enfimca, salto mortais, nadava,

mergulhava, boiava, imitava cachorrinho. A senhora se maravilhava com as minhas travessuras, estava encantada, cheia de luz. Ela então chegou próxima à água, colocou os pés no líquido e se arrepiou toda, até um suspiro deixou escapar. Continuou petrificada por alguns minutos, resolvei agir por conta própria. Com as mãos comecei a lançar água nela, a mulher se estremeceu, gritou. De repente, soltou um grito agudo:

- Eu sou feliz!

Toda molhada entrou até a cintura na água. Não sabia nadar tampouco mergulhar, apenas se contentava em molhar os cabelos, o rosto. De vez enquanto, abaixava-se e deixava molhar até o pescoço. Todos estavam parados a apreciar o magnífico acontecimento, inclusive eu. Ficamos por ali por cerca de vinte minutos. Ao sair do rio, dona Augusta sentiu uma friagem tomar o corpo, o vento corria fagueiro, até bater queixo ela bateu. Como o sol estava quente, não demorou a voltar ao estado normal. Cansada, pediu para retornar ao seu casarão. Retornamos calados, a senhora andava devagar e pensativa, as criadas a seguravam pelos braços. Ao chegarmos à porta do casarão, ela parou e nos disse:

- Hoje, conseguirei repousar sossegada. Sinto-me cansada, estou com vontade de deitar e dormir, sonhar com coisas gostosas. Sair de minha rotina, o corpo estava mal acostumado. Pretendo ir à missa de hoje à noite. Pretendo dá um baile no sábado. Vou fazer uma reviravolta em minha vida. Deus olhou para mim e me abriu um novo caminho. O cansaço logo passará, vou viver ativamente. Abram-se todas as janelas da casa, deixem a luz adentrar em nossas vidas. Aquela mulher carrancuda de horas atrás já não existe mais. Deixo a escuridão para viver em plena luminescência.

- Filho, aquele acontecimento mora em mim desde aquele memorável dia. Não sei por que razão ele não se perdeu no desenrolar dos anos. Vou levá-lo para o chão, viverá comigo na morte por toda a eternidade.

- E depois, o que aconteceu com Augusta Batista?

- Ela passou a viver, pois o período anterior foram dias perdidos. Os setenta por cento passado foram tempos inúteis para ela, os trintas por cento seguintes foram de tamanha intensidade. Nunca vi uma mulher ser feliz como Augusta. Estava presente em tudo: velório, casamento, missa, na feira livre, visitava os amigos, sempre com um sorriso nos lábios. As propriedades dela passaram a produzir mais, a grande sobra era distribuída aos pobres que vinham de todas as partes atrás do que comer. Tivemos secas terríveis. Se não fosse pela intercessão da bondosa senhora, o sofrimento seria bem maior. Muitas crianças se salvaram graça a dedicação

e a bondade de Dona Augusta. Era chamada por muito de “A mãe da pobreza”. Transformou-se para aquele povo em uma santa. Quando morreu, estava beirando os cem, noventa e sete anos de vida, o povão das comunidades desceu todo para o último adeus. As pessoas gostavam muito dela. Quem por aqui não devia obrigação a Dona Augusta? Morrem-se gente ruim e gente boa, morreremos todos nós um dia. Só ficaram as boas lembranças.

Não espere o tempo passar para se arrepender

Cavoucando em minhas reminiscências regressei a um ponto ocorrido na minha infância. Tinha, naquele tempo, oito primaveras floridas e cheirosas. O futuro abria para mim com grandes expectativas. Vivia num estado jubiloso de euforia e esperança. Tempos idos, tempos bons, perdidos para sempre na imensidão pretérita do tempo. De lá só consigo arrancar lembranças, algo neste mar de desesperança. Trago ao presente o passado vivido para acalmar meu tédio de agora.

Estava brincando na varanda, tendo meu bisavô sentado em um banco com as pernas cruzadas a balançar a que não estava apoiada no chão. De repente, soergui os olhos, fiquei a contemplar a figura já desgastada do meu querido ente. O homem estava ali, forte, imponente, dono do seu trivial momento. Levava nos ombros noventa e dois pesados anos. Já não caminhava como antes, já não falava como antes, já não pensava como antes. Era um mudo, um surdo, alguém que tivera o cérebro limpo por algum tipo de enfermidade. Sentado ficava a observar vagamente o horizonte. Seria ele uma alface? Vegetava.

Meu bisavô, pela fisionomia que ainda carregava, forte, alto, resoluto, andava com maciez e desenvoltura, era uma estrutura a ignorar o tempo e as prerrogativas naturais do ser humano. Como poderia algo assim: tanta força e tanto vigor faltando-lhe discernimento. O corpo deteriorou-se por dentro mais rápido do que pelo exterior.

Será se eu chegarei a tal idade? Noventa e dois anos. Que horror! Só tenho oito, faltam-me oitenta e tantos. Ainda bem que está longe, bem longe. Ser um velho, uma pessoa esquecida, fraca, com vários problemas de saúde. Deus me livre guarde. Quero não, de jeito algum. Como ele conseguiu varar o espaço sem perecer pelo caminho? Tive um tio que faleceu com trinta e um anos de idade. Minha tia, uma velha, pois sequer conseguia andar, passou dez anos sobre uma cama, morreu com sessenta e dois. Outro

dia, o filho de Francisca veio a óbito com apenas três meses. E meu bisavô avançar seus noventa e dois. Que homem forte é esse. Mesmo sofrendo, ainda assim, ignora os acontecimentos vencendo o poder descomunal do tempo.

Ele agora observa o além e sorrir. Nunca em minha vida presenciei algo de tal simplicidade e beleza que me fez sorrir também. Mas meu riso era nada mais que um sorriso barato; o dele, parecia algo angélico. Sorria de quê? Sorria para quê? Simplesmente sorria, nada mais do que esse acontecimento vulgar da vida humana. Aquele sorriso carregava em si um elemento estranho, não conseguia de imediato desvendar. O que poderia dizer um sorriso senão o sorriso em si mesmo? Ele sorria, contudo não parecia sorrir. Gostaria de ver em alguém mais uma vez um sorriso daquela magnitude de nobreza. Era nobre, de fato, o sorriso dele. Não me indaguem como cheguei à pensada conclusão, apenas germinou feito a um pé de feijão em meu cérebro, bastou terra e água para crescer rápido e feliz.

Seguiu com uma seriedade estranha. Olhava fixamente ao invisível. Parecia ouvir alguém falar. Estava austero e firme. Alguma coisa acontecia no ambiente a minha volta que os meus sentidos não conseguiam captar. O que estaria acontecendo? A curiosidade atçou-me o coração. Não poderia fazer outra coisa a não ser contemplar a cena. O corpo dele estava presente; a alma, no entanto, viajava a outra dimensão. Quanta curiosidade em desvendar os acontecimentos envoltos à vida de meu bisavô naquele instante supremo.

- Filho, observa seu bisavô? – indagou-me meu pai, ao chegar de repente, tirando-me daquele estado estranho em que me encontrava. – Já não conhece mais ninguém, sequer sabe que há vida. Apagou-se tudo da mente dele. Só come se a gente der, só bebe água se a gente leva a sua boca. Quando começa a comer, se deixar não para nunca, come tudo, nem que depois venha a colocar tudo para fora novamente. É triste ver alguém da nossa estima desta forma. A vida não é só de alegrias, ela quando quer é cruel por demais. Esse homem, como era forte, destemido... Lembro-me ainda dele trabalhando na lida. Começava de madrugada e só parava quando o entardecer chegava, comia no local mesmo. Vi ele pegar uma mata para derrubar para formar pastagem, cada tronco de árvore, em poucos dias o serviço tinha terminado. Fazia o que cinco homens não conseguia no mesmo espaço de tempo. Hoje, está aí, dessa forma. Meu pai sucumbiu e meu avô continua lutando nesta vida. A doença que vitimou meu pai não foi forte o suficiente para derrubar meu avô. Que homem forte. É uma aroeira. Por isso eu sempre digo: precisamos viver o presente, pois o amanhã ninguém sabe o que nos mostrará. Você ainda é uma criança, filho,

tem um futuro todo pela frente. Já eu me aproximo rapidamente da velhice. Vamos tocando o barco da melhor forma possível. Toda vez que eu vejo meu avô, meu coração corta, é uma tristeza que não tem tamanho.

Meu pai saiu, e eu continuei a observar meu bisavô com mais curiosidade ainda. Estava ali alguém que foi e que não o é mais. Estranho. O que há do outro lado da vida? Um dia chegará minha vez. Como será o momento supremo para mim? Será dolorido? Depois o nada? Ou haverá segredos prontos para nos serem revelados? Para o outro lado basta o fim. Se antes de nascer não fui nada, nada serei depois do perecer; mas se antes de germinar eu fui alguma luz, após o desenlace voltarei à luz novamente. Como é estar vivo sem poder pensar? Para onde foram as faculdades mentais dele?

Já não quero mais pensar nisso. Deixemos o passado no pretérito, eles se completam. Logo mais será noite, minha hora de dormir, espero sonhar doces sonhos, viver novas aventuras, gritar de alegria ao ver um novo mundo. Se a escuridão for completa na noite eterna de meu ser, que o silêncio se propague na imensidão do meu eu interior me amenizando a saudade que porventura eu venha sentir na amargura do nada.

Uma visitinha ao cemitério

Hoje eu acordei com uma saudade imensa a corroer-me o peito. Por onde eu ando, ela lá está a me machucar, a rouba-me a paz. Uma dor que começa do dedão do pé e vai subindo, arranhando, ferindo a carne, amargurando o espírito. Saber que estamos sozinho quando antes estávamos acompanhado, um vazio de encher o cosmo, um buraco que nem toda a energia do Sol é capaz de tapar. Choro copiosamente em lembrar fatos, pequenos gestos, lágrimas da mais dolorida e amargurada saudade.

Quando somos crianças, vamos ganhando da vida pertences os mais variados. Logo ao chegar, ganhamos um pai e uma mãe, ganhamos irmãos, ganhamos tios, ganhamos avôs, ganhamos um lar, ganhamos atenção, ganhamos carinho, ganhamos brinquedos... O conto de fadas segue por alguns anos. De repente, a natureza nos cobra o que nos emprestou. Primeiro ela arranca de nós nossos avós, vai carregando os tios, leva a doce infância, mata a nossa adolescência, toma à força nossos pais, há muitos que ainda ficam privados de filhos. Está lá no alto e em segundo ser lançado ao chão em queda livre, ficamos sem chão. Como é febril sonhar com o nosso sucesso de outrora e ver o presente mutilado pelos acontecimentos traiçoeiros impostos pela vida. Por onde quer que avancemos, lá se encontrará a solidão.

Ia me esquecendo de dizer algo: quando nascemos ganhamos a vida, vida que em certo tempo perdemos também. Tudo que é nos dado, será tomado. De tudo só nos restarão as lembranças doces ou insossas de nossos atos. O mundo gira nos dando possibilidades para preencher nosso livro, nossa história, que no final tem sempre o mesmo fracasso da débil aniquilação de toda a nossa força criadora. É como um campo de flores em início de germinação, uma beleza a encher os olhos, com o tempo o vento faz questão de ir aos poucos furtando pouco a pouco a beleza e deixando o campo virgem e nu como fora no primórdio.

As imagens de meus pais povoam a minha mente. Há quanto tempo perdemos o contato? Vários anos. Quando essas lembranças vêm, elas são pesadas e fortes demais, arrancam lágrimas dos meus olhos, faz-me soluçar, sinto-me impotente perante a vida. Descrever é complicado, não existem palavras amargas o suficiente para revelar certas amarguras. Eles partiram e me deixaram só neste mundo. Daquele dia, passei a ser um zumbi; se sorri, foi forçado; se me coloquei confiante perante o futuro, foi encenação; tudo perdeu o brilho quando no cemitério deixei meus genitores.

Agora me deu vontade de ir até lá conversar com eles, fazer uma oração, refletir. Preciso aliviar um pouco minha saudade, sabendo que só irei fertilizar ainda mais o solo da plantinha que germinou e já se encontra uma imensa árvore. A gente não escolhe sofrer, o sofrimento é um atributo de quem vive. A diferença do sorriso para o choro é a pura inversão dos polos. O dia para mim começou triste, embora lá fora faça um sol encantador. Deixe-me ir, logo mais atualizarei meu sentimento.

Estou aqui neste lugar silencioso, faz tanto silêncio que sequer há barulho do vento, passarinho voam longe, apenas uma paz ambiente comprime o local. Vendo estas carneiras todas, olhando as fotografias e os nomes a indicarem seus donos aí sepultados, abre-se aos meus olhos meu próprio funeral. Quantas pessoas vieram morar neste recanto da cidade? Pessoas influentes, políticos, coronéis, barbeiros, prostitutas, gente ordinária, gente de grande intelecto, no fim a mesma coisa, o mesmo lugar, um só destino. Doamo-nos aos dias em trabalho e lutas em busca de luz e o que ganhamos apenas o anonimato e a escuridão.

Quero mesmo é visitar onde meus pais descansam, foi para isso que estou aqui agora. Diante da tumba, primeiro rezo um Pai Nosso, que Deus os tenha em um bom lugar. Já faz um grande tempo que os perdi para a morte. Primeiro meu pai, cinco anos depois, minha mãe. Momentos aqueles que carrego vivos em minha memória, ponto por ponto. Sempre quando recordo, lágrimas me vêm aos olhos. A saudade é enorme, avassaladora,

perversa em demasia, mas com motivo. Às vezes, gosto de me sentir assim, parece que dá mais importância ao nosso convívio, ao que foram eles para mim. Sentir as sensações do corpo e aprender com elas parece ser uma obrigação de cada indivíduo que raciocina.

Saber que eles se foram e me deixaram neste mundo sozinho, que por mais que eu queira nós nunca mais nos veremos, a não ser que haja uma nova vida após a morte desta, traz-me ao coração pesada agonia. Sinto um vazio tão grande que tudo a minha volta perde o sentido. É preciso continuar sempre, assim falava meu pai quando eu o indagava do momento em que ele não mais estivesse ao meu lado. Mas é tão difícil para mim que tive tudo e já não tenho mais, difícil e doloroso. Se eles pudessem aparecer aqui para conversarmos um pouco, apenas alguns segundos para me recobrar suas faces em minhas retinas. A dor da perda é grande demais para um pequeno coração suportar.

A vida nos enrola numa teia invisível de sentimentos que com o tempo só tende a nos enrolar ainda mais no seu abraço fatal. Os laços de amizade e carinho com o passar do convívio vão se contraindo, apertando-se, apertando-se até se romper num estalo instantâneo e eterno. Quando o laço que começou frouxo se estica ao máximo a ponto de se arrebentar, todo o itinerário vivido e criado se perde para sempre. Neste instante, nosso mundo se transforma completamente, uma nova vida longe da vida que fazia todo o sentido para gente nasce cheia de desafios e repleta de decepções.

Aqui a conversar em silêncio com este mundo de seres que já não podem mais falar. O silêncio da despedida, silêncio da reflexão, silêncio na sua forma mais cruel e densa. Não sei nem mais no que pensar. Gostaria de gritar e ser ouvido por eles. De que adiantaria minha lamúria de desespero. É fato que a morte não só arranca do nosso convívio as pessoas de grande apreço, ela marca fundo em todos aqueles que perambulavam ao redor do falecido. Neste ponto final da vida, esconde todo o mistério da existência.

Cheio de mim mesmo deixo este local aos que me antecederam, aguardando o meu dia para juntos fazermos parte desta estranha comunidade; terra dos que não enxergam, pátria dos que não escutam, morada de todos aqueles que um dia gozaram das benesses da luz do sol e por algum motivo tombaram para sempre na escuridão sepulcral do perecer. Se meu dia está próximo; o seu, por mais novo que você seja, logo também estará. A certeza de quem vive é que a qualquer momento cruzará com a morte. Não gritei como queria, não disse uma só palavra, apenas soltei uma gostosa gargalhada; zombei da morte por ainda está vivo em meio a tantos defuntos.

Envolto em densa lama

As dificuldades rondam a vida humana. Estamos sempre em busca do novo. Pelo caminho da descoberta somos obrigados a abrir portas pesadas e grossas. Nem sempre dotamos de forças para suportar a gigantesca cruz que por ocasião nos é obrigada a carregar. Ainda assim, viramo-nos de pé a cabeça, damos saltos se for necessário, buscamos o desconhecido, apenas para satisfazer nossa ânsia pela vitória, pois neste mundo ninguém foi preparado para o desgosto da derrota.

Agora, nesta etapa da existência, disponho de tempo para refletir, dou-me ao luxo de ter ao meu dispor muito ócio. Sentir o coração badalar é sinal que a mente anda vazia. Tudo se repete constantemente. Um tédio mortal. Vida de velho. Mas vamos às minhas elucidações sobre um ponto que para você, talvez, seja de muita valia.

Estando eu fora da zona de conflito, distante da luta que fui obrigado a enfrentar, posso, com calma e sensatez, elucidar pontos que naquele momento sequer os conhecia. Um passo de cada vez para vencer o trajeto, seja uma estrada ou uma trilha. Tudo se faz de pontos, um seguido do outro. Não há saltos, quem salta se esborracha, existe pessoas dotadas de talentos que conseguem pontuar com maior velocidade. Tudo isso fui aprendendo com minha falta de experiência. Muitos dirão: “com as suas quedas”. Queda só caímos uma vez, quando acontece, o buraco nos devora. Se estou vivendo, é por que ainda não me conseguiram abater.

Já faz muitos anos. Encontrava-me à beira da loucura. Necessitava solucionar um problema, que naquele momento era desmesurado para meus débeis braços. Tinha minhas mãos atadas, a cabeça não conseguia de imediato propor uma solução. Debatia na lama densa das dificuldades. Era tão pesada, tão forte, que pouco conseguia me mover, quase não me sentia o corpo. Como nadar em uma lama grossa como aquela, se não sabia sequer nadar? Ou tentava algo, ou o fracasso. Foram dias difíceis, perdi noites de sono, não tinha apetite, estava nervoso. Tudo passa, é só respirar fundo e ir curtindo os segundos se formar em minutos, e minutos se transformarem em horas. Passou demorado, mas quando passou, vi que passou depressa.

Dei a minha primeira braçada na lama densa, custou-me muita força, esforço e persistência. A primeira abriu em mim a vontade de impor a segunda braçada. Dei a segunda, a terceira, a décima... Já nadava com desenvoltura no lamaçal. Vencida a batalha, ganhamos uma energia de super-homem. Desempenhar o que nos consumiu muito passou a ser trivial.

A lama densa não era mais lama tampouco densa. Nadava nela como uma piaba na água límpida de um açude.

Um velho como eu é o reflexo das experiências adquiridas, o que me falta é força nas células, por isso sou velho. De corpo, que fique bem claro. Com tudo isso cheguei à simples conclusão: um estado leva a outro estado que levará a um novo estado sistematicamente. Da lama densa os pequenos seres foram obrigados a nadar. Nasceram desta proeza os peixes. Da água suja os peixes se viram obrigados a andar e o mais maravilhoso a voar. A imensidão de caracteres diferentes é fruto da necessidade dos indivíduos em evoluir. Quanto mais o tempo passa, maior será a diversidade dos seres e das coisas. O amanhã nunca será igual ao hoje.

Fazer o que já foi feito por a gente mesmo é fácil, e até dá prazer. O medo de não corresponder com as expectativas, às vezes, nos paralisa. Diante dos resultados plausíveis, o melhor é encarar o problema e vencê-lo o mais rápido possível. Errar o caminho faz parte, cedo ou tarde, encontrar-se-á a estrada correta. Mas ao reencontrar o rumo, jamais dê o desgosto de fugir à meta.

Falar de si mesmo é pura perda de tempo

Há algo mais enfadonho do que ouvir alguém debulhar um rosário em tese própria? Qual o valor da opinião de um objeto que aplaude a si?

Outro dia desses chegou à minha casa um amigo de infância. Eu me tinha esquecido dele, mas só foi bater os olhos que tudo retornou com todas as cores e todos os sons. É daquelas pessoas que quando estão presentes todos são obrigados a perceber; e que quando não estão, ninguém sequer sita o nome.

Ao chegar já foi logo abrindo seu leque de adjetivos para si enfeitar. Se tudo que ele dissesse da sua pessoa fosse verdade, seria ele um verdadeiro deus, daqueles da mitologia grega. Tal tipo de indivíduo não aceita opinião, quando em conversa, só ele pode falar. Conhece todos os assuntos, está sempre atualizado, já realizou proezas a dá inveja aos heróis dos desenhos animados. Seria ele um gênio perdido nesta Terra de ignorantes? Analisemos melhor a situação.

Se eu falo em bem próprio. Se eu me defendo com verbo de uma acusação qualquer? O valor das minhas palavras, por mais belas que seja, ou por mais verdadeiras que possam se encontrar, sempre terão para o inquiridor pequeno ou quase nenhum valor prático. Falar de si implica dúvida e

receio. Quem em santa razão não usará do bom senso para se livrar de uma situação ou se sair bem em outra. A lógica é deixar que se fale da gente.

Se minha mãe diz bem do filho, o valor dos argumentos cresce um pouquinho, bem pouco, pois há interesse de um para com o outro. Muitas mães, na sua quase totalidade, costumam exaltar a prole bem mais que eles mesmos se glorificam. Coisas de mãe.

Para saber o sucesso de alguém, para saber do caráter de uma pessoa, basta inquirir indivíduos sem laços com o centro da pesquisa. Quanto mais gente repete o mesmo discurso sobre certa pessoa, maior será o gral de valor do testemunho oferecido. A opinião vinda de longe é mais aplaudida pelos que procuram respostas sobre alguém do que as informações dos amigos e parentes do investigado. Tudo é questão de foco.

O meu velho amigo chegou e foi logo se esborrachando no sofá. É “entrão”, mas uma boa pessoa, verdadeiro nas palavras, se pedir para vender fiado, se possível venda até a loja, honestidade a toda prova. Como poderia eu falar mal de um amigo? Sabemos que ele não é flor que se cheire, no entanto, repito, uma boa pessoa.

Ele conversava sobre todos os assuntos. Falava da vida de Deus e do mundo. Sabia de cada fofoca, um verdadeiro jornal. Eu passava a maior parte do tempo escutando, volta e meia eu abria a boca para concordar com o que ele dizia, mesmo discordando completamente. As horas passaram rápidas ao lado dele. Quando a gente vive em solidão profunda, pessoas que falam bastante vêm a calhar muito bem com o nosso momento solitário.

Lembranças de Leonel e Chiquinha

Neste extado momento, olhando para o horizonte, aqui sentado em minha velha cadeira de balanço, volto à minha mente a um fato que aconteceu comigo já faz um bom tempo. Tudo se passou da forma que irei relatar.

Lá no ofuscar do horizonte, alguns seres apareceram feitos a pontos. Tais pontos foram crescendo, crescendo perante meus olhos. Fiquei a observá-los com curiosidade. Quem seriam? Não tardou para minha curiosidade se acalmar.

- Bom dia, senhor – disse-me o homem.

- Bom dia – respondi curioso.

- O senhor poderia nos dá algo para comer e beber – pediu o homem com uma névoa de desânimo nos olhos. – Estamos famintos. O que o senhor nos der, Deus lhe dará em dobro.

Naquele momento não quis me demorar em indagações, a fome deles não poderiam mais esperar, as perguntas seriam feitas em ocasião apropriada.

- Subam os degraus e sentem-se aqui na varanda. Vou mandar que tragam alguma coisa para vocês comerem e beberem.

Percebi a alegria voltar ao rosto do patriarca, os demais estavam ansiosos pelo alimento. Em um segundo, todos já estavam acomodados nas cadeiras da varanda, alguns sentaram mesmo foi no chão, faltou assento para a grande família.

Ducarmo trouxe bolo e alguns tipos de biscoitos, café quente no bule e água na jarra de cerâmica. Serviu primeiro água. Depois os demais alimentos. Ducarmo era a minha serviçal, residia em minha morada desde mocinha, sou padrinho dela, mas ela me considerava como um pai.

Fiquei a observar aquela família faminta saciar a fome de dias. Comiam com ânsia, quase não mastigavam. Poucos minutos e tudo tinha desaparecido. Pelo jeito ainda estavam com fome, mas, por enquanto, o que foi servido era suficiente.

- Qual é o nome do senhor? – indaguei ao patriarca.

- Meu nome é Leonel – disse-me o homem. – Minha esposa se chama Chiquinha. Meus filhos...

- O que têm seus filhos?

- São sete, quatro homens e três mulheres. Com toda dificuldade que temos passado ainda assim não perdemos nenhum filho. Coisa rara neste sertão bravo, onde só se ver morte, fome e pobreza.

- Quais os nomes dos seus filhos, Leonel?

- Eles não têm nomes, não. Só têm apelidos. O mais velho é chamado de Gato do Mato. A mais velha é Cascavel. O mais novo é Tatu. A mais nova é Suçuarana. A outra moça é Preá. Os outros dois é Urubu e Teiú.

- O senhor deu nome de animais aos seus filhos? – inqueri surpreso.

- São meus bichinhos. Cada um com sua mania. Foram os nomes que vieram à minha cabeça.

- Vocês vieram de onde mesmo?

- Nós viemos do alto sertão, da fazenda Umbuzeiro do compadre João Dias. O senhor conhece João Dias?

- Não, não o conheço. E por que vocês deixaram tal fazenda? Lá passavam necessidades?

- A vida por lá nos últimos anos foi de muito sofrimento. João Dias era um homem rico, hoje, a fazenda dele é só ruínas. Ele se mandou para a cidade grande, largou tudo, só prejuízos. O gado morreu todo, a água e o pasto faltaram. Quanto padecimento. Toda a nossa luta de anos sumir em pouco tempo. Deu vontade até de morrer junto com a criação. É triste ver os animais berrando a cobrar por comida e água. Fomos obrigados a partir, se ficássemos teríamos o mesmo destino dos demais bichos. A seca por estas bandas parece não ter sido tão cruel como a do alto sertão, sorte sua.

- Aqui temos um rio que tem água o ano todo. Vivemos com um pouco de paz para labutar. Qual a distância que vocês percorreram da fazenda Umbuzeiro até aqui?

- Umas trinta a quarenta léguas. Andamos bastante. Não sei como conseguimos chegar até aqui. As pessoas que encontramos pouco puderam nos oferecer. Padecemos bastante. Tem gente que nasceu para sofrer. Teve um momento da nossa jornada que tive que caçar um tatu na escuridão. Foi algo muito engraçado. O danado correu para o buraco, grudei-o pelo rabo. Ele tentava escapular. Pedi ajuda a Chiquinha. Ela veio. Eu disse a ela: “Segure o cabo dele para eu puxar pegando no corpo do danado”. Ela veio por trás de mim e grudou no meu pinto e disse: “Tá seguro”. Eu gritei: “Não é no pinto é no rabo do tatu”. Só em lembrar eu começo a sorrir. É engraçado ou não é minha história. Um tatuzão daquele alimentou todos nós, foi a energia para chegarmos até aqui. A sorte é que tínhamos fogo. Limpei o danado sem água. Com aquela fome que estávamos comeríamos o tatu até vivo. É bicho comendo bicho. Que vida doida.

- Qual é mesmo o destino de vocês? Vão ficar por este mundo a perambular como aves viajantes? Como podem viver deste jeito.

- Deus há de nos colocar em um local apropriado. Não espero muita coisa da vida, com pouco eu já estarei satisfeito. Após tantos padecimentos, este momento de paz já me sinto no paraíso. Se eu pudesse, eu acabaria aqui

mesmo minha andança por este sertão, viveria até debaixo de uma árvore se fosse o caso.

- Se for da vontade de Deus... Daqui a pouco será servido o almoço, vocês comerão comigo. A vida escreve certo por linhas tortas.

Sair um pouco e deixei aquela família de retirantes descansar na frescura da varanda. Pouco minutos estavam todos dormindo. Leonel roncava alto, descansava o corpo fadigado pelas intempéries dos últimos acontecimentos. As vidas se misturam para formar a história viva que se chama presente. Minha vida se transformou no momento em que me deparei com essa família, creio que a vida deles também sofreu grande mudança. E assim este enredo que se chama vida vai tecendo seu bordado que se diz história.

Sentamos todos à mesa para um farto e cheiroso almoço. O aroma mexeu com os ânimos dos filhos de Seu Leonel, assim eu passei a chamá-lo, e Dona Chiquinha, a chamá-la. O apetite afugentava a conversa. Todos hipnotizados pelo sabor delicioso da refeição. Há quanto tempo àquela gente não se fartava assim: feijão farofado, arroz, mandioca cozida, frango assado e algumas verduras. Um almoço para nenhuma visita pôr defeito. Finalizamos com um delicioso doce de leite. Nunca vi tanta alegria nos rostos de pessoas como presenciei naquele instante. Tudo se passando ali em frente para deleite de meus olhos e curiosidade de minha mente. A alegria máxima de quem tem fome é comer.

- Tenho uma notícia boa para lhe dá, Seu Leonel. Para o senhor e toda a sua família.

- Notícia boa! – sorriu satisfeito o retirante. – Se é boa, então pode mandar. Carecemos de notícias boas. Nossa Senhora Aparecida parece ter ouvido nossos pedidos.

- Tenho uma casa desocupada em minha propriedade, se for da vontade de vocês, poderão ficar nela por uns tempos. Darei ao senhor um trabalho em minhas terras para ter como sustentar sua prole.

- Notícia melhor não poderia ouvir – sorriu Seu Leonel feliz da vida. – Foi Deus quem colocou um anjo como o senhor em nosso auxílio. Como sinto meu coração aliviado. Meus bichinhos e minha esposa terão um lugar para descansar e viver. Serei grato ao senhor eternamente. Obrigado, Nossa Senhora, meu muito obrigado. Quanta felicidade.

Ouvir aquelas palavras, ver a felicidade estampada no rosto daquela gente, como me sentir gratificado. Fiz um ato de caridade, ajudei algumas

peessoas, mas quem mais se viu presenteado fui eu. Uma paz no coração, um estado de paraíso a tomar todo o meu corpo.

Aquela gente ficou em minhas terras por um bom tempo. Seu Leonel, certa noite, morreu ao ser picado por uma cascavel. A esposa Dona Chiquinha, após a morte do companheiro, enlouqueceu; dentro de um ano foi para junto do companheiro. Só restaram os filhos, os bichinhos de Seu Leonel, com seus nomes de bichos. Quando o tempo passa, as coisas se revelam. Não é que aquele matuto do sertão tinha conhecimento de causa, os nomes dados aos filhos tinham sim uma ligação com o caráter de cada um. O filho mais velho de nome Gato do Mato, cabra valente, já rapaz gostava de brigas, aterrorizava os bailes da região, gostava de cachaça, juntou-se com uma mulata e sumiu para a sede do município, volta e meia chegavam notícias de suas façanhas. A menina Cascavel, pelo nome já diz tudo, peçonhenta, forte na convicção, ao ser assediada por um homem branco em uma feira livre, indignada voou no dito e unhou toda a face dele, outro levou uma facada na coxa. Já a jovem Preá, esta nasceu para dá cria, procriava feito a rato, um atrás do outro, todos de machos diferentes. Tatu vivia só pelos cantos, arisco, quando em casa ficava de cócoras sobre um banco a esquentar sol, quase não conversava. A mais nova tida como Suçuarana era valente, os caninos dela eram salientes, olhos repuxados parecendo de felino, ninguém se atrevia a mexer com ela, porém era a mais bonita, uma flor que desabrochou por estas secas terras. O menino Urubu nunca tomava banho, preguiçoso, comia o que achava pelas ruas. Teiú cresceu roubando galinhas e ovos; morreu com um tiro de cartucheira ao entrar na calada da noite para furtar os frangos do terreiro de Seu Arquimino. A única que permaneceu sobre os meus cuidados foi Suçuarana, os outros se perderam pelo mundo. Por sinal, por ironia do destino, Suçuarana acabou se enrabichando com meu filho mais novo, casaram-se e tiveram três filhos, é uma fera nos tratos com a prole, hoje ela se chama Açucena, uma doce e perfumada flor em pleno sertão.

Os corpos de Seu Leonel e Dona Chiquinha foram sepultados no cemitério da sede, a última vez que fui lá rezar por eles e depositar algumas flores no túmulo já vai fazer quatro anos. Ando meio debilitado, para ir a qualquer lugar preciso de ajuda, desta forma vou ficando em meu canto para não dá trabalho aos outros, só mesmo quando não tem jeito. Uma família de sertanejo igual a muitas por aí foi e é a dos meus amigos Leonel e Chiquinha. É como um rio que nasce e corre serpenteando por diversos locais, que em certos pontos se distanciam um do outro por escolher caminhos diferentes e se perdem por completo só se encontrando no abraço final do mar, neste caso do murchar da existência.

Tudo poderia ter sido diferente

Hoje eu li um livro que falava de guerra, de brigas entres jagunços, de mortes, de muitos padecimentos e também de glória pessoal. Ler sempre é bom, parece que passa um filme em nossa mente, acredito que bem diferente do mundo idealizado pelo escritor. Aquele movimento todo, lugares estranhos a mim, nomes de pessoas que jamais ouvira falar, enredo de histórias antagônicas às vividas por esta região. Como o mundo é grande. Quantos mundos em um mundo só. A vida debulhando seu tênue fio por todos os lugares. Um espetáculo de formas e cores se espalhando com o ar por todos os cantos e recantos.

Minha pacata vida, sem muitos desafios, com poucas aventuras, deslizando firme em uma linha quase reta. Será se eu fiz as escolhas certas? O herói do livro guiou seu exército e venceu, cada dia uma peripécia nova, todo percurso carregado de adrenalina. A estrada dele foi recheada de curvas, subidas e descidas, cada dia completamente disforme do anterior. Enquanto eu escolhi seguir algo reto, sempre podendo observar o horizonte, temente as novidades, fazendo as mesmas coisas e da mesma maneira. Qual vida melhor? Talvez ele sonhasse com uma vida igual a minha, certamente eu gostaria de ter tido um pouco dele em mim. A verdade é que nunca estamos satisfeitos; o bom da vida quem sabe não esteja neste ponto.

Pelas mãos de muitos, muitos perderam a vida. Matar para muitos basta apenas apertar o gatilho. Temos a liberdade de escolhas, o resultado delas é que precisamos suportar. Não sei se eu teria coragem de roubar a vida de um semelhante, ainda mais por motivo fútil como é a guerra de interesse. A minha existência me privou deste imbróglio. Matar seria um peso gigantesco para minha mente carregar. Conviver com o sangue de um semelhante nas mãos, sonhar com ele, carregar por todos os lugares aquela imagem de defunto, seria pesado demais.

Mas paro neste momento e fico a matutar como tudo poderia ter sido diferente, diferente mesmo, não apenas um pouco desigual do até agora. Eu na minha adolescência ter me metido com cangaceiros, ou ter nascido em lar de jagunços, ou ter tido pai coronel... Quanta diferença. A vida não seria melhor? Mais agitada, mais vivida, mais gozada, mais em abundância? Quem sabe também não seria mais sofrida? Meu nome temido por todos no sertão. Um ser acima da maioria. Dando ordens, recebendo aplausos, reverências, títulos. Ou minha existência poderia ter se encurtado ao ser alvejado por alguma emboscada por este sertão. São escolhas que nos levam a resultados diferentes. Para viver também é necessário ter sorte.

O certo é que no final, não importa qual caminho pegara, o destino cruel da derrota é um só. Os caminhos na chegada se unem em um ponto só. A ponte a transpor é idêntica, a mesma para todos. Todavia entre a partida e a chegada há um campo a ser preenchido, há uma tela a ser pintada por cada artista; cada qual faz da sua o que convém a si realizar e o que o ambiente lhe ofereceu. Há privilegiados de todas as ordens, claro que têm. Do que adianta querer cantar se nasceu mudo? Mesmo assim o que falta para um pode vir compensado com outro atributo. Não é apenas querer, não somos livres como pensamos ser, somos cativos de forças ocultas que nos norteiam.

Se diante meus olhos se posicionasse um indivíduo, eu com uma arma apontada para o rosto dele, a vida do outro podendo ser retirada por mim. O que aconteceria? Vá saber o resultado de cada momento. Em um átimo um mundo se resolve para sempre. Como o herói do livro que matara quantos ao puro sabor de matar, eu não teria força tampouco coragem para tamanha proeza. Arrancar o amanhecer de alguém que nunca o vi antes, apenas em um relâmpago de momento final; tantos pais de famílias que deixam seus filhos e suas esposas, filhos que deixam pais e mães. Que poder é este que dá a alguém a outorga de acabar com os sonhos de outrem?

Meu mundo foi aquilo que conseguir erguer, apenas os tijolos que conseguir acumular. Não poderia ser de outra forma senão do jeito que foi. Eu jamais conseguiria ser o que o herói do livro foi. Acredito que ele também não gostaria de trilhar os passos que trilhei. Todavia as possibilidades existem, vagam pelos quatro cantos à espera de algum iluminado que se coloque a conquistá-las. Como eu não posso ser o herói do livro, tenho a faculdade de idealizar em minha mente minha história particular, nela sou imbatível, posso tudo, sou um deus, tenho todos os poderes, todas as coisas e pessoas prestam-me continências. Na minha história, eu mato e ressuscito, nela eu sou rei e plebeu, flutuo ao sabor de minhas conveniências, tenho as mulheres que quero, arquiteto todas as loucuras possíveis, sem no final pesar em minha consciência os males cometidos se fosse em real vida.

Será se tudo foi realmente verdade

Observando o ambiente que me cerca sou tocado por alguns pensamentos esdrúxulos. Às vezes, somos atingidos por ideias à princípio anormais. Mas o que vem a ser normal nesta vida? Uma vida plena de esquisitices e recheada por mistérios os mais variados possíveis. Nada se bate com nada. Toda certeza que temos são incertezas aparentes. O sol que nasce no leste e se deixa encobrir no oeste não nasce coisa alguma tampouco dorme no

horizonte. Mas temos as nossas sensações, sabores entre o acre e o doce, visão entre o dia e a noite, sons que vão do grave ao agudo. Quem prova que de fato tudo isso existe?

Observo, não, vasculho o meu passado, a minha história pela vida. Tudo que de lá trago, aparece-me como algo ilusório de uma mente enganadora. Será se minhas impressões não são esquisitices de meu cérebro? Ou será se eu vivo a sonhar eternamente? Tenho dúvidas quanto ao que penso que realizei, não tenho certeza absoluta que de fato obrei o que minhas recordações insistem em mim reviver. Já não tenho certeza se o que vejo sequer vejo o que realmente existe. Meus neurônios embaralham minha existência dando tom de loucura. Não sou um louco. Ou sou? Apenas por não ter o que fazer fico a brincar de pensar com meus botões. Posso, ou não posso? Tanto faz, pois ninguém ficará sabendo mesmo. Nasceu em mim, morreu em mim.

O ambiente que se abre a minhas retinas será o mesmo aberto a outros observadores? As cores e os aromas que vejo e sinto são iguais a todos? Ou será se tudo só existe porque eu existo? Ao andar tenho a impressão que o filme se desenrola apenas para mim, tudo de bom e de ruim acontecendo para o meu entretenimento. Deparo-me com situações que logo desaparecem se sucedendo por outras numa novela natural e sem fim. Um novelo se desenrolando lentamente ao meu deleite. Tudo nascendo e morrendo, erguendo-se e desmoronando-se com tamanha rapidez e fluidez. Nada se sustenta, apenas o segundo de pensamento que me toca a todo instante.

Uma pessoa chega, outra parte, uma viaja, outra morre, uma dança, outra descansa; para mim, apenas o teatro que me toca e me cerca sempre. Alguém no Japão só será alguém se esbarrar em um segundo do meu existir, caso contrário será um espectro invisível que nunca vi e sequer sei que um dia viveu. Meu filho aparece e conversa comigo, logo sai e desaparece, se é verdade que tudo se deu para mim e para ele da mesma forma, desconheço o resultado, desconheço até a própria existência dele, vá saber que não seja uma ilusão do sonho em que me estou metido.

Sentando nesta cadeira sou tomado por recordações, por fatos que aconteceram em minha vida, se é que de fato aconteceram. Situações que neste momento chego a duvidar da autoria, sendo que fui eu mesmo o autor. Fica aquela interrogação se realmente fiz o que minha mente diz que eu tenho feito. Não é porque estou velho que penso assim, penso assim porque o instante me obriga a desta forma me comportar. Tudo é tão estranho. Uma agonia me toca de dentro para fora, uma náusea delirante

me lança contra minha realidade, tenho pavor do infinito, tenho medo do nada.

Levanto e saio a caminhar, aos meus olhos vão se descortinando o ambiente, coisas entram no meu campo de visão e outras desaparecem, é como se fosse o presente, o passado e o futuro. Continuo a andar e as modificações vão acontecendo. É ou não é muito estranho? Não afirmem que estou louco. Reflita comigo minhas dúvidas, dúvidas estas que também são suas. Muita calma. Talvez você seja apenas algo que precisa entrar em colisão com o meu eu, depois sumirá como todas as outras pessoas e objetos. Pensar é um padecimento e tanto. Refletir ainda é mais doloroso que pensar. Uma balança com dois pratos, sempre em busca do equilíbrio. Para que isso tudo? Meu mundo neste mundo a buscar novos mundos para se transformar em um mundo diferente.

Observo o meu eu crescer com bastante atenção. Começou ainda como um feto, ou coisa ainda menor, de grão em grão, de célula em célula fui me desenvolvendo como ser humano. Nasci e pude vislumbrar e me encantar com tantas belezas. Transformei-me numa criança, brinquei feliz ao lado dos colegas, conheci o conhecimento das letras, fui tocado pelas cantigas e pelas histórias infantis. Dei mais um passo e já era adolescente, quantas descobertas, quanto entusiasmo, quanta vontade de vencer, quanta convicção. Da noite para o dia já me sentia um pai, dono de uma cria, criador e uma criatura. Os passos foram se avançando no meu tempo até este singular segundo em que me detenho a meditar sobre tais assuntos. Será se eu fui capaz de realizar o que acabo de narrar? Olhe para mim, um idoso, fraco em força física. Tenho dúvida da minha saga. Como eu conseguir andar tanto sem ter ficado pelo caminho? A vida só pode ser um sonho. Eu sou fruto de um sonho. Nela não há começo e nem fim, somente uma mistura que se mistura sempre e sempre para todo o sempre. Não é fácil compreender minhas compreensões, nem eu mesmo as compreendo por completo. Elas vão vindo e indo em ritmo louco. Estou perplexo comigo mesmo.

Você reparou que tenho dúvida quanto à minha existência. Como não proceder desta forma. Alguém diz ver espíritos, eu não vejo espíritos, mas vejo coisas que outras pessoas não veem. Duvido de todos, todos duvidam do que falo e penso. Não sei se tudo isso é natural. Se duvidamos um do outro, por que não duvidar da gente mesmo? Duvidar da vida é preciso, pois a vida nos dá esta possibilidade de assim nos comportamos. Se não tenho certeza do passado que penso ter construído, como poderei ter certeza do vindouro que ainda está por vim? Nem a certeza do presente de

fato existe, o que existe é a pura impressão de estarmos vivos, uma simples sensação, que melhor seja empregado.

Quanta transformação em pouco menos de um século

Cem anos, um século para ser mais específico. Pouco ou muito? Depende. Depende de várias variáveis, de vários pontos de vista. O certo é que venci esta longa estrada da vida. Conheci as nuances de dois séculos, este ainda há de demorar mais um pouco, muita coisa ainda virá por aí; quem viver, verá. Quanta transformação neste curto espaço de tempo, comparando-se à longa história do globo terrestre. Quando eu abrir-me os olhos para este mundo, era um mundo muito diferente do atual. Diferente em termos tecnológicos, é preciso frisar. As coisas vão acontecendo no decorrer dos dias e logo vão se acomodando na rotina, dando-nos a impressão que pouco se modificou. O que minhas retinas viram, se me falassem quando eu era criança que iria acontecer, eu duvidaria com bastante convicção. Mudou-se da água para o vinho. Parece que vivemos dentro de um filme de televisão.

Olho para o céu e me deparo com um gigantesco avião. Que loucura. Como pode voar um troço daquele tamanho com aquele peso todo? Dizem que há espaçonaves que carregam tanques de guerra. Tudo é esquisito para mim, contudo só acredito porque vejo. Nunca viajei num bicho desses não, um enorme pássaro que não precisa de penas para voar. O avião se assemelha a um peixe mergulhando no leve e suave ar. Como pode um ser humano ter a capacidade de criar, ou descobrir o segredo, para a realização de tal proeza? Que gênio. Quando eu era criança, sonhávamos com objetos voadores, hoje eles voam para todos os lados e em todas as horas. Avião passou a fazer parte do dia a dia das pessoas, ninguém mais se espanta ao ver um, tampouco se emociona por já não ser mais curiosidade. Quando o primeiro subiu ao céu, o mundo parou para ver e aplaudir, em pouco tempo, uma explosão de novidades surgiu.

Na minha adolescência, vencíamos as longas e curtas distâncias a cavalo, ou na sola do pé. As estradas eram carreiros pelas propriedades, era um abrir e fechar porteira constante. Muitos dirão que era tempo difícil, não acho, era apenas o tempo que era; no futuro, achar-se-ão o presente agora pesado e arcaico; cada banana madurece em uma dada ocasião. A vida não era mais sofrida, era já bem mais evoluída que as dos séculos anteriores. Vieram os automóveis para nossa região, com eles as estradas foram sendo abertas. Pouco tempo se passou e os cavalos começaram a ficar no pasto, sua utilidade diminuía a cada dia que passava. Tudo isso eu presenciei e

participei das mudanças. Ver o primeiro carro, que alegria e medo. Um ser sem vida que andava e buzina. Foi um espanto para todos da nossa pequena vila, teve até festa na chegada dele. O chofer tinha mais prestígio que o coronel dono do bem, só andava metido em terno e gravata, namorava a moça mais cobiçada, era convidado para almoços e jantas, uma celebridade. Hoje em dia, motorista quase todo mundo é, carros estão para todos os lados.

Aparato que me tira o sossego e o sono é o tal do celular. Como pode alguém falar do outro lado do mundo e eu escutar aqui neste sertão bravo? Ultimamente até a imagem ao vivo temos na tela do aparelho. Que mente formidável que inventou o celular. Enquanto estou aqui com minha paca inteligência, por este mundo afora existem pessoas com conhecimentos a fazer inveja em muitos. Pessoas com tamanha capacidade merecem respeito, dinheiro e reconhecimento. Nossa voz viajando pelo espaço a velocidade da luz, tudo isso fruto das descobertas de certos humanos.

Mas antes do celular houve a descoberta do telefone fixo, este logo se tornou obsoleto, algo ultrapassado, pesado e desnecessário. Nestes tempos de descobertas em série e de busca por inovação, produtos vão nascendo e pouco tempo depois já são engolidos por novidades mais avançadas. A corrente que faz girar a sociedade se acelerou e cada dia que passa sua velocidade só aumenta. Não há um limite para a criação, o infinito e o eterno parecem ser a mola propulsora da sabedoria do Criador. Buscamos a satisfação dos nossos impulsos e desejos, para isso é necessário criar mecanismos para uma vida menos sofrida e mais gozada.

No campo, as mudanças vieram com muita força e para o bem da sociedade. Passamos a produzir muito, com menos trabalho e menos terra. As máquinas substituíram os animais e os braços dos funcionários. Sementes com alto valor de produção foram criadas. A irrigação com seus tubos, mangueiras e aspersores passaram a economizar água. Hoje, podemos produzir bastante aqui no sertão e enviar a safra para ser consumida nos grandes centros. O engenho de madeira foi trocado pelo de eletricidade, os bois aposentaram da dura lida. Temos animais de alta genética que fazem com que o ganho de peso e de leite suba astronomicamente.

Buscar na memória as dores do passado, as mortes por vários tipos de patologias, ver famílias sendo devastadas sem possuir tratamento, algo doloroso e triste. Quantos jovens vi falecer vítimas de tuberculose, um bocado, alguns parentes. Morriam crianças no parto aos montes, perdiam a vida as mães, era um verdadeiro pandemônio. Dores de dente atormentavam a população. Houve tempo em que uma epidemia de varíola

dizimou quase a metade da população destas terras. Com as descobertas na área e com os instrumentos modernos, aos poucos fomos ficando livres de tais loucuras, a vida passou a ser melhor vivida. Até a loucura passou a ter tratamento. Santa evolução.

Nossa pequena vila cresceu e se transformou em cidade. Ruas e avenidas foram sendo abertas, a pavimentação chegou, veio também o sistema de saneamento básico. Postes de energia elétrica trouxeram movimento e entretenimento para as noites. Atualmente temos supermercados, temos casas de show, comércio com grande variedade de produtos. E pensar naquela mansidão do passado, naquele marasmo.

As mudanças do século anterior para o atual são gritantes e profundas. Em todas as áreas que se meditar verá o dedo da evolução sobre elas. Este mundo atual já não me pertence mais, envelheci e me tornei uma peça de museu. Os jovens parecem dominar facilmente as novidades tecnológicas, enquanto eu apenas observo sentado o desenrolar deste filme de ficção. Já não tenho forças para continuar, para buscar meu aperfeiçoamento. Se ainda vivo, é por misericórdia do sistema. Todavia os adolescentes que sorriem com seus sucessos aparente, não veem que como eu serão vítimas do tempo. Tudo que é novo, velho será com total certeza. A evolução engole tudo e a todos. O sorriso do agora se transformará na frustração do amanhã. A roda gira e os fenômenos naturais são sempre os mesmos. Podemos criar atalhos, tentar ludibriar a realidade, no final não tem jeito, caímos no mesmo abismo que caíram todos os nossos predecessores.

Tristeza e melancolia

Sentado nesta cadeira ao redor da mesa a tomar meu café da manhã. O tempo passa e tudo se modifica. Que aperto no coração me toma neste instante de imenso silêncio e solidão. Como eu gostaria de gritar bem alto para que todos do mundo me escutassem. Há um calor estranho dentro de mim, consome o meu ser de dentro para fora. Que agonia!

Minhas reminiscências de um passado glorioso e feliz. O tempo me rouba todas as alegrias. Já não bastasse a idade. Não, ele quer tudo que lhe tem de direito. Deseja até a minha vida. Aos poucos vai me trancando dentro de mim mesmo. Uma hora eu não aguentarei mais e me explodirei. Isto é o que pagamos por viver muito, por ludibriar o tempo.

Esta casa já foi cheia de alegria. Um monte de pessoas em um entra e sai constante. Crianças corriam pelos quatro cantos. Funcionários vinham e iam na labuta do dia. Minha fiel esposa preparava o almoço, fazia

requeijão, limpava a casa. Meus filhos viviam ao meu lado. Todos os dias um amigo vinha me visitar. Fui perdendo tudo como as plantas que perdem suas folhas no outono; ao contrário das plantas que se renovarão na próxima estação, eu continuarei a secar até me tornar uma múmia viva. Para onde foi toda aquela alegria?

Se pelos menos meu corpo ajudasse. Se tivesse firmeza nas pernas, sairia à procura do que fazer. Se eu tivesse força nos braços, iria trabalhar a terra e plantar. Mas já não posso mais. Estou condenado a minha degradação moral e física. Não é querer, agora é poder. Já não posso quase nada, quero quase tudo, um paradoxo. Deus não está nem aí para minhas reclamações, sequer me nota. Como podemos ter tudo e em seguida nos ser tirado tudo e o que conseguimos aumentar do patrimônio? Estou no prejuízo.

Comprei esta fazenda, fiz esta residência, trabalhei a terra, aumentei minhas posses, gastei meus dias na ilusão de angariar posses, para neste momento ver e sentir que tudo foi em vão, pois nada de direito me pertence. Tenho tudo isso e não tenho nada. Veja a minha situação. Aqui neste canto do mundo amargando minha infelicidade. É justo uma coisa assim?

Minha rotina agora é dormir, levantar, tomar café, sentar na cadeira de balanço, almoçar, deitar com a tarde, tomar banho no entardecer, jantar uma sopinha, sentar na varanda, às vezes ler um livro, voltar para cama e dormir. Todos os dias a mesma coisa, a mesma coisa. Já não suporto mais tamanha melancolia. É uma tristeza que dói e badala constantemente em mim.

Mesmo estando tudo em tempestade constante, ainda assim sinto prazer em viver. Quero saborear até a última gota deste veneno que nos entorpece e que se chama vida. Meu passado foi um, meu presente é este e o futuro será algo diferente de tudo até então. Mas o aperto no peito, a saudade dos tempos indos, isso é o que mais me traz desconforto. Quanto mais eu penso, mais triste eu fico ao recordar minhas doces aventuras. Não é fácil perder. Vamos no decorrer da vida constituindo um patrimônio que em certa ocasião começa por si só a desaparecer. Somos roubados constantemente, e não podemos fazer nada, apenas observar e padecer.

Se estas portas falassem? Se estas janelas falassem? Se estas paredes falassem? Quantas histórias seriam contadas para mim entreter? Esta casa já viu coisas... Quantas coisas boas, situações corriqueiras que fazem parte da existência e que fazem a maior diferença na nossa felicidade. As lembranças boas são as que mais doem no peito. Latejam porque sei que não retornarão mais. De tão doces amargam em minha garganta. Meus

olhos perdem lágrimas me indagando o porquê. É ser feliz e infeliz ao mesmo segundo. Se estas portas dialogassem comigo, seria um homem com propósitos, pois passaria a escutá-las como crianças que ouvem suas mães a narrar histórias de contos de fadas. O que preciso é preencher o vazio que não para de crescer em mim, agiganta-se a todo instante, cresce para os lados e para o alto, para baixo e para dentro, ocupando todos os espaços.

Até meus animais de estimação, meus não, da casa, se foram, morreram todos. Quando tínhamos alguns cães e alguns gatos, tivemos também um papagaio louro, um pássaro que falava muito, por sinal, pronunciava meu nome sempre; naquele tempo, pouca importância dava a eles, tinha mais o que fazer, muitos afazeres, agora me fazem falta. Um cão que vivia a me perseguir, saía a cavalo, e ele vinha; deitava na rede, ele deitava no chão ao lado; quando estava à mesa almoçando ou jantando, ele ficava ao canto à espera de um osso ou um naco de carne. Meu cão morreu repentinamente, fiquei triste, nunca mais quis me apegar a outro animal, mesmo assim nossa casa andava cheia deles, porém sempre me preservava a certa distância. A casa foi se esvaziando de pessoas e com elas foram indo os bichos, hoje, aqui estou só. Minha vida já foi apetitiva, carregada de odores suaves, impregnadas de notas melódicas, enrolada em cores diversas. Meu mundo se desmoronou, perdeu minhas bondades pelo lastro da história. Preciso preencher minha vida novamente, vou conseguir alguns animais, isso fará muito bem para o meu existir. Quero um papagaio louro, vou ensiná-lo muitas palavras, contudo a primeira será o meu nome, ainda desejo ouvir o som que ainda preservo em minha mente. Vou florir meu jardim com novas roseiras. Sou dono do meu canteiro, vou voltar a semear no terreno onde já foi colhida toda a plantação, logo mais voltará a brotar, voltarei a ser feliz.

Minhas dores do presente são frutos das minhas reminiscências do passado. Para que trazer o passado para interferir no meu agora? O passado foi presente naquela ocasião; o presente agora será o passado de daqui a pouco. Não posso abdicar do meu presente ruminando o pretérito. Preciso me desvencilhar, sentir o agora e afastar os pensamentos que tanto me atrapalham viver. Não tenho passado, apenas recordações; não tenho futuro, apenas possibilidades; tenho, sim, o instante em que respiro e sinto, viver fora deste círculo não é a melhor coisa a ser feita. É necessário me concentrar, é necessário esquecer o que nos faz mal, é necessário seguir a estrada até o fim da linha. Não adianta nada chorar os momentos que passaram, tenho que fazer este instante valer o sol que me toca, o ar que respiro. Trazer o que passou ao presente para arruiná-lo, não é sábio. O passado é bonito simplesmente porque foi vivido aquele presente com

muita intensidade e dedicação, porque foi preenchido até verter pelas bordas de presente e não de pretérito tampouco de futuro.

Calando Acauã

Quase sempre, fico buscando em minha cansada mente fatos que se sucederam na terna infância dos meus dias. São doces frutos de uma existência sem muitas tribulações; de lutas, porém. É gostoso lembrar e sorrir das nossas travessuras, das nossas histórias pessoais. Esses fatos vêm e vão ao sabor dos pensamentos e dos acontecimentos, não os escolhemos, apenas vão chegando e logo um começa a puxar o outro formando um saboroso vai e vem de ideias. Passa um filme na cabeça da gente. É algo muito prazeroso inventado pela natureza para nos entreter em ocasiões de relaxamento. A sabedoria natural das coisas é algo fenomenal.

Em certa data da minha juventude, presenciei meu pai e dois colegas se divertindo. Eles sorriam pra valer, conversavam sobre assombrações. Eu ainda criança observada curioso e temeroso com aquelas palavras. Meu pai me chamou e me disse que iria me ensinar algo bem interessante. Fiquei bastante apreensivo. Ele me pediu para afinar os ouvidos, para captar um som que vinha de longe e que chegava fraco; como todos estávamos em silêncio, pude em fim ouvir, pela primeira vez na vida, o canto emblemático do pássaro, que logo fiquei sabendo o nome, Acauã.

- Esse pássaro é chamado de Acauã – disse meu pai sério. – Quando ele canta, é sinal de mal agouro. Precisamos calar Acauã. Nós não iremos matar o pássaro, apenas fazer com que ele feche o bico. Mas antes vamos nos aproximar deles para você ouvir melhor o canto. Toda vez na sua vida que você ouvir Acauã cantar, cale Acauã, senão... É muito perigoso, até morte pode vir a ter pela redondeza.

Não precisamos nem sair do lugar, os pássaros vieram cantar próximos a nós. Era um casal, um se encontrava em um jatobazeiro alto e o outro em uns arbustos uns vinte metros à direita de onde estávamos. Que canto lindo, alto, piedoso. Para que calar algo assim. Vá entender os mais velhos. Negócio de mal agouro. Se eu pudesse, ficaria os ouvido por um tempão. Contudo tinha aquele negócio de morrer pessoas das redondeza, assombrações. Melhor calar o pássaro e ter paz.

- Joaquim – falou meu pai a um serviçal. – Traga a brasa. Rápido. Vamos calar Acauã.

Na direção de cada pássaro foi colocada uma brasa incandescente no chão, depois com as mãos depositaram terra por cima até fazer um pequeno monte. Fiquei impressionado, abismado. Como podia algo assim? Imediatamente os pássaros se calaram, nenhum pio, apenas o silêncio a imperar na mata.

- Queimamos a língua de Acauã – balbuciou meu pai satisfeito e sorridente.
– Nunca falha esta técnica. Aprendi com o meu pai, que aprendeu com o pai dele, que aprendeu com o meu bisavô; agora, meu filho aprende comigo, que no futuro ensinará ao seu descendente. Na próxima vez que Acauã cantar, meu filho, quero que você queime a língua de Acauã.

Eu satisfeito pelo que tinha visto, pelo aprendizado, ansioso me encontrava para o momento futuro. Calar Acauã para mim seria meu dever. Após queimar a língua de Acauã, seria não mais uma criança e sim um adulto, um homem, igual a meu querido pai. Acauã haveria de cantar nos próximos dias, na presença ou não de meu pai, calaria Acauã. Daquele instante então só pensava no canto do pássaro.

Durante a noite, enquanto estava dormindo, Acauã veio cantar para mim. Corri e peguei a brasa, fiz o montinho de terra por cima, para minha surpresa, ou meu desespero, Acauã continuava a cantar, cantava cada vez mais alto. Assustei-me todo suado, ainda estava escuro, era madrugada, o sol começava a se despertar; aprumei-me os ouvidos, Acauã cantava em uma árvore do lado de fora da casa. Levantei correndo e fui ao fogão a lenha, consegui apenas uma pequena brasa, brasa essa que restara da noite anterior. Teria que ser aquela brasa, não havia outra. Alguém corria perigo pelas redondeza, precisava queimar a língua de Acauã o mais rápido possível. Sair porta à fora. Acauã continuava na sua lamuria matinal. Onde estaria o pássaro? Ao vê-lo sobre um pé de angico, coloquei a brasa rapidamente no chão e fiz o monte com terra. Acauã então bateu suas lindas asas e voou. Voltei para cama e dormir. Quando acordei, chamado por minha mãe, veio-me uma dúvida, aquilo tudo que acontecera comigo durante a noite foi de fato realidade ou foi puramente um sonho. Esta dúvida carrego comigo até hoje. Mistérios do pássaro Acauã.

Indo ao umbuzeiro buscar umbus

Quando eu era criança já virando adolescente foi a fase de minha vida de que mais gostei. Tempo em que se vivia o presente sem olhar ao passado e tampouco dá bola para o futuro, era tudo um mar de rosas, um verdadeiro conto de fadas. Quantas saudades dos meus pueris anos... Se eu tivesse a oportunidade de retornar à minha infância, muitas alegrias voltariam a

florir minha existência. Tenho saudade dos meus amigos, muitos deles já atravessaram a ponte que nos leva a sabe-se lá para onde, ou se é que nos leva a algum lugar. Outros amigos tomaram rumos diferentes e nunca mais tive notícias deles, e nem eles tiveram de mim. Amigos que carrego no peito, amigos das minhas doces aventuras, das nossas agradáveis brincadeiras, amigos verdadeiros, verdadeiros amigos. Por que o tempo corre tão depressa? É uma saudade dolorosa, ardida, desesperadora.

Preciso narrar uma história que marcou bastante aqueles deliciosos tempos, época de descobertas, momento em que nossa vontade começava a aflorar em busca das novidades e prazeres do mundo. Ser o dono do meu destino, ditar as regras de um bom viver, correr feliz enquanto pôde por este sertão em busca de aventuras, fui eu. Que nostalgia. Eu um simples jovem do interior, tímido, pacato, manso com as demais pessoas, mas convicto de certa superioridade que somente eu notava em mim. Não fui o que queria ser, pois meu ser sempre me colocava retrancado; tentava avançar, ser como os outros, todavia tinha uma barreira que me impedia avançar. Há coisas que não conseguimos explicar como elas se sucedem. Não basta apenas querer fazer, existem limitações ou restrições em nossa estrutura que nos fazem assim. Diante de entraves comportamentais tentava a todo custo me desvencilhar da teia que me encontrava enrolado. Não é fácil nadar em um rio de correntezas caudalosas sem a destreza do primoroso nado. Uma criança que começa a dá seus primeiros passos ver em tudo dificuldades, ao mesmo tempo tudo passa a ser um campo fértil a ser explorado. Desta forma me encontrava em plena atividade buscando meu espaço neste mundo.

Uma certa manhã de verão, saímos para colher umbus pelos pés das propriedades próximas. Era mês de janeiro, quase no seu fim. O dia estava quente, algumas nuvens pelo céu. Fazia duas semanas que havia chovido. O mato estava verde e o capim fresco tomava grandes áreas. Nosso grupo era formado por doze pessoas, cinco homens e sete mulheres, todos na mesma faixa etária, dos dez aos quinze anos de idade. Era uma felicidade só. Andávamos a tagarelar, sorriamos em uma algazarra feliz. As conversas vinham e iam com muita rapidez, cresciam e desapareciam. Não tocava em nenhum de nós o peso de nenhuma preocupação, aquele instante nos completava por inteiro. Cada árvore que parávamos cada qual colhia um pouco de umbus. Tinha umbuzeiro que o fruto era mais saboroso que o outro, uns com frutos grandes, outros com frutos pequenos e doces feito ao mais puro mel. Nossos dentes desbotavam, uma sensação estranha. A alegria dos rapazes era ter as moças para prosearem.

Com as sacolas já abarrotadas, paramos em um umbuzeiro com a galhada fácil de subir, copa aberta. Os doze jovens sentados nessas galhas a conversar e a sorrir. Havia muita pirraça, tudo saudável. Uma das jovens indagou o porquê de nomes escritos nas galhas da velha árvore. Sempre um nome vinha seguido de outro. Por que aquilo? O adolescente mais velho respondeu que as pessoas escreviam os nomes como simpatia para conseguir namoro e até mesmo casamento. Ficamos atônitos, curiosos. Um nome de homem seguido por um de uma mulher. Começamos a procurar pelos nomes, alguns deles eram nossos conhecidos. Cada descoberta um suspense. Pedro e logo à frente Joana. Hoje eles estão casados, dizia um que os conhecia. Marcelo e Fátima. O rapaz era meu primo, ele namorou por muitos anos com ela, respondeu uma das jovens. Adriano e Maria Aparecida. Maria Aparecida é a minha irmã mais velha, disse outra jovem. Aquela simpatia parecia que dava resultado. Quantos pensamentos não perambularam pelas nossas cabeças naquela ocasião. Certamente nossos nomes estariam estampados em algum dos umbuzeiros em breve. Não seria ali naquele instante simplesmente por vergonha um do outro e por não querer desvendar nossos amores que começavam a enraizar no coração. Por um amor o que o ser humano não é capaz de fazer?

Retornamos para nossas casas e a vida continuou na sua pisada mansa de interior. Passado algum tempo, meus encantos foram atraídos por uma bela e jovem moça. Quanta beleza, um anjo em flor. Encontrava-me apaixonado por ela. Meus pensamentos estavam povoados por ideias de conquista, neles a senhorita era rainha e dona. Quando estamos apaixonados, parecemo-nos a tontos, fazemos coisas que não teríamos coragem em sã consciência de realizar. Estava disposto a tudo para ter em meus braços o meu maior desejo. Romper a timidez e conquistar os carinhos e os beijos dela. Cada dia que passava mais a paixão crescia em mim. Procurava sempre está por perto dela. Esperava por uma oportunidade que insistia em não aparecer. Minhas noites eram de pensamentos, todos tendo ela como a protagonista. Já em meus sonhos, ela não dava as caras, por mais que eu desejasse. Queria tanto tê-la pelo menos em sonhos, nem isso eu conseguia, era privado. Meu desespero, que só crescia, fez-me lembrar da simpatia. Uma luz para me acalmar, uma corda para me salvar do abismo. Agora ela seria minha.

Na manhã seguinte, peguei uma pequena faca e sair. Tinha em mente encontrar um umbuzeiro; não poderia, contudo, ser um das proximidades, alguém poderia descobrir lendo nossos nomes, estaria frito nas mãos dos colegas. Rompi longa distância ignorando um monte de umbuzeiros que ia passando por mim na minha caminhada. Lá no fundo já sabia onde iria depositar os nossos nomes. Ao chegar em dado local, parei para observar,

apenas o silêncio. Era tempo seco, o mato havia perdido todas as folhas, poucas pessoas tinham coragem e necessidade de ficar vagando por aí. Eu estava naquele lugar por pura necessidade. A minha frente havia alguns lajedos, em certo local um buraco mais fundo onde sempre tinha um pouco de água, nunca secava. Foi neste dito buraco que no passado um jumento ao cair nele morreu, desta data para cá ninguém nunca mais veio pegar água nele, dizem que tem nojo. Pois eu bebo dela e com gosto. O jegue foi retirado, e com tantos anos passados, não há por que não beber dela. Baixei e tomei alguns goles de água, estava fresca, o gosto era de água, se é que água possui gosto.

No local havia dois umbuzeiros, um rente aos lajedos, e um outro uns trinta metros para frente do primeiro. Passei pelo primeiro, observei e não encontrei nenhum nome. Dirigi-me ao outro, também não tinha nomes. Seria ali que iria guardar meu segredo e a minha simpatia. A árvore se encontrava toda despida de folhas. Fui em uma galha que ia subindo do tronco, grossa por sinal. Seria ali. Com a pequena faca gravei meu nome, trabalhei devagar, meus pensamentos eram somente dela. José Amaro. Antes de escrever o nome dela fiquei magnetizado pelas letras que tinha acabado de escrever. Logo comecei a escrever o da minha paixão. Letra por letra foi desvendando ao ambiente o nome da moça que tanto desejava. Isabel Trindade. Meu nome seguido do dela naquela galha do umbuzeiro, solto para quem ali chegar ver. Gelou meu coração, um arrepio de pavor. Já era tarde, não poderia mais voltar atrás. Sem ela minha vida seria padecer eternamente. A simpatia surtiria efeito, ela seria minha namorada.

Os dias foram correndo, eu sempre a cercar o meu desejo. Ela em alguns momentos trocava alguns olhares comigo. Tais olhares poderiam dizer algo? Carregava a dúvida em mim. Precisava de uma oportunidade. Ela seria minha, a simpatia iria funcionar. Receoso nunca que conseguia declarar minha intenção para ela, aquilo me corroía por dentro, matava-me aos poucos, uma verdadeira tortura. Na minha mente, somente ela a povoava, tomava todos os espaços. Eu não era mais eu, vivia em função do desejo que nutria por ela. Pense numa gaiola, em um passarinho preso, era eu naqueles tempos. Era querer sair e não poder, era ver a porta da prisão aberta e preferir permanecer. Não sei que loucura é essa que nos toma quando estamos apaixonados, beira a insanidade crônica. Os dias penavam em passar, sem ela do meu lado cada segundo era um século, era de puro martírio.

Certo dia, saímos para nos refrescarmos no rio. Um dia lindo de sol forte e de muito calor, verão no nordeste. Nosso grupo tinha para mais de quinze. Ela estava no meio. Meus olhos sempre a procurava, sempre. Não sei se

meus colegas desconfiavam. Às vezes, calava-me em pensamentos, parecia alucinado, no mundo da lua. De repente alguém gritava, e eu voltava em mim. Nadamos juntos, conversamos, sorrimos, brincamos, divertimos bastante. A ocasião estava quase perfeita, só me faltava os carinhos dela. Ia chegando o momento do retorno, fiquei na água e fiz de tudo para retardar a saída dela do rio. Os amigos em algazarra foram seguindo na frente. O momento que tanto eu aguardava tinha enfim chegado. Meu coração badalava em confusão. O que fazer para acalmá-lo? Parecia que iria sair pela boa. Precisava conversar.

- Isabel, tenho algo muito importante para falar para você – disse todo confuso. Pelo menos havia iniciado. – Há dias que esperava por este momento, um momento a sós ao seu lado. – Mergulhei para perto dela levantando rente ao seu corpo. – Isabel, não ver que estou loucamente apaixonado por você. Preciso saciar minha sede com o doce sabor dos seus lábios. Não diga que não, pois não suportaria tamanha dor. – Levei minhas mãos a cintura dela e a trouxe para junto do meu corpo. – Eu a amo, Isabel. – Ela em silêncio deixou ser beijada por mim. Ficamos uns cinco minutos naquele chamego gostoso.

- Precisamos ir – disse-me ela apreensiva. – Nossos amigos sentirão falta de nós e desconfiarão. Vamos deixar a água.

- Você não gostou? – indaguei meio triste. – Deixem que eles saibam.

- Não pode! Você não sabe que tenho um namorado?

- Namorado? – inqueri surpreso, foi um choque. – Não, eu não sabia.

- Agora você me deixou em dúvida entre você e ele. Sempre via seu olhar faceiro para mim, mas não tinha certeza. Por que você nunca me disse nada? Logo agora que estou namorando é que você vem colocar dúvidas na minha cabeça.

- Deixe ele e venha ficar comigo.

- Não posso fazer isso com ele. De jeito nenhum. Mas há um jeito, somente um jeito. Namorarei com ele e terei encontros secretos com você.

- Eu serei o segundo?

- Sim. Mas o meu preferido será você.

Com medo de perder o que conseguira conquistar com muito esforço, aceitei a minha cruz, seria o segundo amor dela. Por outro lado, algo que acalmava meu coração era saber que quem estava sendo enganado era o primeiro e não eu. Também poderia virar o jogo para o meu lado.

- Então me dê mais um beijo – disse a ela. – De hoje em diante seremos namorados às escondidas.

Beijou-me rapidamente e saímos da água. Uma alegria tomava o meu ser por completo. Estava satisfeito e feliz. A ilusão maior dos apaixonados é pensar que a dor da sua gaiola acabará, ela dá uma trégua enquanto há o contato, basta a separação aparecer para a ferida abrir e a dor nos levar ao desespero. Na volta ainda trocamos muitos beijos ardentes, estava na lua. Bastou nos separarmos para sentir o chão da realidade me tocar e me dizer que o sonho tinha acabado. Ali soube como é ruim a realidade das coisas, a minha realidade. A angústia, esperançoso por um novo encontro, tomou o lugar da alegria em meus pensamentos. É um martírio sem fim a vida de apaixonado. Suportar a ausência do outro parece brincar com nossas débeis forças.

Uma indagação começou mansamente a cutucar meus neurônios e foi crescendo até formar uma fascinação. Quem seria o namorado de Isabel? Carecia saber urgentemente. Qualquer um da redondeza poderia ser, menos eu que já estava consagrado como namorado segundo. Se jantei foi um pouquinho só, a noite foi de insônia profunda, um rolar na cama de um lado a outro. Como eu queria a minha paz de outrora, no entanto parece que não somos donos do nosso destino. Não é apenas querer, naquela situação eu não controlava o meu pensar, o meu agir e o meu existir. Não sei explicar loucura de situação que nos toca quando estávamos apaixonados, perdemos a razão por completo, ficamos tolos, infantis. Deixamos nosso alto-controle de lado para nos metermos em um sonho de fantasias, tentamos fugir do real nos escondendo em uma ilusão dos impulsos. É gostoso está apaixonado ao mesmo tempo muito sofrido.

No decorrer dos dias tive a oportunidade de estar ao lado de Isabel por três vezes. Momentos gostosos e de curto período. Ela sempre a me dá desculpas, a dizer que necessitava ir, que alguém poderia ver, coisas assim. Comecei a desconfiar que o que eu sentia por ela, não era o mesmo o que ela nutria por mim. A princípio fiquei nervoso, triste, até chorei, mas com o passar das horas fui tomando a rédea da minha vida e dando mais importância à minha razão. Aquele arrebate de paixão ia perdendo força, a grande chama havia se transformando em um singelo acender e apagar de vagalume. Mesmo assim ainda continuei a me encontrar com minha antiga paixão, que se tornara uma prazerosa amante, nada mais; o encanto se

acabara. Alguém poderá indagar-me como pode uma paixão se esfriar tão rapidamente, minha resposta é taxativa: como podemos nos apaixonar tão rapidamente? Na mesma ligeireza que começou, teve seu fim. Cada qual carrega em si as ferramentas para enfrentar o mundo. Voltei a ter paz, voltei a me alimentar, voltei a dormir tranquilo e gostosamente.

Tantos dias haviam se passado e eu ainda não sabia o nome do namorado dela. Aquilo me intrigava bastante. Ela sempre fugia da minha indagação. Já não me importava mais, estava satisfeito em ser o segundo. Em uma ocasião, fui buscar um cavalo na manga, encontrei-o debaixo de um pé de umbu. Assim que entrei na copa da árvore lembrei-me da simpatia. Curioso fui observar os nomes. Para minha surpresa, o nome dela estava escrito em uma galha, antes dele tinha outro nome, o de um amigo meu, Pedro. O danado também estava invocado com ela. Será se ele era o namorado oficial? Em outra galha, o nome dela voltou a aparecer, Sandro tinha gravado. Será se todos os meus colegas estavam querendo namoro com Isabel? Eu nunca percebi nada. Também estava apaixonado demais para notar, meus olhos só a viam em minha frente.

Sair do local montado no cavalo, em vez de retornar para casa, fui visitar os demais umbuzeiros da redondeza, a curiosidade me alertava para algo. Em cada um deles, o nome de Isabel estava estampado. Toda a juventude se encontrava perdida, apaixonada pela mesma mulher. Se a simpatia valeu para mim, se ela valer também para os outros, quantos namorados de fato Isabel teria? A culpa era dela, ou seria culpa nossa por ter feito tantas simpatias? Um paradoxo esdrúxulo.

Estava a conversar com meus amigos, uns cinco, quando Isabel passou do outro lado da rua. Sentir que todos ficaram incomodados, olhando de soslaio para ela. Em poucas palavras, espetei cada coração ali presente, menos o meu, é claro.

- Vocês estão vendo Isabel – disse -, é minha namorada. Estamos nos encontrando escondido.

Todos me olharam com espanto e surpresa. Em uma única frase, ao mesmo tempo, inquiriram-me:

- Com você também?

Não sei se a simpatia que fizemos de fato surtiu efeito, ou se tudo aconteceu porque desta forma deveria ser. O certo é que foi da maneira que narrei. Atualmente, ninguém mais faz tal simpatia, fazem outras, até invocar seres de outro mundo estão por aí realizando. A prova da minha

história é ir ao umbuzeiro que tatuei meu nome gravado ao lado do nome de Isabel; as coordenadas do local, eu já deixei no desenrolar da minha pequena novela. Já faz uns vinte anos que não vou ao mencionado lugar, não sei sequer se a árvore ainda existe, a devastação da Caatinga é grande. Tomara que o umbuzeiro ainda esteja vivo e com a marca que lá deixei, tomara que nossos nomes vivam bem mais que eu.

Existem respostas ocultas para nossas indagações

Abro minha mala de recordações para mostrar ao mundo um momento muito especial em minha vida. Há fatos que marcam a fogo, que volta e meia retornam a se formar em nosso campo de visão.

Ver o desabrochar de um ser é um choque pelo qual pessoas sensíveis passam. Saber o significado desta correria toda, buscar uma explicação plausível que acalente nossa curiosidade, são tantos os mistérios que nos envolvem. A explosão do nada em vida viva, que explosão gigantesca e sem explicação. Presenciar a flor se abrir e exalar perfume suave e gostoso, algo fantástico.

Tudo começou com um simples aviso: “José, estou grávida”. Você imagina num estalo se transformar por completo; revirar uma laranja deixando a casca no seu interior e seus gomos para fora, desta forma eu me sentir. Eu serei pai. Como assim pai? Simplesmente pai, como tantos outros, milhares e bilhões já foram e serão pais. Fiquei congelado, não conseguia emitir uma só palavra tampouco um sorriso. Minha esposa triste indagou o meu jeito: “Você não gostou?”. Se gostei, claro que gostei. Sempre sonhei em ser pai. A notícia da forma que chegou é que me pegou de calças curtas. Estou sem chão. Comecei a sorrir, abracei minha esposa, beijei a barriga dela, foi uma festa. Depois me retirei para a solidão dos pensamentos, carecia matutar.

Na barriga de minha esposa, um pequeno ser começava a se formar, algo produzido por mim. Sem ao menos saber como a criança, meu filho, foi agraciada pela luz da existência. Entender tal fenômeno era algo de suma importância para mim. Mas não basta apenas querer para enfim saber. Há verdades que nos são ocultas, que não conseguimos entender ou ver seus pontos iniciais e finais. Somos caminhantes em busca de respostas, sem ter sequer as interrogações todas a seres formuladas.

Minha esposa estava radiante com a dádiva dada pela natureza, seria uma mãe ímpar, exemplar, amaria sua prole infinitamente. Uma criança estava a

caminho, não sabíamos quem era, de onde vinha, mesmo assim já a amávamos, já a aguardávamos com muita ansiedade. Tudo faz parte do enredo natural das coisas. Há muitos atributos que o invisível nos faz agir da maneira predeterminada, poucos conseguem fugir à responsabilidade, e quando assim obram carregam a perturbação na mente. Amaríamos nosso filho da forma que ele se aparecesse ao mundo.

A barriguinha de minha esposa começava a crescer. Deitei e passei a escutar o seu interior, o local onde crescia meu filho.

- Meu filho! – disse.

- Seu não, nosso – retrucou minha esposa.

Nosso filho, meu e dela, dela e meu, nosso. Da mesmo forma como aconteceu comigo, acontecerá com ele. A vida pertence a cada um; ao nascer, cada qual é obrigado a buscar seu horizonte. Nascemos em um mundo perverso, difícil, cheio de barreiras. Fraquejar nos primeiros dias é questão de segundos. A vida é um campo minado onde andamos correndo riscos a todo instante. Viver é perigoso demais. Quando começamos a entender as coisas, já vencemos um turbilhão de intempéries. Devemos sempre agradecer por estamos onde estamos, muitos tombaram assim que deram início a jornada. É tão fácil fraquejar, basta uma singela derrapada para o dia se converter em noite, para os olhos turvarem para sempre, para o apequenar da luz e o se eternizar da escuridão.

Acompanhei o crescimento da barriga da minha companheira. Cada dia ia ganhando volume, dia e noite crescendo. Eu ficava abismado com o fenômeno da vida que se desenrolava perante minhas retinas, custava em acreditar naquela mágica. Um ser dentro de outro ser. Como pode tudo isso? Teve uma noite em que dormi escutando o barrigão da minha esposa. Meu filho ali dentro esperando pelo momento de estrear neste mundo. Seria um menino ou uma menina? Eu não era somente um pai, eu buscava respostas às minhas dúvidas, dúvidas que acredito que sejam de todos os que um dia já tiveram o prazer de passar por um momento assim.

Com os dias, a ansiedade em mim só aumentava. Não via a hora de ter meu filho nos braços. Sonhava com ele a brincar pela casa. Imaginava o choro dele pedindo comida. Os dias e as horas que antecedem qualquer evento aguardado carregam em si mais emoções que o real instante verdadeiro que se forma.

Minha mulher estava numa alegria só, aquilo me acalmava, via a beleza da vida naqueles acontecimentos diários. Eu era sim um privilegiado por

Deus, eu era feliz com aquela felicidade que me envolvia. Se a vida pautasse para todos e em todas as horas como aqueles memoráveis dias, o mundo seria um lugar de júbilo e paz. Mas é bom desconfiar da bonança, o tempo quando menos se espera poderá mudar, fazer da calmaria uma tempestade de aflições.

O momento tão aguardado vinha se aproximando sorrateiramente. Minha aflição estava a ponto de transbordar, de me afogar em desespero. Minha esposa sentia dores, chorava, gemia, gritava. Uma parteira foi chamada, a mais experiente da redondeza. Disseram-me que nas mãos dela nenhuma criança perdera a vida. Pedia-me calma, paciência, que tudo iria dá certo, que Deus é o Todo Poderoso, que confiasse na providência Divina. Eu via o sofrimento de minha mulher e me descabelava em aflição. Queria ajudar. Desejava resolver o problema. Por mim, eu me colocaria no lugar dela só para não vê-la sofrer daquele jeito. Eu estava preste a explodir dentro do quarto, quando fui levado à varanda. Um medo me apertava o coração com força. Sentia o fio da morte passar por meus olhos. A tormenta havia chegado e varrido todo o sol que brilhara nos dias anteriores, levou nosso sorriso, carregou nossa alegria. Viver é um risco, vimemos na corda bamba, precisamos ter estômago forte e força nas ideias para não abandonar o campo de batalha.

Uma moça veio do quarto me trazendo informação. O parto estava sendo complicado, a criança era grande, mas Deus era forte e estava do nosso lado. Fiquei sozinho a esperar pelo pior. Quantas histórias de crianças que precisaram ser sacrificadas para salvar a mãe. Quantas mães perderam a vida dando à luz. Há casos que nem mãe nem filho sobreviveram. Meu nenê mal chegava ao mundo e já era obrigado a passar por uma prova de fogo. Se eu pudesse trocar de lugar com eles. Ver os outros padecerem é pior do que o próprio sofrimento. Tentava me controlar; os pensamentos, no entanto, rodopiavam eletrizados pela minha mente. Por que tudo aquilo estava acontecendo comigo? O que eu havia feito para merecer tamanho castigo? Comecei a questionar meu sofrimento. Sofrimento não escolhe coração, ele chega a todos os corações, cedo ou tarde, sempre está pronto para fincar suas enormes e afiadas garras e arrancar dos seres gemidos, dores e lágrimas.

Aquela minha tortura continuou por mais algumas horas. Já não tinha mais lágrimas para chorar, já tinha rezado todas as rezas as quais sabia, já tinha imaginado todas as situações, já me encontrava no limite mental. A moça chegou correndo e me tirou daquele estado mórbido.

- Seu filho veio ao mundo, homem – gritou ela. – Corra e venha ver. É um varão. Grande feito um touro.

Quando me vi já estava dentro do quarto. Meu filho estava nos braços da parteira, a moça se encontrava em pé, minha esposa estava na cama, parecia dormir.

- O que aconteceu com a minha esposa? – indaguei aflito, tendo o coração nas mãos.

- Calma, homem de Deus, ela só está dormindo – disse a parteira calmamente e em tom brando. – O parto foi complicado, o mais difícil que já fiz, ela apenas descansa, foi muito pesado para ela. Se fosse outra pessoa e não eu quem fizesse o parto, neste momento não seria uma ocasião para comemoramos, mas sim para choramos. Agradeça a Deus, foi Ele quem nos deu a vitória. Sua esposa agora necessita de repouso, nestes quinze dias repouso total. Vou deixar minha neta neste período com vocês, ela cuidará de tudo, da criança e da sua esposa.

A parteira colocou meu filho em meus braços. Senti medo, poderia machucá-lo. Olhei para o rostinho dele e comecei a chorar de alegria. Meu filho havia nascido, fruto do meu sangue. Ele então chorou, fiquei com medo. Meu filho poderia estar passando mal. Todas as crianças choram, foi o que a parteira me disse. Logo você se acostumará, acrescentou ela, reze para não ser um chorão. Como assim chorão? Indaguei. No decorrer das noites eu iria saber direitinho o que era um chorão. Nos primeiros dias nunca vi menino chorar tanto, também nunca havia visto um chorar assim antes.

Minha esposa melhorou rápido, a moça voltou para residência dela, nossa casa ganhou um novo habitante, a família crescia. Minha esposa nomeou nosso filho de Fabiano, seria o Fabiano Oliveira Silva. Passei a trabalhar em função do futuro da minha prole. Futuramente iria ver minha família crescer ao ponto de chegar a seis, sem contar em dois que morreram ainda bebês.

Quando passa a expectativa, quando acaba a espera, a vida volta a sua trivialidade natural, retornamos à nossa pacata rotina. A existência parece pautada em uma afinada nota musical, sem altos e baixos para atrapalhar, todavia qualquer momento é momento para novos vendavais. Podemos nos defender de raios e trovões, ficarmos livres deles jamais.

Conversa de homens maduros

Outro dia desses, recebi a visita de um amigo de longas datas. Ele veio à minha residência para prosearmos um pouco, dizendo ele que precisava

desabafar, colocar as conversas em dia. Sempre é bom receber nossos amigos, ainda mais nesta fase da vida na qual o que temos muito é tempo a ser preenchido. Nossa vida vai se esvaindo e há tempo para tudo, pois já não temos muito o que realizar.

Ele chegou pela manhã, às oito já estava sentado ao meu lado na varanda. Naqueles primeiros minutos, permaneci em silêncio observando o sol que ia se levantando já alto. Sentia que o amigo estava desconfortado com o meu silêncio, ansioso por algo, contudo me permanecia absorto dos seus peculiares intentos. A importância que ele carregava no coração poderia aguardar, aquilo estava o corroendo há dia. Gente é cheio de manhas, inculca com bestagem, fere-se seu ânimo por quase nada, vive-se flagelando por bobagens várias.

- Alguma coisa está a ferir o amigo, Raimundo? – indaguei-lhe sem o encarar.

- Sim. Preciso desabafar com você. Estou necessitando de um conselho seu.

- Conselho? Sim, posso lhe dá. Diga o que tanto lhe incomoda? Sou todo ouvido.

- É coisa de mulher.

- Vem problema por aí. Soluções complicadas quando temos mulher no meio. Adiante o incômodo que tanto contrai o peito do nobre amigo.

- Estou gostando de uma mulher.

- Já era de si imaginar no seu semblante de aflição. No entanto, parece que há mais coisas a serem reveladas. Prossiga no seu relato.

- A mulher não é bem uma mulher.

- Como assim?

- Não é o que você está pensando. Ela é uma adolescente de dezoito anos.

- Sua neta seria?

- Não, não, não é minha neta. Estou apaixonado por esta jovem.

- Apaixonado nesta idade por uma jovem de dezoito? Que problemão, compadre. E ela sabe disso?

- Acredito que ela desconfie, mas saber, saber, não. Ela trabalha em minha casa, toma conta das coisas.

- Toma conta do senhor também?

- Sim. Ela é quem cuida de mim. Estou apaixonado por aqueles olhos negros de jabuticaba. Se ela quiser, eu casarei com ela. Dou tudo que tenho pelo amor dela. E olhe que tenho um vultoso patrimônio.

- E os seus filhos, compadre? Eles sabem dessa sua intenção?

- Nem desconfiam. Se souberem, eles são capazes de mandar Aninha ir embora.

- Então o nome da sortuda é Aninha?

- Se ela não me quiser, sou capaz de morrer.

- Compadre, olhe para nós dois. Você acha que uma moça de dezoito anos irá se sujeitar aos nossos desejos? São épocas totalmente diferentes. É melhor o compadre amarrar suas vontades o mais que puder.

- Mas eu posso dá a ela dinheiro. Não ligo se ela goste de mim ou não, apenas desejo os carinhos dela. Também, já estou perto de morrer, tudo que conseguir com muito esforço irá ficar aí mesmo. Quero gozar este restante de vida que me toca.

- Sábias palavras. Por que o compadre ainda não obrou desta maneira? Nada o impede de assim agir.

- Têm meus filhos, eles estão de olho na herança. Também não sei se ela irá querer minha oferta. Acredito que queira, é uma moça pobre, veio das comunidades da serra, os olhos brilham quando ver presentes. Dei umas roupas para ela, de tão feliz sentou em meu colo e me beijou no rosto. Você não sabe quanta alegria sentir naquele momento. Já dei a ela outras coisas e sempre ela repete o gesto. Contudo, avisei a Aninha para manter tudo em segredo.

- Uma boa alternativa é manter a coisa como está, em segredo, com presentes e beijinhos.

- Mas eu quero mais dela, quero que ela durma comigo todas as noites. Preciso-lhe relatar algo mais: outro dia, ela veio a mim e me pediu cem contos, disse que a mãe estava doente e carecia comprar remédio.

- Você a deu, compadre?

- Antes de dá, pedi a ela outro beijo. Ela sorriu para mim com tanta ternura que meu amor por ela cresceu assustadoramente. Sentou em minha perna, pensei que iria ganhar novamente um beijo no rosto, mas recebi um suculento beijo na boca. Demorou cerca de um minuto. Fui ao céu e voltei, fiquei nas nuvens. Acabei dando a ela duzentos contos. Um beijo daquele valia até mil. Ela é tão inocente. Se eu propor matrimônio com ela, ela certamente aceitará, vejo nos olhos dela.

- Siga as suas vontades. A felicidade em primeiro lugar. Case com a moça e seja feliz.

- Ao chegar em casa, avisarei a ela do meu intento. E você não pensa mais em uma mulher para esquentar o frio? Você ainda está novo, tem muita lenha para queimar.

- Só tive uma mulher na vida, no meu coração não há espaço para outras. Já não tenho mais empolgação para essas coisas.

- Precisamos curtir a vida enquanto há vida. Minha esposa morreu há cinco anos, quanto tempo solteiro. Não, não quero isso mais para mim. Aninha será minha nova esposa. Uma gazela de mulher.

- Compadre, você está mesmo apaixonado por essa jovem de olhos de jabuticaba. Mas já pensou se ela rejeitar a sua proposta, como ficará o seu cansado coração?

- Quieta, sei do sucesso da minha empreitada, garanto o meu taco. Há mais coisas que você ainda não soube. Aninha veio comigo, ela está me aguardando na charrete lá na sombra daquele juazeiro.

- Ela veio com você?

- Vou chamá-la para você conhecê-la e ver que não estou mentindo. – Levantou da cadeira, foi até a balaústre e gritou. – Aninha! Aninha, faz favor! – Retornou e sentou no mesmo local de antes. – Ela já está vindo. Ali é uma criatura divina, uma santa de coração amoroso e sincero. – A jovem chegou e parou frente a nós dois. – Esta é Aninha, José, a moça de quem estava lhe falando.

- Os senhores estavam falando de mim? – indagou-nos toda sem jeito.

- Estava convidando meu amigo José para ser padrinho do nosso casamento – disse o amigo Raimundo.

- Nosso casamento? – indagou ela surpresa. – Então o senhor quer se casar comigo?

- O quanto antes. Irei hoje mesmo à casa de sua mãe avisar da novidade. Ela haverá de consentir.

- Claro que sim, claro que sim. Minha mãe vai adorar a novidade. Ela tem grande consideração pelo senhor.

- Pare de mim chamar de senhor, logo mais seremos marido e esposa.

- Como eu devo chamá-lo então?

- Chame-me de você, de meu amor, de benzinho. Vou adorar ser chamado de benzinho.

- Então de agora em diante só vou chamá-lo de benzinho, de meu benzinho.

- Você não sabe que tamanha alegria toma meu coração neste instante. Deus ainda olha para mim lá do céu. No apagar das luzes, no final da memorável peça, Ele ainda assim me presenteia com um final nobre de um grande espetáculo.

- O que mais importa é a felicidade de vocês dois – disse a eles.

- A única coisa a tirar meu sono são meus filhos. Ainda não sei como lidar com eles. Não quero desarmonia em minha casa. Se até hoje vivemos unidos, não será de agora em diante que entraremos em conflito.

- Sei uma maneira para resolver este problema – aludi. – Reparta seu patrimônio entre seus filhos antes do seu casamento com Aninha, coloque uma clausura que eles só receberão os dotes após a sua morte.

- Grande ideia... Vou repartir minhas propriedades com meus três filhos. Isso acalmará os ânimos deles, eles ficarão satisfeitos e felizes. Quanto à minha Aninha, também deixarei um bom dote para ela, patrimônio desconhecido por meus filhos, isso eles só saberão no momento certo. Estou tão alegre que preciso retornar para anunciar meu casamento e a partilha dos meus bens aos meus filhos.

- Aninha, você está feliz ao lado do meu compadre Raimundo?

- Claro. Eu sou a mulher mais feliz do mundo. Você não sabe o que tanto sofri neste mundo, agora que encontrei alguém que realmente tem consideração por mim, estou no céu, só tenho a agradecer a Deus. Benzinho é um anjo que caiu do céu em minha vida. Sou um mar de felicidades.

- Sendo assim, marque o casório e me convida para a festança.

- Você será o padrinho do nosso casamento – disse-me Raimundo feliz da vida.

Nós nos despedimos. Eles rompiam alegres montados em uma charrete. Fiquei a refletir sobre os últimos acontecimentos. Dois opostos se unindo para formar uma só felicidade. O amor não tem fronteira e ignora a idade. Não há este negócio de certo e errado, existe a vida a ser vivida. Se estão felizes, o mais certo é lutar pela continuidade do nobre sentimento. Fico feliz por ele que no crepúsculo da existência goza de ânimo para viver dias eufóricos e cheios de energia. Enquanto que eu perco meu tempo em pensamentos e ideias, ele prefere a agitação do corpo. São escolhas, cada uma com as suas vantagens e desvantagens; se não fosse desta forma, não seria uma escolha.

Quando a razão se perde

Na vida o que foi e o que é poderá no segundo após ser totalmente o oposto do que fora. A loucura caminha de mãos dadas com o homem, o homem por si só é um alucinado que poderá se enlouquecer ao extremo por uma simples razão. Nas idas e vindas do meu dia, deparei-me com um louco que um dia fora comportado. Pobre homem que na madura vida que levava servia para a sociedade como motivo de chacotas. É triste presenciar um amigo naquela degradante situação.

- Como tem passado, Paulo? – indaguei-lhe assim que o encontrei após cinco anos.

- Paulo? Ainda me chamam de Paulo? Jamais fui Paulo. Chamo-me Napoleão, não o Bonaparte, apenas Napoleão.

- Você sempre com suas brincadeiras.

- Brincadeiras? Quem é o senhor para pensar assim da minha pessoa? Um estranho a dá palpites na vida alheia. Se não se importa que lhe pergunte: qual é o seu nome mesmo?

- José. Sou seu amigo de infância.

- Amigo de infância? Com nome de José? Jamais! Está enganado. Ou você está com esta conversa para me enrolar? Vejo bem em seus olhos. Você é um nazista disfarçado de comunista. Jamais aderirei a sua causa. Tenho minha própria religião, nela sou o deus maior, todos se curvam perante mim.

- O que aconteceu com você?

- Comigo? Nada. O nazista disfarçado de comunista deseja arrancar de mim alguma confissão que possa ser usada contra mim mesmo no tribunal. Sei de todas suas artimanhas. Você é um agente disfarçado. Pertence a que país? Você trabalha como espião para quem? Fale alguma coisa? Sei que a guerra está preste a eclodir, nela eu guiarei minha grande tropa e avançarei sobre o inimigo sem dó e sem piedade.

- Preciso ir agora.

- Como assim ir agora? Você é meu prisioneiro de guerra. Você sofrerá nas mãos dos meus fiéis soldados. Meu trunfo para ganhar a guerra será você. Pensou que iria me enganar com essa carinha de inocente. Sou esperto, conheço como ninguém artimanhas de pessoas como você. Um nazista disfarçado de comunista. Se tentar escapular, eu atirarei para matar.

Vi a loucura insana nos olhos dele, tive pena, estava ele alucinado, fora da realidade, vivia um sonho acordado.

- Foi um prazer em vê-lo – disse-lhe sorridente. – Preciso ir. Até mais tarde.

- Como assim ir? – Grudou em meu braço. – Você é meu prisioneiro, não vou deixá-lo escapular. Quer ir buscar sua tropa para mim atacar pelas costas. Vai ficar aqui comigo até meus homens chegar. Você é meu prisioneiro.

A filha dele saiu da casa e gritou:

- Pai, o senhor está machucando José.

- Machucando? Ele é meu prisioneiro e levará um boa surra assim que meus homens chegarem.

A moça conseguiu levar o pai para um canto da casa, de lá ele ficou a mim observar. Nunca mais na minha vida eu me esqueci daqueles olhos, olhos da insana loucura.

- Você não me engana, você é um nazista disfarçado de comunista. Sou dono deste império imenso, assim que conquistar suas terras serei maior que Alexandre O Grande. O mundo será pequeno para todo o meu poder. Serei um deus. Só mais um pouquinho e meu exército estará marchando sobre o seu país.

Deixei a residência do meu amigo de infância, pois agora nem mais sei o que somos. Amizade assim não é amizade. Tenho por ele muito carinho e respeito, espero que Deus recoloque o juízo perdido no lugar certo da cabeça dele. O que somos nós neste mundo? A loucura quando bate à porta rouba a alma do dono da casa. Aquele olhar perdido ainda vaga em meu coração.

A hora do adeus

Hoje não levantei muito bem. Sinto um desconforto latente em meu ser, algo estranho, sensação esquisita. O que será? Prenúncio de morte? Vá saber, nunca morri antes. Estou pesado, parece que irei desmoronar. Meu espírito se aflouxa em meu corpo. Vou apreciar os raios solares, olhar o derredor da casa, ver minhas velhas fotografias, conversar com meus filhos. Se for o dia da minha partida, que pelo menos tenho esses últimos deleites. Só em pensar que o amanhã já não me terá mais, chego a tremer minha consciência. Eu sou apenas um insignificante ponto para o mundo, nada se alterará após minha despedida. Essa cadeira de balanço, companheira de muitos anos, continuará por aí até sumir por completo. Para que tantos pensamentos descabidos em uma hora assim? Pensar para mim é pura perda de tempo. Para que entender, se a morte me abraça. Mas esta cabeça insiste em me martelar, martela como uma furadeira. Vou gozar do calor eterno do sol.

O rei estrelar me toca com seus ramos incandescentes de calor, revigora meu existir. Que prazer. Como é bom a vida. Respiro este ar puro do campo. Escuto os sons dos bicos dos pássaros. Estou feliz, feliz com o que me é oferecido sem ser pedido ou buscado. Perdi meu tempo procurando riquezas. O que um dia pensei ser meu, o que enverguei ferrenha luta para conseguir, não me pertence. Passar a vida toda cego, surdo e mudo. Perdi meu tempo, perdi minha jornada. Do que valeu suar em demasia? Fui um louco desembestado, uma fera irracional, uma mula de carga dos meus obtusos desejos.

Não quero mais ver fotos. O passado passou. Meu presente vai se esvaindo. O futuro minha interrogação pronta a si desvelar. Daqui a pouco transporei minha ponte, saltarei da vida para a noite dos dias. Mas se não for hoje? Se for amanhã? Depois? Ou um pouco mais pra frente? Algo me diz que será hoje. Se for para ser, que seja.

As horas do dia vão passando com rapidez de minutos. A corda que me agarro para não cair vai chegando ao seu fim. Um pavor estranho aperta-me o coração. Escuto profundamente o badalar do relógio: tic, tac, tic, tac... E quando chegar a noite, o que farei? Tenho medo de fechar os olhos e não os abrir mais. Tenho medo do sono profundo, sem sonhos, sem vida, sem ar, só o nada e a nebulosa escuridão negra. Não posso dormir, vou permanecer acordado, ela quer me pegar sorratamente. Se quer me derrubar, que me derrube olhando nos meus olhos. Desejo ver seu rosto, desejo sentir seu cheiro, preciso dialogar um pouco com você. Dormindo de jeito nenhum.

Meu filho vem vindo, vou conversar com ele um pouco. A saudade martela em meu peito. Até lágrimas escorrem dos meus cansados e secos olhos. Meu filho, deixarei sozinho neste mundo. É, ele possui esposa e filhos, não estará sozinho. Só estarei eu no além.

- Pai, como o senhor está? Está com uma aparência muito boa. Parece um jovem de dezesseis anos.

- Deixe de brincadeira, meu filho, não faça gracinhas com seu velho pai. Dê um abraço forte no seu genitor. Sempre é bom abraçar as pessoas das quais gostamos. Quando velho, todo momento poderá ser o instante da despedida.

- O senhor está tão bem que ainda terá muitos anos de vida. Deixe de si preocupar com essas coisas. Pelo menos uns dez anos mais o senhor tem para gozar.

- Filho, sente-se comigo e vamos ter um dedo de prosa.

- Minha esposa está me aguardando. O senhor bem sabe como ela tem nervos de ferro. Amanhã cedo retornarei para prosearmos a vontade. Amanhã estarei livre o dia todo.

- Amanhã a Deus pertence, meu filho. Vá cuidar dos seus compromissos. Amanhã você retorne.

Meu filho rompe incrédulo quanto ao amanhã. Em vez de conversa, lembranças e lágrimas. Será que é coisa da minha cabeça? Talvez eu esteja

bem mesmo como meu filho acabou de dizer. O fim está sempre próximo, nós é que não atentamos aos fatos. Viver é um risco constante de morte. Meio-dia vem vindo, vou saborear uma simples comida. Quero comer arroz, feijão, abóbora, maxixe e um pedacinho de toicinho que vem com o feijão. Mas antes vou beber um golinho da “branquinha” e fumar um cigarro de palha que há anos deixei de fazer. Já que vou morrer, pelo menos sacio minha vontade.

As horas correm em disparadas como os últimos acontecimentos. Já não sinto mais prazer em fumar, nem em beber pinga. O que vou levar comigo é o sabor agradável da abóbora com pequi. Se fosse para eu escolher o momento da partida, pediria para ser após uma farta chuva no sertão. Mas estamos no inverso, aqui não chove nesta época, o verão ainda está distante no horizonte, meus passos não alcançarão tal pedaço do caminho, vou amarrar meu jegue na esquina próxima. Ao nascer tinha várias pessoas a me aguardarem; na morte, morrerei sozinho em um canto triste do mundo, eu e meus pensamentos. Que tédio.

A noite agora vai chegando sorrateira, triste e nebulosa. Ela é a arapuca pronta para me agarrar com suas afiadas unhas. Se deseja me matar, que me mate de olhos bem abertos. Quero ver seu rosto. Não vou dá o gosto do sono. Seremos nós dois frente a frente. Vou apreciar o firmamento, vou observar as estrelas. O céu está carregado de nuvens que passam em alta velocidade, faz frio, momento ideal para uma partida. Quanta tristeza em meu coração. Queria permanecer por aqui por mais uma temporada, por um tempo mais. Preciso permanecer em pé, não posso deitar tampouco sentar. Ela só espera por um vacilo meu. Se eu fechar meus olhos para o sono, fechá-lo-ei para a vida também.

O nascer de uma criança é um novo mundo que se desabrocha dentro deste complexo mundo. Os mundos que aqui estão se misturam formando a realidade presente. Cada mundo modificando os acontecimentos, pintando um ponto da tela. Se a criança abre os olhos para gozar e sofrer, eu fecho meus olhos por ter gozado e sofrido em demasia. Contrastes que sempre se contrastam constantemente desde o primórdio dos tempos.

Vêm-me a mente nomes de pessoas que já cruzaram a ponte principal da vida. Corro minhas ideias pelas residências mais próximas e vou catando um por um. Quantos amigos já se anteciparam a mim nesta empreitada. Seu João e Dona Maria, Joaquim e sua filha Fátima, três filhos de Manuel Pereira vítimas de acidente, Sebastião se enforcou, Pedro Assunção foi morto a faca, morte feia teve a donzela Rita que morreu lentamente nas mãos insanas de um louco apaixonado. Aqui em casa mesmo a minha esposa. São tantos nomes que perambularam por esta terra e vão

desaparecendo com o correr lento do tempo. Algumas mortes cavam fundo na nossa mente e sempre as lembramos, outras passam como passa o vento todos os dias.

Qual é a única certeza da vida? A morte. Pois então, caminho, dou meus derradeiros passos na ilusão verdadeira desta malograda certeza. As horas vão passando, um novo dia vem se aproximando. Estou aqui sentado na minha cadeira de balanço. Observo a escuridão da madrugada. Breve os primeiros raios de luz começarão a espantar o negro da noite. Meu corpo está cansado, sonolento. Preciso me vigiar. Sei que a morte deseja me pegar. Não posso dormir. Tenho que me manter vigilante. Mas o corpo cobra repouso. Minhas forças vão se esvaindo. Olhe que beleza! A alvorada vem chegando! Ouço os cantos dos pássaros, o barulho do vento... Com a melodia suave e natural do amanhecer, durmo para vida eterna.

Paramirim, 05 de outubro de 2017.



Luiz Carlos Marques Cardoso, nascido a 21 de fevereiro de 1979, na pacata cidade de Água Quente, hoje, Érico Cardoso, na Bahia. Um sertanejo que aprendeu a amar sua terra, o Sertão. Ainda criança transferiu-se, juntamente com toda a família, para a sede do município vizinho Paramirim. Lá estudou e cresceu. Formou-se sem muitos encantos. Com o passar dos anos, foi tocado pela literatura. Voltou a estudar. Formou-se em Ciência Contábeis. Agora, neste singelo momento, concluiu seu terceiro livro. O Ancião.